

**GUILHERME PEREIRA BITTENCOURT**

**PALAVRA, MEMÓRIA E IMAGINÁRIO: A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE  
NA CANÇÃO NATIVISTA SUL-RIO-GRANDENSE**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Letras da Universidade Católica de Pelotas como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguística Aplicada

Linha de concentração: Texto, Discurso e Relações Sociais

**Orientadora: Profa. Dr. Aracy Ernst-Pereira**

**Pelotas  
2010**

B624p Bittencourt, Guilherme Pereira  
Palavra, memória e imaginário : a constituição da subjetividade na canção  
nativista Sul-Riograndense– Pelotas : UCPEL , 2010.

139f.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Pelotas , Programa de  
Pós-Graduação em Letras, Pelotas, BR-RS, 2010. Orientador : Ernst-Pereira,  
Aracy.

1.discurso. 2.memória discursiva. 3.canção nativista. I. Ernst-Pereira,  
Aracy. II. Título.

**GUILHERME PEREIRA BITTENCOURT**

**PALAVRA, MEMÓRIA E IMAGINÁRIO: A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE  
NA CANÇÃO NATIVISTA SUL-RIO-GRANDENSE**

Pelotas, 31 de março de 2010.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Profa. Dra. Verli Fátima Petri da Silveira - UFSM

---

Prof. Dra. Eliane Terezinha do Amaral Campello - UCPel

---

Profa. Dra. Aracy Ernst-Pereira - UCPel – orientadora

## **DEDICATÓRIA**

À Kelen, pela compreensão e pela paciência em adiar outros sonhos para a realização deste.

À minha família pelo entendimento quanto à redução dos nossos encontros.

## AGRADECIMENTOS

Garanto que muitos obstáculos foram transpostos neste caminho. Porém, graças a Deus, tive a felicidade de poder contar com pessoas que possibilitaram ser essa caminhada muito mais amena. Peço desculpas caso esqueça (e sei que esquecerei) de mencionar o nome de alguém nessas linhas, mas tenho certeza de que, em algum momento, minha “memória” retomará esse “esquecimento”. Então, agradeço:

À minha família: Mabel, Roberto, Kelvin, Wesley, Mário e Ilza, pelo apoio incondicional aos meus sonhos.

À minha nova família: Edmar, Sueli, Lian, Suelen, Cristiane e André, pelo carinho.

À Prof<sup>ª</sup>. Aracy – grande exemplo tanto no campo profissional quanto no pessoal – pela sábia orientação, pela sempre carinhosa atenção e pelos “puxõezinhos” de orelha. Obrigado por ter me ajudado a caminhar por uma teoria maravilhosa, que ultrapassa os limites acadêmicos e acaba mudando a visão de mundo das pessoas que com ela têm contato.

À Prof<sup>ª</sup>. Solange Mittmann, pela amizade e por ter, em 2003, auxiliado-me a dar os primeiros passos em Análise do Discurso.

Aos professores do PPG em Letras da UCPel, pela atenção e extensos saberes transmitidos aos alunos.

À Prof<sup>ª</sup>. Carmen – que dirige sabiamente o programa e acolhe como uma “mãezona” a todos que necessitam de seu auxílio – por ter me ensinado a entender e gostar da fonologia e por representar, também, um exemplo de caráter e profissionalismo.

Às professoras Verli e Eliane pelas ótimas dicas propostas na defesa desta dissertação.

À CAPES, pela bolsa concedida.

À dupla César Oliveira e Rogério Melo por ter permitido que sua obra fosse analisada.

À amiga Dulce, pelas liberações do setor de convênios do HU e incentivo aos meus estudos. Ao Leôncio, à Elisa e à Lisiane, por dividir comigo as frustrações durante a escritura deste trabalho.

Ao Jian e à Letícia, pela amizade, pelo carinho e pelos almoços agradabilíssimos em Pelotas.

Aos compadres Chico e Daiane, à Francine e à Gabriele, pela alegria nos momentos de descanso.

Aos amigos, Alex (Feio) e Luciane, Vinícius e Deise, Cleber e Danae, Paulinho (Joaninha) e Piuí, pelas risadas, pelo carinho e pela compreensão no afastamento; Ao Vinícius e ao Paulinho, um agradecimento especial, por sempre estarem dispostos a socorrer um amigo.

À turma XV do Mestrado em Linguística Aplicada da UCPel, em especial, ao Gabriel (à sua namorada Celina e família) e ao Zeca (à Cláudia e às pequeninas), pela amizade e pela ajuda constantes. Foram descobertas do mestrado que se tornarão amigadas para a vida toda.

À Valquíria, pelo carinho e amizade.

Ao Catulo e à Bina, pelo afeto e pelo livro que me motivou a repensar à temática nativista.

Para finalizar, a todos aqueles que um dia duvidaram de minhas conquistas, pois suas opiniões serviram como combustível para minha força de vontade.

“A ignorância afirma ou nega veementemente; a ciência duvida”.

(Voltaire)

## RESUMO

Este trabalho examina a representação do sujeito campesino gaúcho nas canções que compõem o DVD *Pátria Pampa*, de César Oliveira e Rogério Melo, a fim de analisar como se dá a constituição da subjetividade no interior de uma formação discursiva tida como *nativista-tradicional* e como essa representação acaba agindo na interpelação dos sujeitos sul-rio-grandenses. Para isso, são utilizados pressupostos provenientes da Análise do Discurso de linha francesa (AD), no intuito de investigar os discursos nativistas em sua dimensão histórico-social. Esses pressupostos facultam um olhar analítico que alia a observação de elementos da cadeia significativa a determinações de caráter ideológico, permitindo um trabalho interpretativo de apreensão da historicidade do sujeito campesino sul-rio-grandense. Mais especificamente, esta pesquisa busca refletir sobre o funcionamento de interdiscursos, focalizando o apagamento e a recorrência de elementos da memória discursiva nas músicas de raiz, em sua relação com as formações imaginárias em jogo na enunciação, e as pistas de reconhecimento de posições-sujeito, ligadas à representação do gaúcho campeiro – homem explorado e discriminado social e financeiramente por outra formação – como herói mítico, ideal de bravura, coragem e força. A partir desses pontos, o processo de mitificação do peão-campeiro é questionado. Reflete-se, então, se esse processo é fundamentado na identificação dos sujeitos com as características e ações historicamente constituídas como pertencentes aos campeiros e/ou em mecanismos de poder que mascaram a ideologia dominante, naturalizando fatos com vistas ao controle e manutenção do *status quo*. Cabe dizer que as canções de raiz sulinas foram elencadas, neste estudo, por serem concebidas como grande veículo ideológico, à medida que possibilitam a divulgação dos discursos nativistas de maneira bastante popular através da música. Ressalte-se, ainda, que a implementação da análise dá-se a partir da noção de *recorte*, sendo o corpus analítico deste estudo formado pelas *sequências discursivas de referência* (sdr) extraídas das referidas canções.

**Palavras-chave:** Discurso, memória discursiva e canção nativista.

## RESUMÉE

Ce travail concerne la représentation des sujets gauchos dans des chansons qui composent le DVD *Pátria Pampa*, de César Oliveira et Rogério Melo, afin d'analyser comment prend forme la constitution de la subjectivité à l'intérieur de la formation discursive nommée *nativiste-traditionnelle* et comment cette représentation agit dans l'interpellation des sujets sul-rio-grandenses. Pour y parvenir, on utilise des présupposés provenant de l'Analyse du Discours française (AD) avec le but d'investiguer des discours nativistes dans leur dimension historique-sociale. Ces présupposés proposent un regard analytique que combine l'observation d'éléments de la chaîne signifiante à des déterminations de caractère idéologique, permettant un travail interprétatif d'appréhension de l'historicité des sujets sul-rio-grandenses. Plus spécifiquement, le but de cette recherche est réfléchir sur le fonctionnement de l'interdiscours, en focalisant l'effacement et la récurrence d'éléments de la mémoire discursive dans la musique nativiste, dans sa relation avec les formations imaginaires présentes dans l'énonciation et les pistes de reconnaissance de positions-sujet liées à la représentation du gaucho – l'homme exploré et discriminé social et financièrement par une autre formation – en tant qu'héros mythique lié à un idéal de bravoure, de courage et de force. À partir de ces points, on met en question le processus de mythification du "peão"/paysan-campagnard. On réfléchit donc sur si ce processus est fondé dans l'identification des individus avec les caractéristiques et les actions historiquement constituées comme appartenant aux sujets gauchos et/ou dans des mécanismes de pouvoir qui masquent l'idéologie dominante, en naturalisant des faits qui visent le contrôle et la manutention du *status quo*. Il est important de signaler que les chansons originaires du sud du Brésil ont été choisies à cette étude car elles sont conçues comme un grand véhicule idéologique dans la mesure où elles permettent la divulgation des discours nativistes d'une façon fortement populaire à travers la musique. On met en évidence aussi le fait que l'implémentation de l'analyse a été réalisée à partir de la notion de "recorte" (Orlandi, 1984 e 1996) et que le corpus analytique de cette étude est formé par des *séquences discursives de référence* (sdr) extraites des chansons référées.

**Mots-clés:** Discours, mémoire discursive et chanson nativiste.

## ABSTRACT

This work examines the gaucho peasant representation in the songs that are part of the *Pátria Pampa* DVD, by César Oliveira and Rogério Melo, in order to analyse how the subjectivity constitution takes place in a discourse formation seen as *nativist-traditional* and how this representation ends up acting in the interpellation of the south-riograndense subjects. In order to do so, assumptions of the French Discourse Analysis (DA) are used aiming at investigating the nativist discourses in their social-historical dimension. These assumptions provide an analytical view that joins the observation of significant chain elements to determinations of the ideological character, allowing an interpretative work of the historicity apprehension of the south-riograndense peasant subject. More specifically, this research aims at reflecting on the interdiscourse functioning, focusing on the deletion and the recurrence of discourse memory elements in the roots songs, in their relation with the imaginary formations present in the enunciation and the clues to identify the subject-positions, connected to the representation of the countryman gaucho- a socially and economically exploited and prejudiced man by another formation- as a mythic hero, a bravery, courage and strength ideal. From these points, the contryman-turning-into-myth process is questioned. Therefore, it is reflected whether this process is fundamented on the subject identification with the characteristics and actions historically constituted as belonging to the countrymen and/or in power mechanisms that mask the dominant ideology, naturalizing facts so as to control and maintain the *status quo*. It is important to point out that the south roots songs were chosen for they are conceived as a huge ideological vehicle, since they make it possible to broadcast the nativist discourse in a popular way through music. It is also important to point out that the analysis implementation takes place from the notion of *extract* and the analytical corpora of this study is formed by the *reference discourse sequences* (rds) taken from these songs.

**Key-words:** Discourse, discourse memory and nativist song.

## SUMÁRIO

<b>1 ABRINDO O PEITO: INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2 RETRATO DE PAMPA: CONTEXTUALIZAÇÃO DA FORMAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE.....</b>	<b>18</b>
2.1 TEMPO DO CAMPO A FORA: FORMAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL.....	18
<b>2.1.1 Jeito fronteiro: a colonização da região das Missões.....</b>	<b>18</b>
<b>2.1.2 A água costeia o cerro: a colonização pelo litoral.....</b>	<b>20</b>
2.2 DO GARRÃO DA PÁTRIA: SUJEITOS SULINOS.....	21
<b>2.2.1 A indiada arrastando espora: o peão campeiro.....</b>	<b>22</b>
<b>2.2.2 Em busca do mesmo ouro: o estancieiro (detentor do poder).....</b>	<b>25</b>
<b>2.2.3 Na riqueza do meu mundo: o índio.....</b>	<b>26</b>
<b>2.2.4 Até a alma estropiada: o escravo.....</b>	<b>27</b>
<b>2.2.5 No jardim defronte as casa: a mulher.....</b>	<b>28</b>
2.3 TRAMANDO AÇO EM PELEIAS: AS GUERRAS.....	29
2.4 PRA GUITARREAR NAS AURORAS: EXPRESSÃO DA ARTE.....	31
<b>2.4.1 Mandando a palavra "botá" no serviço: a literatura gaúcha.....</b>	<b>31</b>
<b>2.4.2 Se pudesse cantar versos: o cancionista rio-grandense.....</b>	<b>35</b>
2.5 ME CALA FUNDO: GEOGRAFIA DA REGIÃO.....	37
<b>2.5.1 Troveja o céu do Rio Grande: o clima.....</b>	<b>37</b>
<b>2.5.2 De várzea, trevo e coxilha: o relevo.....</b>	<b>37</b>
<b>2.5.3 Num corredor aramado: as fronteiras.....</b>	<b>38</b>
<b>3 É LIDA BRUTA: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>39</b>
3.1 RETRATADO NA ESTAMPA: FORMAÇÃO IDEOLÓGICA E FORMAÇÃO DISCURSIVA.....	40
3.2 QUE ARRODEIA: INTERDISCURSO.....	42
<b>3.2.1 Eco do berro: o interdiscurso como discurso transversal.....</b>	<b>43</b>
<b>3.2.2 Doma tradicional: o interdiscurso como pré-construído.....</b>	<b>44</b>
3.3 NO RASTRO DOS OUTROS: MEMÓRIA, ATUALIDADE E ANTECIPAÇÃO.....	46
3.4 ENTRE MANHAS E SEGREDOS: SUJEITO (DO ASSUJEITADO À TOMADA DE POSIÇÃO).....	47
3.5 AO ENCONTRO OU A BICO DE BOTA: IDENTIFICAÇÃO, DES-IDENTIFICAÇÃO E CONTRA-IDENTIFICAÇÃO.....	50
<b>4 PRA VER MELHOR: DISPOSITIVO TEÓRICO-METODOLÓGICO DE ANÁLISE.....</b>	<b>52</b>
4.1 SER ASSIM: LUGAR DA ENUNCIÇÃO E FORMAÇÃO IMAGINÁRIA.....	52
4.2 TROPEANDO FRASES: SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS DE REFERÊNCIAS.....	53
4.3 MUNDO "VÉIO": CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO MUSICAL NATIVISTA.....	56
<b>4.3.1 Das bibocas da história: surgimento da música regional sulina.....</b>	<b>57</b>
<b>4.3.2 Machaço confronto: música tradicionalista, nativista e "tchê music".....</b>	<b>58</b>
<b>4.3.3 Pátria pampa: contexto de enunciação das canções analisadas.....</b>	<b>59</b>
<b>5 A ESTAMPA DE UM PEÃO: ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DOS SUJEITOS SUL-RIO-GRANDENSES NAS CANÇÕES NATIVISTAS.....</b>	<b>61</b>
5.1 UM NÓ QUE NÃO DESATA: ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DO POVO GAÚCHO.....	62
<b>5.1.1 Esta vida é um confronto: valentia do sujeito gaúcho.....</b>	<b>62</b>
<b>5.1.2 Não escondendo a vaidade: amor à terra e às origens.....</b>	<b>69</b>
<b>5.1.3 Hijo de oriental: hibridismo dos sujeitos sul-rio-grandenses.....</b>	<b>73</b>
<b>5.1.4 Bordoneio: música, instrumentos e dança na caracterização do gaúcho.....</b>	<b>76</b>
5.2 NO REPERTÓRIO DA LIDA: REPRESENTAÇÃO DO PEÃO NA LIDA CAMPEIRA.....	80
<b>5.2.1 Espreitando esta faina: elementos característicos da lida campeira.....</b>	<b>81</b>
<b>5.2.2 O sangue pulsa mais forte nas veias: coragem necessária ao trabalho do peão.....</b>	<b>85</b>

5.2.3 <i>Quando o mundo se fez mundo: dificuldades na faina campeira e as adversas origens sul-rio-grandenses</i> .....	88
5.2.4 <i>Aclimatando invernias: influência do clima na vida/lida campesina</i> .....	94
5.3 HERANÇA DE MARAGATO: REPRESENTAÇÃO DO GAÚCHO FRENTE ÀS GUERRAS DE SEU ESTADO.....	97
5.4 QUANDO A GUELA (NÃO) SE ALVOROTA: NEGRO E MULHER – VOZES CALADAS.....	100
5.4.1 <i>O corpo de um peão de estância: representação do negro na temática nativista</i>	101
5.4.2 <i>A polvoadeira levanta: representação da mulher na temática nativista</i> .....	103
<b>6 QUANDO O SOL APAGA AS BRASAS: REFLEXÕES FINAIS</b> .....	<b>105</b>
VEM ESCORANDO: BIBLIOGRAFIA.....	107
NÃO SE PERCA POR AFOITO: ANEXOS.....	110
<b>ANEXO A - AUTORIZAÇÃO PARA A PESQUISA</b> .....	<b>111</b>
<b>ANEXO B - SÍNTESE BIOGRÁFICA DOS INTÉRPRETES</b> .....	<b>112</b>
<b>ANEXO C - LISTAGEM DOS TÍTULOS DAS CANÇÕES ANALISADAS</b> .....	<b>113</b>
<b>ANEXO D - CANÇÕES ANALISADAS</b> .....	<b>114</b>
<b>2 - APAYSANADO</b> .....	<b>114</b>
<b>3 - DE VIDA E TEMPO</b> .....	<b>116</b>
<b>4 - CRESCENTE MACHARRONA</b> .....	<b>116</b>
<b>7 - MILONGA MARAGATA</b> .....	<b>119</b>
<b>8.B - LÁ NA FRONTEIRA</b> .....	<b>121</b>
<b>9 - PREGO NA BOTA</b> .....	<b>122</b>
<b>10 - RETRATO DE PAMPA E INVERNADA</b> .....	<b>123</b>
COMPOSIÇÃO: ANOMAR DANÚBIO VIERA, ROGÉRIO MELO E LUCIANO MAIA.....	123
<b>11 - SOB AS MANGAS DO AGUACEIRO</b> .....	<b>124</b>
COMPOSIÇÃO: ANDRÉ OLIVEIRA E ROGÉRIO MELO.....	124
<b>12 - NO RUMO DE UM CORAÇÃO</b> .....	<b>124</b>
<b>COMPOSIÇÃO: CÉSAR OLIVEIRA E EDUARDO SOARES</b> .....	<b>124</b>
<b>13 - ROÇANDO AS "VIRIA"</b> .....	<b>125</b>
COMPOSIÇÃO: ROGÉRIO VILLAGRAN E CÉSAR OLIVEIRA.....	125
<b>14 - ZAMBA DE MI ESPERANZA</b> .....	<b>126</b>
<b>15 - BASTOS, POTROS E GUITARRAS</b> .....	<b>127</b>
<b>16 - ROMANCE DO MASCARADO</b> .....	<b>128</b>
<b>17 - MACHAÇO CONFRONTO</b> .....	<b>129</b>
<b>18 - DA ALMA DE DOM EMÍLIO</b> .....	<b>129</b>
<b>19 - CABANHA TORO PASSO</b> .....	<b>131</b>
COMPOSIÇÃO: MAURO MORAES.....	131

<b>20 - PRA BAILAR DE COLA ATADA.....</b>	<b>131</b>
COMPOSIÇÃO: ANOMAR DANÚBIO VIERA E JULIANO GOMES.....	131
<b>21 - VIDA DE PEÃO.....</b>	<b>133</b>
<b>ANEXO E - LISTAGEM DE SDR.....</b>	<b>134</b>
<b>ANEXO F - CANCIONEIRO.....</b>	<b>138</b>

## 1 ABRINDO O PEITO: INTRODUÇÃO

Não se pode negar o fato de que aqueles que trabalham com canções, fazem-no por apresentarem afinidade com o espaço musical. É o caso deste trabalho. Pode-se dizer que a apreciação dos ritmos e das temáticas nativistas propiciou o questionamento dos discursos das canções de raiz sulinas, mais precisamente das presentes no DVD *Pátria Pampa*, de César Oliveira e Rogério Melo, disco que conjuga, em seu repertório, os principais títulos interpretados nos cinco primeiros anos da referida dupla.

A indagação que propiciou a escrita deste trabalho surgiu a partir da percepção de que as letras das canções integrantes desse disco falavam de sujeitos gaúchos frente às mais variadas adversidades, tais como: guerras ocorridas na formação do RS, dificuldades da rude lida campeira, intempéries climáticas que acompanham o povo sulino, entre outras. Notou-se que esses discursos defendiam a idéia de ser o sujeito gaúcho formado por tais dificuldades e que elas determinariam suas ações e seu modo de viver. Assim, refletindo acerca dos discursos nativistas atuais, surgiu a suspeita de que sua constituição advinha de uma memória discursiva tradicionalista que defende a constituição do povo do RS pelas *peleias*.

Entendendo, pois, que o homem campestre, guerreiro e forte frente às batalhas da vida, é visto, nas canções sulinas de raiz, como representante do povo gaúcho, fato impregnado no imaginário dos sujeitos nativistas, resolveu-se analisar, por intermédio de elementos da linearidade discursiva que apontam para a historicidade dos sentidos, as representações do sujeito gaúcho presentes nessas canções. No estudo da relação indissociável materialidade linguística x materialidade histórica, utilizaram-se diferentes conceitos, sendo o principal, a memória discursiva. Esse conceito revelou-se fundamental para identificar elementos de formação do gaúcho pampiano, presentes na música<sup>1</sup> de raiz, e que o interpelam; em outras palavras, os saberes advindos do passado dão sustentação às canções nativistas atuais e aos sujeitos, constituindo-os ideologicamente. Esses saberes, provenientes da memória discursiva (interdiscurso) tradicional, agem na afirmação da descendência gaúcha, na defesa da rudeza do homem do RS devido a sua dura faina campeira – que é cercada por ações violentas, como a doma de animais xucros ou manejo e abate de gado – ou, ainda, na explicação de que o povo sulino nasceu tendo dificuldades em relação às intempéries de um clima subtropical que se caracteriza por um inverno muito frio e chuvoso e um verão quente

---

<sup>1</sup> Utiliza-se, neste trabalho, o termo música como hiperônimo que representa o instrumental associado às letras nativistas. Essa utilização se dá para evitar a repetição excessiva do termo canção.

marcado pela seca. Tais fatos históricos e geográficos estão intrinsecamente ligados ao modo de ser do gaúcho.

Como objetivo geral, esta pesquisa tem por finalidade analisar as representações do gaúcho nas canções presentes no DVD *Pátria Pampa* em busca da investigação de elementos na cadeia significativa que permitam compreender o sujeito campesino sul-riograndense identificado a determinadas ideologias. Para tanto, como objetivos específicos, esse trabalho propõe, a partir dos conceitos provenientes da AD francesa, observar o funcionamento discursivo das canções nativistas, abordando a temática do sujeito sulino forte frente ao embate; analisar o apagamento e a recorrência de elementos da memória discursiva nas músicas de raiz em sua relação com as formações imaginárias em jogo na enunciação; verificar as adjetivações utilizadas como pistas de reconhecimento de posições-sujeito ligadas à transformação do gaúcho campeiro, homem explorado e discriminado social e financeiramente, em herói mítico, ideal de bravura, coragem e força; investigar se o processo de mitificação do peão campeiro instaura-se através da identificação dos sujeitos com as características e ações historicamente constituídas como próprias desses sujeitos e/ou de mecanismos de poder que mascaram a ideologia dominante, naturalizando fatos com vistas ao controle e manutenção do *status quo*. Assim sendo, esse trabalho se propõe a fazer um levantamento dos elementos discursivos que auxiliam na interpelação dos sujeitos a se identificarem com uma formação social dita como nativista, para observar como acontece a evolução do gaúcho campeiro de discriminado a mito.

Cabe salientar que, apesar de existirem muitos trabalhos sobre música e cultura gaúcha no ambiente acadêmico, na área da AD, são raros os que têm se utilizado dessa temática. Acredita-se que, por ser pouco explorada academicamente, a música nativista pode evidenciar aspectos interessantes, relacionados à formação de subjetividade e de sentidos, revelando-se num importante objeto de análise.

Este estudo pretende ajudar no desvelamento das determinações ideológicas que engendram os discursos nativistas. Isso se fará, conforme dito anteriormente, através da ligação entre linguagem e história, elementos que propiciam a identificação dos indivíduos com certas formações sociais e discursivas. Essa identificação leva os sujeitos a se perceberem como integrantes da comunidade nativista.

A escolha das canções nativistas como objeto de estudo deu-se em razão de veicularem determinados saberes para uma grande massa populacional, sendo importantes formadoras de opinião. Quanto aos intérpretes, César Oliveira e Rogério Melo, foram selecionados, porque, além de configurarem uma preferência pessoal, são, em meio a um

contexto que valoriza a música gaúcha comercial (sem maiores preocupações com a cultura musical sul-rio-grandense), representantes fiéis da tradição sulina, aí buscando inspiração para as letras de suas canções. Mesmo que as canções, algumas vezes, sejam escritas por outras pessoas, sua seleção e produção são realizadas pela dupla.

O *corpus* empírico deste trabalho é constituído pelas 21 canções que integram o referido DVD. Todavia, para fins analíticos, os enunciados que as compõem serão submetidos à segmentação, a partir da noção de *recorte* (Orlandi, 1984 e 1996). A seleção compreende a representação do corpus por sequências que, frente aos objetivos da pesquisa e às condições de produção definidas, constituem o *corpus* discursivo a ser analisado.

Cabe dizer que o recorte, enquanto meio operacional de análise, definiu, por um lado, a escolha das sequências discursivas de referência das canções que compõem o DVD *Pátria Pampa*, de César Oliveira e Rogério Melo; por outro, oportunizou o gesto analítico para a compreensão da inscrição histórica das palavras, da incompletude do sujeito e do sentido.

Esse gesto analítico necessita levar em consideração as condições de produção do discurso que, no presente trabalho, são definidas no capítulo 2 – *RETRATO DE PAMPA: CONTEXTUALIZAÇÃO DA FORMAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE*. Nele encontram-se elementos históricos e geográficos do estado do Rio Grande do Sul. Um panorama é traçado desde sua fundação/ocupação, observando-se aspectos econômicos, geográficos, históricos e culturais.

Consecutivamente à contextualização desses aspectos, no capítulo 3 – *É LIDA BRUTA: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA* – evidenciam-se os conceitos-base do arcabouço teórico da Análise de Discurso de filiação pecheuxtiana, que fundamentam as análises. Alguns desses conceitos, como: *sujeito*, *assujeitamento* e *formação discursiva*, são vistos através de diferentes perspectivas, segundo posições que foram surgindo durante o percurso teórico da Análise do Discurso, desde sua inauguração, em meados da década de 60, até os tempos atuais. Como sustentação do corpus conceitual deste trabalho, convocam-se os seguintes autores: Pêcheux<sup>2</sup> (1990, 1993, 1995, 1997 e 1999), Fuchs e Pêcheux (1997), Authusser (1985), Courtine (1999 e 2009), Orlandi (1984, 1990 e 1996), Indursky (2002) e Petri (2004).

---

<sup>2</sup> São evidenciados nessa citação os anos das edições estudadas, posteriormente, na análise, será mostrado ano de lançamento e ano de publicação da edição estudada, como no exemplo: PÊCHEUX [1975(1995)], que se refere à obra *Semântica e Discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*.

Esses autores propiciam o estudo de conceitos que servem como dispositivos teóricos e analíticos para a verificação dos discursos nativistas representados nas canções analisadas.

No capítulo 4, intitulado *PRA VER MELHOR: DISPOSITIVO TEÓRICO-METODOLÓGICO DE ANÁLISE*, apresentam-se elementos da teoria que se configuram em gatilhos de análise e os procedimentos adotados na constituição e análise do *corpus*.

A análise das sequências discursivas de referência (*sdr*) será realizada no capítulo 5 – *A ESTAMPA DE UM PEÃO: ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DOS SUJEITOS SUL-RIO-GRANDENSES NAS CANÇÕES NATIVISTAS* – seguindo os pressupostos teóricos adotados e buscando dar conta dos objetivos propostos. Já o capítulo 6 – *QUANDO O SOL APAGA AS BRASAS: REFLEXÕES FINAIS* – traz as conclusões quanto à análise, fechando esta proposta de trabalho.

## **2 RETRATO DE PAMPA: CONTEXTUALIZAÇÃO DA FORMAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE**

Nenhuma dominação social pode subsistir sem uma dominação ideológica. (Décio Freitas)

Guilhermino César (1971) salienta que o território de São Pedro, até a colonização alemã e italiana (1824 e 1875, respectivamente), foi povoado basicamente por paulistanos, lagunenses, portugueses (sobretudo açorianos), espanhóis, guaranis e negros. Essa heterogeneidade de raças e, por conseguinte, costumes e tradições, é um aspecto importante na formação do Rio Grande do Sul, uma vez que se pode notar que as distintas culturas advindas desses povoadores fundamentam o modo de ser do sujeito gaúcho<sup>3</sup>.

### **2.1 TEMPO DO CAMPO A FORA: FORMAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL**

A princípio, pode-se tratar como marcos iniciais para o desenvolvimento da sociedade que hoje se tornou o Rio Grande do Sul: primeiramente a colonização da região das Missões (colonização espanhola) e, posteriormente, a chegada dos portugueses a Rio Grande.

#### **2.1.1 *Jeito fronteiro*: a colonização da região das Missões**

Até a chegada dos jesuítas (espanhóis) às terras próximas ao Rio Uruguai em 1626, esse território era habitado por indígenas. A chegada espanhola à região platina configurou-se como um dos marcos formadores do Rio Grande do Sul, uma vez que, a partir do abrandamento do ímpeto indígena, seja pela força da cultura cristã ou pela chaga imprimida pelas espadas dos capitães de mato, pôde-se obter mão de obra qualificada, o gado (bovino, ovino e equino) e, ainda, o ventre das índias, o que ocasionou a dispersão do sangue indígena pela província.

Notando a força política dos jesuítas na região missioneira, e pensando na possibilidade de maior controle econômico da parte meridional brasileira, a Coroa portuguesa ofereceu gigantescos latifúndios no extremo sul do Brasil para pessoas dignas de crédito

---

<sup>3</sup> O termo *gaúcho* funciona como hiperônimo, caracterizando os gaúchos da cidade, do campo, estancieiros e peões. Cabe ressaltar que, até a instalação da imagem de gaúcho mítico, esse termo (assim como o termo gaudério) possuía um valor pejorativo.

(militares, homens de renda) para que esses lucrassem com o gado fugido das reduções missioneiras e cuidassem das suas terras quanto à ocupação de contrários à Coroa, espanhóis e vagabundos errantes, os quais ou eram incorporados à força de trabalho, ou eram mortos como invasores. A esses homens que vagavam de terra em terra foi dada a alcunha de gaúcho ou gaudério. Ainda, a esses era relacionada a habilidade de montar (herdada dos indígenas, principalmente dos guaranis) e a prática de estupro das índias, ação herdada dos bandeirantes e soldados imperiais. Por isso, os homens que vagavam pela pampa, vistos anteriormente à construção dos latifúndios como livres, ou se domesticavam ao trabalho nas estâncias ou eram perseguidos, uma vez que começaram a herdar também uma fama de não possuir moral.

Segundo Dreys (1961, p.160):

Sem chefes, sem leis, sem polícia, os gaúchos não têm da moral se não ideias vulgares e, sobre tudo, uma sorte de probidade condicional que os leva a respeitar a propriedade de quem lhes faz benefícios ou de quem os emprega ou neles deposita confiança.

Pode-se dizer, então, que a disseminação de uma má fama aos gaudérios “livres” dava assistência aos grandes latifundiários no asseguramento da força de trabalho, na medida em que o gaúcho/gaudério que não trabalhasse nas estâncias como peão seria visto como vagabundo e desordeiro. Assim, pode-se afirmar que o vínculo desse homem ao seu empregador deu-se, a princípio, pela veiculação ideológica da afirmativa de que quem não trabalhava nas estâncias era marginal, delinquente.

Notando a necessidade de mão de obra especializada e barata do gaúcho para a lide pecuária, foi ideologicamente que a elite rural sul-rio-grandense encarregou-se de denegrir àqueles indivíduos de vida errante, pregando sua inimidade à ordem e aos valores sociais, uma vez que não possuíam “lei nem rei”. Assim, um número maior de gaudérios começou a ser incorporado à mão de obra rural de forma assalariada, tornando-se, muitas vezes, soldados utilizados na frente de combate em guerras territorialistas.

O número de andarilhos errantes no pampa diminuiu consideravelmente após a marginalização de sua figura. No início do século XIX, uma imagem de gaúcho renasceu como instrumento de sustentação e imposição ideológica dos mesmos grupos que os tinham destruído. Desse modo, a exaltação de alguns valores gaudérios como resistência, rudimentarismo, força, lealdade, serviram como método de infundir ânimo ao combatente das diversas batalhas que marcam esse século. Da mesma maneira que o escravo era fomentado a

lutar nas guerras sulinas pelas promessas de liberdade, o gaúcho era instigado por “injeções” ideológicas que valorizavam sua bravura e, ao mesmo tempo, encobriam sua exploração.

Nesse período, os possuidores do poder já contavam com alguns veículos ideológicos bastante poderosos como aliados: as manifestações da cultura popular (jornais, livros, política), elementos básicos culturais da elite, cuja difusão ajudou a reforçar predicados de um estereótipo extinto, o gaúcho errante do passado. Deste modo, a elite cultural cultivou no sujeito sulino a nostalgia de um mundo tradicional e, por conseguinte, instigou a admiração popular aos gaudérios, seres imparciais já que não estavam ligados nem à imagem de estancieiro, nem à de trabalhador.

Já que nessa época o gaudério truculento havia sido domesticado, não buscando no confronto a resolução para seus problemas, o saudosismo de uma época dita como tradicional e fundadora tornou-se tática dos dominadores para assegurar a lealdade de seus peões, na medida em que, a afiliação dos senhores aos dominados livrava-lhes da violência.

Em meados do século XX, em 1948 surgiram em todos os pontos do estado e alguns do Brasil os CTGs, cuja característica básica era divulgar os valores tradicionais, podendo ser vistos, dessa maneira, como elementos de manutenção e disseminação da ideologia tradicionalista. O 1º CTG do Brasil foi o *35 Centro de Tradições Gaúchas*, fundado por Barbosa Lessa e João Carlos Paixão Côrtes<sup>4</sup>.

### **2.1.2 A água costeia o cerro: a colonização pelo litoral**

Até a chegada dos portugueses ao extremo meridional da América do Sul, por volta de 1720, os espanhóis tinham posse da área que hoje é o RS. Todavia, essa posse foi bastante disputada política, financeira e militarmente entre Espanha e Portugal, mesmo sendo garantida posse do território ao extremo sul do novo mundo à Espanha pela firmação do Tratado de Tordesilhas em 1494.

Em 1627, com a criação das reduções missioneiras pelos jesuítas espanhóis, os portugueses sentiram ameaçado o domínio de suas terras brasileiras. Então, em 1680, resolveram tomar as missões para seus domínios, expulsando os jesuítas espanhóis e criando a Colônia do Sacramento. Em 1687, os espanhóis retomaram novamente suas reduções e instituíram os Sete povos das Missões.

---

<sup>4</sup> Ver, a esse respeito, PAIXÃO CÔRTEZ, João Carlos. Tradicionalismo Gauchesco – Nascer, Causas & momentos. Caxias do Sul: Editora Lorigraf, 2001.

Na segunda década de 1700, os colonizadores portugueses chegaram à região que hoje se situa a cidade de São José do Norte para apropriação e criação do gado *cimarron*. No entanto, o povoamento efetivo dessa região se deu a partir da chegada de uma expedição militar portuguesa, em 1737, comandada pelo Brigadeiro José da Silva Paes à localidade que se constituiu a cidade de Rio Grande. Nesse local foi fundado, às margens da Laguna dos Patos, um presídio. Em seguida, essa prisão tornou-se uma fortificação militar, denominada Jesus Maria José, cuja construção gerou o desenvolvimento de um vilarejo na região e foi marca efetiva da colonização lusitana no sul do Brasil. Esse Forte tinha como função, a princípio, garantir a posse de terras da Coroa portuguesa na região e, posteriormente, dar apoio logístico às tropas lusitanas na conquista de maior território. Essa necessidade de conquista territorial marcou a formação do sul-rio-grandense, uma vez que motivou diversas lutas entre espanhóis e portugueses.

Os colonizadores portugueses foram responsáveis pela introdução da cavalaria militar no RS. O regimento dos *Dragões*, que desembarcou com Silva Paes em Rio Grande, era um grupo de soldados fortemente treinados para lutar a pé ou a cavalo e foi responsável pela expansão do domínio português em terras sul-americanas. A cavalaria comandada pelo General Neto e, atualmente, a cavalaria da Brigada Militar gaúcha podem ser ditas como descendentes dos Dragões Cavalários.

Em 1742, enquanto a disputa por posse de terras era grande no interior das terras do *continente del Rey* (Rio Grande do Sul), um grupo de colonizadores portugueses, formado em sua maioria por açorianos, adentrou a laguna pela barra de Rio Grande e construiu um vilarejo às margens do Rio Guaíba que veio a desenvolver-se na cidade de Porto Alegre.

Já, em 1801, as lutas entre portugueses e espanhóis pelas posses das terras missioneiras acabaram após a ocupação do território pelos próprios sul-rio-grandenses que, como anteriormente mencionado, descendiam de uma heterogênea mistura entre portugueses, espanhóis, paulistanos, lagunenses, índios e negros.

## 2.2 DO GARRÃO DA PÁTRIA: SUJEITOS SULINOS

São marcados por preponderante heterogeneidade constitutiva os sujeitos gaúchos, desde suas diversas origens raciais, até as suas variadas atividades laborais que influenciam profundamente na história de formação de seu estado. A grande diversidade também ajuda no encobrimento da prática excludente, em que os dominadores (homens,

brancos, ricos, estudados) usufruem sorrateiramente do sangue dos dominados (mulheres, mestiços, pobres, ignorantes).

### 2.2.1 *A indiada arrastando espora: o peão campeiro*

Décio Freitas (1980) afirma em seu artigo *O mito da produção sem trabalho* que, na formação do RS, a mitificação de uma produção pastoril espontânea – ou seja, sem necessidade de maiores cuidados ao gado, deixando-os nascer, crescer e procriar livremente até o abate – dominou o ideário popular dessa época, negando, dessa forma, toda a teoria econômica do valor, já que o trabalho social seria pouco necessário a esse tipo de produção. Assim, o peão servia ao patrão “espontaneamente, quase sempre por amizade” (SALIS GOULART, 1978, p. 30), uma vez que seu trabalho era desvalorizado pela disseminação ideológica da produção pecuária sem necessidade de grande trabalho. O peão de estância, em tal época, era visto como ocioso, vagabundo, sem ambição e que necessitava de pouco para viver. Na obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, nota-se a afirmação de que o peão gaúcho se concentrava em viver com o mínimo: “Dêem-lhe um excelente chimarrão, um veloz corcel, um suculento churrasco, e o centauro do pampa<sup>5</sup> se mostrará totalmente satisfeito” (1973, p. 95).

Dessa forma, embora fosse pregada a imagem de um peão rude, forte e errante de estância em estância em busca de trabalho, ao mesmo tempo disseminavam-se discursos afirmando esse indivíduo como dispensável, fruto de uma inadaptação social.

Nota-se que a caracterização do gaúcho, nos primeiros momentos históricos da formação da sociedade gaúcha, foi registrada pelas palavras de “outros”, uma vez que, pelo pouco desenvolvimento cultural dos campeiros, esses não podiam se caracterizar. Segundo Petri (2004, p. 132):

O gaúcho não escreve sua própria história, ele não fala, o lugar destinado a ele é promovido pelo “outro”, o que vem da Europa (e de outras partes do Brasil), ele é observado e suas características e comportamentos são narrados pelo outro. E é essa história contada pelo outro que constitui o imaginário social que temos sobre o gaúcho até hoje.

A imagem do peão campeiro, dessa maneira, foi gradualmente tecida, surgindo assim uma figura simples, livre e solitária. No entanto, essas características eram forjadas

---

<sup>5</sup> Centauro dos pampas é um termo fundado por Euclides da Cunha.

pelas necessidades que viviam, na medida em que não tinham condições de viver fora da simplicidade, seu emprego nas estâncias não era fixo, pois fora da época do abate os afazeres eram poucos, ainda não tinham condições de manter uma família, seja pela baixa condição financeira, seja pelo preterimento do estancieiro a um peão com uma prole a sustentar, o que se configurava como mais bocas para alimentar.

Sem compromissos fora do trabalho, o que sobrava a esse indivíduo nas horas vagas era o álcool, o jogo, a acordeona e as chinas (prostitutas da campanha). A união desses elementos ao peão rendeu-lhe a fama de desordeiro, brigão e conquistador. Para Décio Freitas (1980, p. 9): “O gaúcho não era um folgazão como se apregoava – era um desgraçado, um pobre diabo, sem eira nem beira”.

Apesar de a criação do gado ser considerada como um processo natural, sem maior cuidado com o trato, seu desenvolvimento não se deu por geração espontânea. Os bovinos foram introduzidos nas pastagens sul-rio-grandenses pelos jesuítas a fim de alimentar as populações das Missões. O limite de abate do gado instituído pelos jesuítas possibilitou a reprodução e disseminação dos rebanhos pelos campos missioneiros e, por conseguinte, às pastagens gaúchas.

O gado solto nos campos foi visto como grande possibilidade de riqueza aos conquistadores que, ao expulsar os padres jesuítas de suas terras, tiveram como bônus grandiosos rebanhos de gado bovino, equino e ovino. Todavia, para que o gado trouxesse lucro, haveria de desenvolver-se trabalho, à medida que necessitavam de arrebanhar o maior número possível de animais (não havia cercas nessa época), marcá-los, abater a quantidade necessária (não havia refrigeradores), e levar para estância o restante. Para tais fainas, instituiu-se a vacaria, que segundo Félix de Azara (1904, p.177):

era a reunião de uma quadrilha de gente pelo comum perdida e facinorosa, e vão onde há gado, e quando acham uma ponta ou tropa dele, formam um meia lua: os lados vão unindo o gado, e o que vai no meio leva um pau comprido guarnecido com uma meia lua bem afiada com que desjarreta todas as reses, sem deter-se nenhum até que acabaram com as reses ou tem as necessárias...

Assim, as arreadas ou vacarias surgiram como operações destinadas à extração de couro e outros subprodutos do gado, exigindo dessa forma arriscado e ardiloso trabalho. As vacarias duravam muitos dias em que os peões dormiam ao relento, a mercê da fúria dos índios hostis, dos animais selvagens, assim como do gado chimarrão (nome dado aos bois que, por viverem muito tempo nos campos livremente, tornaram-se selvagens e extremamente agressivos).

Por causa do grande risco, escravos não participavam dessa labuta, o gaudério/gaúcho era preferido a esse serviço, pois sua perda não configurava prejuízo de capital para os estancieiros, uma vez que, diferente dos escravos que valiam dinheiro, os peões gaúchos eram livres, sozinhos, não custando nada aos latifundiários.

Trabalho mais perigoso do que abater o gado chimarrão era o de capturá-lo vivo para o povoamento das estâncias, o que intensificava os riscos, já que no deslocamento do gado, esse teria mais chances de atacar.

Normalmente, nos primórdios das vacarias, os peões não eram pagos em dinheiro, seu pagamento era feito em alimentação (pedaços de gado abatido), ou em cabeças de rês, no caso da captura de gado vivo. Então, pode-se afirmar que era falso dizer que o trabalho era pouco e suave, era uma lida intensa e massacrante que deixava os peões, quando ainda vivos, esgotados. No processo das vacarias, o gado encontrado vivo, após os peões já terem conseguido o número necessário de reses, era marcado, tratado, curado, castrado, apartado e deixado no campo para dar condições ao prosseguimento da produção natural.

Nota-se que nesta etapa da produção o trabalho do peão estava se tornando necessariamente mais contínuo na estância, na medida em que não existiam cercas nas propriedades e a marcação do gado era essencial à manutenção e crescimento do rebanho. Segundo Décio Freitas (op. cit., p. 12): “não se dizia que um estancieiro possuía tantas léguas, mas que podia marcar tantas reses”.

O abate do gado arrecadado nas estâncias era feito nas charqueadas, e o percurso até eles, como já mencionado, configurava outra dura lida, uma vez que consumiam, às vezes, 20 a 30 dias de viagem a cavalo, tropeando animais ariscos até o abatedouro.

Outra lida perigosa que se tornou necessária aos peões foi a doma de cavalos, uma vez que esse era o seu meio de transporte e instrumento de trabalho, carecendo então de treinamento para realização dos afazeres.

Desse modo, o peão de estância pode ser visto como um sujeito formado nas adversidades, simples, sem luxo, no entanto, sem liberdade contrariando o pregado pelo ideário da época, sendo um indivíduo totalmente explorado pelos interesses da elite pecuarista.

### **2.2.2 Em busca do mesmo ouro: o estancieiro (detentor do poder)**

Por toda essa necessidade de mão de obra especializada nas estâncias, tornou-se grande a procura por pessoas que tivessem experiência na lida campeira e, por conseguinte, o gaudério começou a ter condições de escolher onde e quando trabalhar. Para assegurar o trabalho do peão, os estancieiros tiveram que dispor de pagamento salarial aos mesmos. Mesmo assim, um esquema sistemático foi armado nas estâncias para que o fazendeiro não saísse no prejuízo, ou seja, como os peões recebiam dinheiro pelos seus serviços, teriam que se manter, então gastavam quase tudo comprando alimentos nas redondezas em estabelecimentos pertencentes aos estancieiros, ou a associados seus.

Muitos peões ainda não se submetiam ao domínio do patrão, trabalhando de terra em terra enquanto encontrassem pagamento justo. No entanto, para forçar os peões ao trabalho assalariado, os detentores do poder recorreram à coerção extra-econômica, ou seja, esparziram a ideia de que quem não trabalhasse nas estâncias seria visto como delinquente.

Com o crescimento e proliferação das estâncias, a mão de obra tornou-se ainda mais difícil e cada vez mais necessária. Nessa crise que as reduções missioneiras tornaram-se esperança de apoio servil às estâncias. No entanto, os índios missioneiros não necessitavam trabalhar, pois produziam para sua subsistência. A fim de que se dispusessem ao trabalho, foram separados abruptamente de seus meios de produção, já que com a ocupação das missões pelos exércitos português e espanhol, como decorrência do Tratado de Madri (1750) e a expulsão dos jesuítas (1767), os indígenas missioneiros tiveram que, por necessidade, filiarem-se à força de trabalho nas estâncias.

Após a expulsão dos jesuítas das missões, alguns poucos índios missioneiros ainda resistiram e continuaram em suas terras. Todavia, em 1801, um grupo de homens estimulados pela Coroa portuguesa, que por sua vez era insuflada pelos interesses dos estancieiros, ocupou as reduções missioneiras expulsando os espanhóis. Com isso, os poucos índios que sobraram da primeira ofensiva européia às missões viram-se obrigados a buscar o trabalho nas estâncias gaúchas ou cisplatinas para fugir da fome, pois sabiam que seriam recebidos como peões, tendo carne e algum salário. Desta maneira, a partir do amplo número de trabalhadores, as opções de trabalho diminuíram, o domínio do patrão sobre o empregado aumentou e a pecuária se desenvolveu no RS.

Os estancieiros, satisfeitos com um número elevado de trabalhadores, observaram que o aumento de produtividade da sua estância só podia se dar pela conquista de mais terras,

na medida em que as pastagens ofereciam uma autonomia de cabeças de gados a se alimentarem por metro quadrado de campo. Essa necessidade de aumento de produtividade gerou muitos impasses entre gaúchos e vizinhos platinos e acabou culminando em algumas guerras como será visto mais adiante.

Refletindo quanto à expansão da força de trabalho relacionada ao *mito da produção sem trabalho* (visto no item 1.1), pode-se dizer que essa mitificação, na medida em que auxiliava a manter a massa dominada convencida da compatibilidade de seu esforço ao pagamento recebido, convinha aos interesses dos estancieiros, pois suas táticas de exploração mantinham-se veladas.

### **2.2.3 Na riqueza do meu mundo: o índio**

Os povos indígenas que viviam na planície cisplatina fizeram parte da origem sul-rio-grandense, na medida em que muitos dos costumes, indumentárias e até mesmo hábitos alimentares gaúchos sofreram influência desses ancestrais. Um fato que auxiliou na incorporação dos valores e conhecimentos indígenas na cultura gaudéria durante a formação do RS foi a pecuária sul-rio-grandense em nada se apoiar nos moldes da pecuária europeia, uma vez que esta se caracterizava pela criação de pequenos rebanhos devido a pobreza de seu solo e fraqueza de suas pastagens, enquanto aquela provida de imensos campos verdejantes e nutritivos era perfeita à criação de gado. Frente a essa realidade local, foi no conhecimento autóctone da região (minuanos, charruas e guaranis) que a pecuária gaúcha foi se fundar, uma vez que esses índios dominavam a doma de cavalos, assim como possuíam instrumentos de trabalho propícios à atividade pastoril no sul da América, tais quais: a *boleadeira* (espécie de funda, composta de bolas metálicas ou pedras amarradas entre si por cordas), o *laço* (corda produzida em couro para captura dos animais) e o *tirador* (uma espécie de avental de couro para não se ferir ao laçar e se proteger dos chifres bovinos).

A indumentária do gaúcho também se aprimorou ao trabalho rural partindo do vestuário indígena. Surgiu assim, a *bota de couro*, o *chiripá* (retângulo de tecido, passado entre as coxas e preso à cintura) e o *poncho* (vestimenta de lã, com uma abertura no centro, para ser passada pela cabeça e apoiado nos ombros). Como já mencionado, até a alimentação do gaúcho foi complementada pelas tradições indígenas. Dos nativos foi passado aos gaúchos o *churrasco*, o *charque*, o *chimarrão*, entre outros.

Deste modo, o índio, altamente treinado a lidar com montaria, doma e pecuária, propiciou grande parte da mão de obra campesina, sendo visto pelos estancieiros como trabalhadores hábeis no pastoreio, sem necessidade de treinamento. Nisso também residiu a não utilização de escravos na produção pecuária, uma vez que esses, advindos em grande maioria de regiões áridas africanas sem contato com a pecuária, não tinham habilidades pastoris e não sabiam montar, o que custaria muito aos estancieiros em treinamento. Além disso, seria muito difícil para os estancieiros manterem os escravos sob seu domínio, pois poderiam esses facilmente fugir com a montaria pelas vastidões do pampa. Assim, o índio tornou-se peça chave como mão de obra especializada na pecuária sul-americana, enquanto, como veremos a seguir, o emprego do escravo no trabalho pastoril se mostrava totalmente desaconselhável.

#### **2.2.4 Até a alma estropiada: o escravo**

Além da falta de habilidade natural dos escravos ao trabalho pastoril, o trabalho escravo suscitava muita supervisão e vigilância, uma vez que em uma camperiada poderiam fugir sem problemas pelas vastas e indivisas pastagens sul-rio-grandenses. Para que seu trabalho rendesse, haveria de existir um número alto de pessoas para cuidar e assegurar que não fugissem, por isso, o custo dessa vigilância tornava antieconômico. Mesmo assim, Décio Freitas afirma aparecerem registros alusivos a negros campeiros, que desempenhavam atividades pastoris. Segundo ele (op. cit., p. 17), esses “eram em regra escravos forros”.

Em grande maioria, os escravos trabalhavam de forma auxiliar à pecuária, como no cultivo de alimentos para subsistência, na criação de animais domésticos para prover a alimentação da estância (galinhas, patos), ou nas charqueadas e rodeios onde podiam ser vigiados. No entanto, os negros trazidos como escravos para o sul da América têm papel proeminente nas guerras sul-rio-grandenses, principalmente na Revolução Farroupilha, uma vez que formaram o grupo de frente nas batalhas dessa revolta. Sua história de bravura e luta teve como intuito a sua liberdade, no entanto, esse ideal foi mais uma das mentiras apregoadas pelos estancieiros (fomentadores da revolta), pois no final da guerra continuaram escravos.

### 2.2.5 No jardim defronte as casa: a mulher

Como já dito, populações indígenas habitavam inicialmente a região que hoje é o RS, assim, logicamente, as primeiras mulheres da região pertenciam a esses povos. Não obstante, seus costumes, crenças, assim como sua exploração e sua violação fizeram, e fazem até hoje, parte da história dessa terra.

A introdução da mulher branca nessa região, na formação do estado, deu-se pela chegada das famílias dos estancieiros ou pela indigência de “companheiras” para os soldados imperiais. Segundo Sant’ana (1984, p. 18): “Vieram para esses Dragões mulheres brancas da Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo. Eram as *damas da vida airada*, como se dizia na época, ou de *mau proceder*”. Consideradas prejudiciais nas metrópoles brasileiras e pela sua fartura numérica na época, essas mulheres foram introduzidas na região sul gaúcha e, quando mais tarde os Dragões foram transferidos a Rio Pardo para o assessoramento na manutenção das fronteiras gaúchas, a grande maioria se tornou suas esposas. Assim sendo, muitas das mulheres de “mau proceder” tornaram-se matriarcas das principais grandes famílias gaúchas. No entanto, a força do passado nada insólito dessas mulheres auxiliou a alimentar o autoritarismo e o machismo gaúcho, assim como, sentenciou-as ao quase esquecimento na historiografia gaúcha, ao silêncio e ao encobrimento de seus grandes feitos na formação do Rio Grande do Sul.

Dentre tantas heroínas gaúchas anônimas, Anita Garibaldi foi uma mulher que ganhou reverências na história gaúcha, pois lutou firmemente na Revolução Farroupilha. Por exemplo: na batalha de Curitibanos (iniciada em 1840), Anita foi presa pelo exército imperial, conseguindo sua liberdade após um comandante imperial, impressionado com a força e lealdade indomáveis que fundamentavam às mulheres farroupilhas representadas na figura de Anita, deixou-se convencer a deixá-la procurar o cadáver do marido, supostamente morto no campo de batalha que circundava a prisão. Sob vigia dos guardas, esperou um momento de distração dos mesmos para tomar um cavalo e fugir.

Entretanto, na maioria das historizações dos feitos farroupilhas, machistamente, a imagem de Anita é impreterivelmente atrelada em segundo plano às ações do guerrilheiro italiano Giuseppe Garibaldi, seu segundo marido, que a serviço da República Rio-Grandense participou da Revolução Farroupilha. Apesar de uma vitoriosa biografia de lutas, a historiografia trata Anita como a “companheira” de Garibaldi em seus combates em Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Uruguai (Montevideu) e Itália.

### 2.3 TRAMANDO AÇO EM PELEIAS: AS GUERRAS

O Rio Grande do Sul é o estado brasileiro que mais viveu guerras e revoltas, pois, desde a sua ocupação, devido a sua localização fronteiriça com outros países, o povo pampiano teve que “pelear” por sua terra e, posteriormente, por seus direitos frente à nação brasileira.

Diversas batalhas aconteceram durante o primeiro século de formação da referida província e os principais combates se dão entre os interesses espanhóis e portugueses quanto ao domínio de território. Em 1750, após a assinatura do tratado de Madri, em que os portugueses dão aos espanhóis a Colônia de Sacramento e recebem os Sete Povos das Missões, há uma revolta dos índios missioneiros e jesuítas espanhóis contra essa troca. Inicia, então, a Guerra das Missões. A luta entre portugueses e espanhóis pelo domínio do pampa continua. Nesses tempos, o RS e Uruguai ora pertenciam à Espanha, ora a Portugal. Foi no final da década de 1820, que a então, província de São Pedro tomou a forma como se conhece hoje, com as Missões incorporadas ao estado.

Nesse ponto da história, o povo gaúcho já estava formado dentro de um hibridismo cultural, ideológico e social, em que essas batalhas tinham extrema importância à sua formação. Todavia, no dia 20 de setembro de 1835, nasce a chama do maior conflito armado ocorrido no continente americano, o qual se configura em orgulho gaúcho. Após a tomada de Porto Alegre pelos revolucionários, eclode a Revolução Farroupilha, ou Guerra dos Farrapos, que durou cerca de 10 anos, recebendo esse nome pelo estado físico e logístico de seus revolucionários, cujos corpos, armamentos e roupas, no final da década de lutas, estavam em trapos. Essa revolução tem, inicialmente, como principal característica, o ideal republicano frente ao imperialismo vivido no Brasil, mas logo toma tom separatista devido à influência da recente independência do Uruguai, algumas manifestações brasileiras de mesmo cunho libertário como a Sabinada na Bahia, e, também ou principalmente, o abandono do império à província sulina, a qual se encontrava arrasada pelas guerras anteriores e tinha alta taxação tributária sobre o principal produto comercializado, o charque. O RS estava perdendo, continuamente, mercado para o Uruguai que conseguia um preço mais baixo para seu produto. Deste modo, a Guerra dos Farrapos voltou-se para a separação da província de São Pedro do domínio imperial brasileiro.

Em 1836 foi instaurada a República Rio-Grandense, sendo instituída a cidade de Piratini como capital. Bento Gonçalves, grande latifundiário da cadeia produtora de charque e

revolucionário no momento, assume a presidência da república. O ideal de liberdade econômica uniu-se à proposta de abolição da escravatura, tendo o apoio do negro na frente de batalha. Após 10 anos de guerra e diversas cidades gaúchas instituídas como capital, no dia 28 de fevereiro de 1845, é assinado o tratado de Poncho Verde, que reincorpora o RS ao Brasil. Apesar da bravura dos combatentes em assegurar seus direitos, se passam 10 anos de estagnação econômica no sul.

Após o termino da Revolução Farroupilha, antigos farrapos, agora fazendo parte do exército imperial brasileiro, ao lado de seus ex-inimigos, derrotam, no ano de 1851, o ditador Rosas na Argentina. Os gaúchos, treze anos mais tarde, também tomam parte na invasão do Uruguai, recuperando para o povo uruguaio sua terra, que vivia sob a ditadura de Oribe. Como consequência dessa intervenção, em 1865, o ditador paraguaio Francisco Solano Lopes, invade São Borja, declarando guerra ao Brasil. Surge, assim, a Guerra do Paraguai, em que o Brasil, o Uruguai e a Argentina formam uma tríplice aliança obtendo vitória no ano de 1870, após a morte de Solano.

Após essas lutas, no ano de 1893, começa a segunda maior revolução gaúcha, a Revolução Federalista, cujos ideais eram contrários ao governo republicano, proclamado no território brasileiro em 1889 e chefiado no RS por Julio de Castilhos. Ao lado dos revolucionários gaúchos, tomam parte da batalha muitos uruguaio do departamento de São José, chamados *Maragatos*, apelido que mais tarde batizou todos os revolucionários do movimento, cujo símbolo era a utilização de lenço vermelho ao pescoço. Seus inimigos, os *Republicanos*, usavam lenços brancos e, às vezes, fardas azuis. Seus chapéus tinham uma tarja vermelha, por isso foram apelidados de *Pica-paus*. Os federalistas (*Maragatos*) tinham como intuito libertar o país da tirania de Julio de Castilhos, então governador do estado. A luta também vinha de encontro aos altos tributos impostos pelo governo republicano estadual. Deste modo, os *Maragatos* dominaram a fronteira, exigindo a deposição de Castilhos, que havia sido eleito presidente do estado pelo voto direto. Havia também o desejo de um plebiscito onde o povo deveria escolher a forma de governo. Devido à gravidade do movimento, a rebelião adquiriu âmbito nacional rapidamente, ameaçando a estabilidade do governo rio-grandense e o regime republicano e todo país. Floriano Peixoto, então na presidência da República, enviou tropas federais sob o comando do general Hipólito Ribeiro para socorrer Júlio de Castilhos. Foram estrategicamente organizadas três divisões, chamadas de legalistas: a do norte, a da capital e a do centro. Além destas, foi convocada a polícia estadual e todo o seu contingente para enfrentar o inimigo. A primeira derrota maragata aconteceu em maio de 1893, junto ao arroio Inhanduí, em Alegrete, município do RS. Neste

combate, ao lado dos Pica-paus (legalistas), participou o senador Pinheiro Machado, que tinha deixado a sua cadeira no Senado Federal para organizar a Divisão do Norte, a qual liderou durante todo o conflito. A guerra sangrenta, marcada pelas degolas, finda no ano de 1895.

Frente a essa contextualização, pode-se afirmar que o estado do Rio Grande do Sul foi arquitetado em meio a lutas, uma vez que, em sua história, como visto, houve várias batalhas e os discursos que delas provêm servem como já-dito na formação do povo pampiano. Além das batalhas armadas, não se pode esquecer da dura lida diária do gaúcho, à medida que esse estado tem uma raiz campesina, voltada à criação de gado e à doma de animais *xucros*. Tais trabalhos também representam uma difícil batalha cotidiana que é atravessada por um clima frio e chuvoso, dificultando ainda mais a faina diária.

Voltadas às adversidades impostas pelas guerras e vivenciadas pelos nossos ancestrais gaúchos, as músicas cantadas pela dupla César Oliveira e Rogério Melo reverberam saberes da memória que vêm constituindo os sujeitos sul-rio-grandenses como um povo forte, corajoso e tenaz.

## 2.4 PRA GUITARREAR NAS AURORAS: EXPRESSÃO DA ARTE

### 2.4.1 Mandando a palavra "*botá*" no serviço: a literatura gaúcha

Pode-se notar que, desde a fundação do Rio Grande do Sul, sua economia era fomentada pela pecuária mantida pelos peões. Como já abordado, foi pela firmação ideológica que a elite rural sul-rio-grandense encarregou-se de perseguir e denegrir àqueles que não se atrelavam à mão de obra rural-pecuária. É frente a esse ambiente rudimentar e atrasado da formação gaúcha que Gonzaga (1980, p. 123) questiona a não necessidade do letrado no início da formação do RS: “Que papel poderia exercer o intelectual? Que função teriam poetas, ficcionistas e ideólogos na fronteira aberta, onde se chocavam os interesses e as desmedidas ambições? (...) Que musas atrairiam ou espantariam o gado chimarrão, os índios dispersos, os gaudérios?”

Os letrados não exerciam papel relevante na ordenação sócio-econômica que regia o viver do continente de São Pedro. As primeiras manifestações literárias surgiram em meados do século XIX, mas, inicialmente, foram pouco expressivas, tanto na sua qualidade, quanto na sua quantidade. Desse parco cenário literário inicial, a historiografia literária sulina destaca poucos nomes de expressão, como os de Delfina Benigna da Cunha, autora de

*Poesias oferecidas às senhoras rio-grandenses* (1834), primeiro livro publicado no estado, Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, autora do livro de narrativas curtas *Filósofa por Amor* (1845), bem como José Antônio do Vale Caldre e Fião, que em 1847 lança *A divina Pastora*<sup>6</sup>, obra que inaugura o gênero romanesco em solo gaúcho.

Ao analisar esse cenário inicial das letras gaúchas, cabe recuperar o posicionamento destacado por Antônio Cândido, que salienta os traços que compõem um sistema literário consolidado. Observando uma orientação que procura compreender o fenômeno literário a partir de uma perspectiva que contempla, concomitantemente, os planos estético e histórico da literatura nacional, o historiador ressalta como ponto fundamental a distinção entre “manifestações literárias” e a “literatura” propriamente dita, compreendida como produção contínua e organizada de obras que se interligam por elementos comuns, capazes de se fazer reconhecer enquanto fase regida por traços característicos. Nesse sentido, Cândido identifica como pressupostos indispensáveis para a configuração de um sistema literário consistente, além de um conjunto de dominantes de ordem interna (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social:

um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais uma obra não vive; um mecanismo transmissor (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns aos outros”. (CÂNDIDO, 1975, p. 25)

As manifestações literárias iniciais do Rio Grande do Sul eram motivadas muito mais pela observação direta, pela expressão instintiva do meio no qual vivia o gaúcho, do que por influências estéticas de literaturas do Prata e do centro do País, e por isso a literatura gaúcha manifesta o que Mario de Andrade reconhece em um artigo intitulado *Os Gaúchos*<sup>7</sup>:

De todas as literaturas regionais do Brasil, tenho a impressão que a gaúcha é a que mais apresenta uma identidade de princípios, uma normalidade geral dentro do bom, uma consciência de cultura, uma igualdade intelectual e psicológica, que a tornam fortemente unida e louvável. (...) Em todo o caso, há um caráter geral na inteligência gaúcha que, mesmo sem boleadeiras, cultivo exterior de valentia, pampices e minuanos de fácil cor local, tonalizam intimamente o gaúcho e lhe permitem permanecer dentro de um regionalismo mais profundo e enriquecedor da nossa entidade nacional. (ANDRADE, 1939, p. 116).

<sup>6</sup> Em 1992, a L&PM Editores, em parceria com a RBS (Rede Brasil Sul de Comunicações) relançam *A divina pastora*, reedição que, além de um prefácio escrito por Flávio Loureiro Chaves, traz um rápido estudo biográfico sobre Caldre e Fião, escrito por Carlos Reverbel.

<sup>7</sup> In: <http://books.google.com.br/books?id=0D9NHDrbnBYC&pg=PA116&lpg#v=onepage&q=&f=false>

Assim, pode-se perceber que a literatura depende de um complexo mecanismo, ou seja, necessita de circulação promovida pela ação dos produtores, receptores, mecanismos de transmissão, textos escritos, obras que a seguem certo acúmulo de experiências, continuidade.

A Sociedade Pártenon Literário fomentou esse sistema publicando a *Revista Mensal*, cuja permanência por alguns anos no mercado possibilitou o surgimento de escritores como Apolinário Porto Alegre, Caldre e Fião, Bibiano Francisco de Almeida, Lobo da Costa, Luísa de Azambuja, Amália dos Passos Figueroa e Revocata Heloísa de Melo. Tendo em vista o cenário intelectual anterior à fundação da agremiação porto-alegrense, Guilhermino César afirma que o surgimento da entidade assinala o início de uma nova fase da literatura gaúcha, pois até então a produção literária gauchesca, resumia-se a manifestações esparsas de escritores que, descompromissadamente, compunham versos a partir de um padrão formal heterogêneo, ou que dificilmente se diferenciavam dos sonetos clássicos ou das quadras populares. Nesse sentido, o historiador não só ressalta a relevância do grupo em promover uma diversificação estética, até então, pouco praticada, como também por conferir uma organização que há muito se fazia necessária para o desenvolvimento das Letras do Sul:

a mesma geração do decênio farrapo deixou marcas de vocação lírica confundidas com cicatrizes, morte e luto. Mas tudo quanto se fizera carregava o vício insanável das improvisações, o pouco sumo dos frutos imaturos. E a prosa de ficção, muito mais exigente, contava apenas dois ou três autores. Pálidas tentativas, aqui e ali, de memorialistas canhestros, algumas notas sobre assuntos econômicos, vagas incursões pela ciência, e nada mais. O romance era *avis rara*. E, com ele, a disciplina do escritor, a autocrítica. (CESAR, 1971, p. 173)

Para buscar apoio financeiro do grupo dominante que reinava nas estâncias – os estancieiros – tal sociedade literária teve que, segundo Ziberman (1980), tentar a aproximação entre discurso literário e discurso político. No entanto, ainda que pregassem um tom libertário aos seus textos, estavam subjugados às ideologias dos dominantes, às práticas políticas dos estancieiros, portanto, inscreviam-se como tantos outros intelectuais brasileiros hierarquicamente subalternos aos senhores do poder, fazendo que suas obras literárias auxiliassem a estabilidade hegemônica e, portanto, o controle e manutenção da aparelhagem do poder.

Segundo Gonzaga (1980, p. 29) a literatura gauchesca dissemina:

a ideia de democracia social, o rico condescendo ao pobre e este agradecido irmanando-se ao senhor proprietário. E assim congremam-se peões e fazendeiros os mesmos alamares de prata, o mesmo suor, o mesmo cheiro, de faina rústica, a mesma boca na cuia do chimarrão, os mesmos traços de caráter. Essa enganosa

democracia do cotidiano, sempre foi um dos mantos que acobertou as mais profundas injustiças do sistema latifundiário.

Uma vez que o dono do poder ganhava status de operário, humilde e de bondoso, o peão, por se identificar com tais características, vinculava-se fielmente ao seu patrão próspero e feliz. Todos esses elementos funcionam como engrenagens de um sistema de manipulação ideológica e está ligado, intrinsecamente, à preservação do poder.

Dessa forma, os escritores gaúchos, concatenados pelos estatutos literários da Europa, a princípio, congregam ao mito do gaúcho, características do herói mítico europeu, ou seja, do cavaleiro medieval, assim como incorporam traços estéticos da literatura europeia. No entanto, Guilhermino César (1994) defende que a partir do romantismo, essa importação é cessada. O estilo romântico seria o verdadeiro responsável pelo aparecimento do mito do gaúcho na literatura, e que na busca pelo herói natural, os romancistas da época abandonaram a introdução dos mitos europeus, instituindo o seu próprio herói local.

#### Segundo Petri:

O gaúcho, recuperado pelo discurso literário como herói, advém de uma realidade social platina e é representado historicamente como um ser contraditório, é aquele que representa tudo o que há de mais simples, pobre bronco sem-pátria, sem cultura e sem perspectivas que o Rio Grande do Sul abrigou nos primeiros tempos, pois foi ele o indivíduo que viabilizou, por suas características, o desenvolvimento da atividade primária da pecuária, da extração do couro dos animais, da própria produção do charque. É do eco dessa realidade social que emergem as imagens de sujeito que construíram a história do sul do Brasil e que mais tarde são idealizadas pela classe artística que eleva um sujeito imaginário ao estatuto de herói regional. (2004, p. 23)

Assim, uma imagem de gaúcho forte, rude, bravo e cheio de qualidades elevadas é disseminada em favor da hegemonia e impregnando o imaginário sulino. Torna-se importante ressaltar que esse mecanismo de dominação fica encoberto e dissimulado na transparência de uma exaltação, ou seja, dá-se a manipulação por intermédio da valorização de *ser dominado*, uma vez que traços como: rudimentarismo, força, empenho e garra insuflam a moral do peão para que ele renda mais em favor do seu patrão.

#### 2.4.2 *Se pudesse cantar versos: o cancionero rio-grandense*<sup>8</sup>

Como já mencionado, desde sua formação, o território de São Pedro viveu uma heterogeneidade de culturas (portuguesa, espanhola, indígena, local, posteriormente, alemã, italiana, entre outras). Cada uma dessas influências deixou, sem sombra de dúvida, marcas na literatura oral e escrita do Rio Grande do Sul. O cancionero gaúcho remonta aos primeiros tempos da colonização e, dentre as influências culturais que os fundamentam, destacam-se o gaúcho do Prata (cisplatino) e os trovadores do centro e norte do país<sup>9</sup>.

Assim, a partir de uma raiz heterogênea, o cancionero torna-se um indivíduo singular, disseminador de histórias sobre a vida no pampa, podendo-se afirmar que a partir dele surgiu o embrião da literatura sul-rio-grandense. Segundo Guilhermino César (1971), a partir do cancionero houve certo tratamento poético na expressão do pago. Para ele, as canções são:

formas originais de exprimir, acentos fonéticos particulares, imagens tiradas de paisagem, da flora, da toponímia, dos acontecimentos locais, e eis aí o relevo particular que nos interessa, como índice de uma preferência que irá condicionar, de certa maneira, a produção literária e até mesmo as tendências da maioria dos leitores. (p.45)

Baseando-se na leitura de *História da Literatura do Rio Grande do Sul*, escrita por Guilhermino César, pode-se perceber que as temáticas abordadas pelos cancioneros são, ainda hoje, as que fundamentam a música nativista. A liberdade, a mulata/morena, o platino, o gaúcho enérgico, agreste e vencedor na lida. Esse espírito poético impulsionado pelo cancionero popular acabaria sendo o embrião da literatura rio-grandense, que nos primeiros momentos da colonização das terras do Sul não encontrou condições mínimas para ser desenvolvida, uma vez que:

No território continentino, os centros mais populosos eram aldeias inexpressivas, cujas populações viviam do pastoreio e da agricultura. O gado proliferava nos campos abertos, (...), enquanto a agricultura praticamente se restringia às exigências do consumo interno. As únicas mercadorias exportáveis eram o trigo, o charque e subprodutos do boi – couro e graxa. O pastoreio e a agricultura, exercidos empiricamente, não seriam, por certo, favoráveis à elaboração de uma sociedade polida, exigente, que se fizesse notar pelo seu padrão intelectual. (CÉSAR, 1971, p. 35)

---

<sup>8</sup> No anexo F, exemplos do cancionero.

<sup>9</sup> Ver, a esse respeito Meyer, Augusto. *Cancioneiro gaúcho; seleção de poesia popular com notas e um suplemento musical*. Porto Alegre: Editora Globo, 1952.

Desse modo, as canções proferidas pelo cancioneiro foram transmitidas quase sempre pela oralidade e, por essa razão, muitas foram perdidas ou modificadas com o passar do tempo.

*O Cancioneiro Guasca*, de Simões Lopes Neto, pode ser visto como a tentativa de registro dessa tradição oral, uma vez que esse autor buscou a sistematização e transcrição do acervo cancioneiro com a finalidade de preservar esta herança. Nessa obra, pôde-se notar algumas das temáticas (supracitadas) recorridas pelo cancioneiro. Além disso, em uma subdivisão de dez tema/estilos (*Antigas danças, Quadras, Poemetos, Poesias, Trovas cantadas ao som do Hino Farrapo, Poesias históricas, Desafios, Dizeres, Diversas e Modernas*), pôde-se observar diferentes temáticas relacionadas uma variedade de estilos poéticos (quadras, poemetos, trovas cantadas, etc.).

Cabe, então, afirmar que uma determinada imagem de gaúcho foi, ao passar dos tempos, tecendo-se a partir da assimilação, pelo ideário popular, das representações dos sujeitos sulinos feitas nas palavras do cancioneiro<sup>10</sup>.

Pode-se observar nos versos do cancioneiro uma exaltação de valores simples e rudimentares apresentadas pelo *monarca das coxilhas* ou *centauro dos pampas*, cuja disseminação auxiliou na produção de um imaginário que defende características como *força, disposição, enfrentamento, rudeza, humildade*, como inerentes aos gaúchos pampianos.

Assim, pode-se dizer que a valorização das façanhas dos peões, assim como o desdobramento da apresentação de seu malgrado destino – um explorado que necessita estar no lombo de um cavalo por longos períodos frente às mais variadas intempéries climáticas e lutas sangrentas – em exaltação de seus feitos como atitudes admiráveis, não passam de construções ideológicas que vão ao encontro dos interesses dos estancieiros, cuja necessidade de um maior contingente humano para ajudar nas lidas ou nas lutas auxiliou a mudar a estratégia da perseguição ideológica aos andarilhos da pampa pela idealização de uma imagem de campeiro, trabalhador, fiel e peleador.

Essas características pertinentes ao *Centauro da pampa* são até hoje revividas e disseminadas pelo movimento nativista, principalmente pelo grupo mais voltado ao tradicionalismo. Todavia, cabe saber se a exaltação dos valores rústicos do gaúcho ancestral, ainda hoje, trabalha em favor da preservação hegemônica do poder, ou em busca da valorização ideológico-social de um sujeito consciente da sua história de exploração, mas em busca de liberdade.

---

<sup>10</sup>CHAVES, Flávio Loureiro. *Matéria e Invenção* - Ensaios de Literatura. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1994.

## 2.5 *ME CALA FUNDO*: GEOGRAFIA DA REGIÃO

O Rio Grande do Sul localiza-se ao sul do continente americano, no extremo meridional do Brasil. Tem como capital a cidade de Porto Alegre, cuja denominação deu na colonização açoriana frente a sua posição ao lago Guaíba. Hoje, após muitas guerras territorialistas, conta com 281.748,538 km<sup>2</sup> de área e uma população com cerca de 10.855.214 habitantes.

### 2.5.1 *Troveja o céu do Rio Grande: o clima*

O clima do RS é caracterizado como subtropical úmido ou temperado, possuindo quatro estações relativamente bem definidas, ou seja, meias estações amenas, verão quente e seco e inverno frio e chuvoso, marcado pelas enchentes. Essas condições climáticas configuram-se como elementos essenciais à caracterização dos gaúchos, principalmente, dos peões. Uma vez que suas vestimentas, seu trabalho, seus costumes, eram modificados quase que trimestralmente pelas condições climáticas. Então, hoje a música nativista também se embasa em temas ligados ao clima para retratar a vida campeira.

### 2.5.2 *De várzea, trevo e coxilha: o relevo*

O RS é formado basicamente por relevos baixos, na medida em que 70% do território possui menos de 300m de altitude. É na imagem da região missioneira, que as histórias veiculadas nas músicas estudadas vão se fundamentar. A música nativista em geral aborda temas da região central e fronteira, deixando em um plano secundário, ou quase sem relevância, a região litorânea. Geralmente, essas regiões aclamadas pela música nativista são planícies pastoris com coxilhas (colinas) denominadas de campos ou pampa. Os campos ou pampas se estendem pelos territórios do Uruguai e pelas províncias argentinas e caracterizam-se por possuírem uma vegetação rasteira e algumas árvores e arbustos encontrados próximos a cursos de água.

### **2.5.3 *Num corredor aramado: as fronteiras***

O RS tem como limites: o estado de Santa Catarina ao norte, o oceano Atlântico ao leste, o Uruguai ao sul/sudeste, e a Argentina a oeste/noroeste. As fronteiras com os países vizinhos, como já visto, foram demarcadas na luta. Tendo geralmente poucos limites naturais, a fronteira entre um país e outro, muitas vezes, é uma rua, portanto, o contato entre diferentes costumes é inerente ao povo da fronteira e isso é marca profunda na cultura pampiana.

### 3 É LIDA BRUTA: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

há, de um lado, o “ponto de vista das ciências” sobre o real e, de outro, o “ponto de vista da ideologia”. Na verdade, todo “ponto de vista” é o ponto de vista de um sujeito. [PÊCHEUX, 1975 (1995, p. 179)]

Neste trabalho, são articulados pressupostos da Análise de Discurso de linha francesa (AD), inaugurada na década de 1960 por Michel Pêcheux, a fim de formar uma proposta de análise que considera a formação histórica dos sentidos, assim como, a dependência entre os sujeitos da enunciação para significarem, uma vez que estes convivem em meio a relações de poder, fator determinante dos sentidos. Desse modo, a AD, com seus conceitos, fornece embasamento para análise da reprodução ou subversão de sentidos e, por conseguinte, permite observar como se dá, através da música nativista sul-rio-grandense, a representação do sujeito gaúcho nativista, possibilitando assim a verificação da identificação ou não-identificação desse sujeito com determinadas ideologias. Cabe salientar que, muitas vezes, as características apresentadas pelos sujeitos nativistas são percebidas como pertencentes a todos os gaúchos.

Na realização deste estudo, priorizam-se os conceitos de *formação ideológica e formação discursiva; interdiscurso (memória discursiva), pré-construído e discurso-transverso; domínio da memória, domínio da atualidade, domínio da antecipação; sujeito; identificação, des-identificação e contra-identificação*. Esses pressupostos auxiliam na análise da representação do “gaúcho<sup>11</sup>” nas canções sulinas de raiz e demonstram que a língua existe socialmente e que é grande veículo das ideologias, constituindo-se em saberes da memória discursiva. Assim sendo, os sentidos da língua são assegurados pela memória discursiva, pressuposto que evidencia o *outro* na enunciação.

Essas noções irão nortear a investigação de como as *formas de caracterização do sujeito gaúcho* agem no processo de interpelação dos sujeitos nativistas, priorizando-se, na análise, a questão da historicidade implicada na formação de sentido dentro dos discursos que fundamentam uma FD em particular.

---

<sup>11</sup> Apesar de ser representado um gaúcho campesino, essa representação estende-se a todos do Sul, pois se identificando ou não com os discursos nativistas, os gaúchos em geral são vistos como formados por saberes provenientes dos gaudérios antepassados.

### 3.1 RETRATADO NA ESTAMPA: FORMAÇÃO IDEOLÓGICA E FORMAÇÃO DISCURSIVA

As noções de *formação ideológica* (FI) e de *formação discursiva* (FD) são imprescindíveis a um estudo que pretende investigar a ideologia na sua materialização: o discurso, uma vez que os dizeres, historicamente inscritos, são vinculados a saberes provenientes de conjunturas sociais, através da linguagem.

A *formação ideológica* (FI) é caracterizada por Pêcheux e Fuchs como:

posições políticas e ideológicas que não se devem aos indivíduos, mas que se organizam em formações mantendo entre si relações de antagonismo, de aliança ou de dominação. Falar-se-á de *formação ideológica* para caracterizar um elemento suscetível de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um dado momento; desse modo, cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’ mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas com as outras. [1975 (1997, p.166)]

Assim, essa conjuntura ideológica de um grupo com “atitudes e representações” peculiares é nomeada de *formação ideológica*, cuja composição dá-se pelo arranjo de uma ou mais *formações discursivas*, que, por sua vez, determinam os discursos cabíveis ou não em um conjuntura sócio-histórica.

As FI, segundo esses autores:

Comportam, necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de um relatório, de um programa, etc.), a partir de uma dada posição em uma conjuntura, em outras palavras, em uma certa relação de lugares interna a um aparelho ideológico e inscrita em uma relação de classes. Diremos assim que toda formação diz respeito a condições de produção específicas, identificáveis a partir do que acabamos de designar. (op. cit., p. 166)

Em relação à *formação discursiva* (FD), de acordo com Pêcheux [1975 (1995, p.162)], toda ela dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao “todo complexo com dominante” das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas. Esse “todo complexo com dominante” pode ser chamado de interdiscurso, à medida que algo fala sempre antes, em outro lugar e independentemente, sob o complexo das formações ideológicas. É por intermédio dos saberes

transmitidos interdiscursivamente, que o domínio do saber de uma formação discursiva pode ser constituído e, desse modo, os saberes de uma FD são visualizados pela organização do conjunto de formulações em rede que a compõe.

Para Pêcheux [1983 (1997 p.314)]:

Uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente ‘invadida’ por elementos que vêm de outro lugar (de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo, sob a forma de pré-construídos e de discursos transversos).

Daí decorre a impossibilidade de concebê-la como espaço fechado e regular, sendo que as fronteiras que delimitam as FDs estabelecem laços com outros discursos, o que remete à possibilidade de os saberes circularem entre FDs diferentes. Pode-se compreender melhor a heterogeneidade das *formações discursivas* pela frase: “Aquele que salvou o mundo morrendo na cruz nunca existiu”, analisada por Pêcheux em *Semântica e Discurso*, em que saberes relativos à *formação discursiva* cristã estão relacionados, na linearidade discursiva, com saberes ateus. Nota-se, no caso, o discurso ateu, empregando elementos do saber cristão, firmados na memória discursiva, a fim de negá-los.

Frente a essa perspectiva de FD heterogênea, Courtine [1981 (2009, p. 99)] defende que: “o domínio do saber de uma FD funciona como um princípio de aceitabilidade discursiva para um conjunto de formulações (determina *o que pode e deve ser dito*<sup>12</sup>), assim como um princípio de exclusão (determina o que *não pode/não deve ser dito*)”. Logo, o domínio do saber relativo a uma FD delimita seu interior de seu exterior. No entanto, essa limitação não é totalmente estável, pelo contrário, configura-se como uma “fronteira que se desloca” (op. cit, p.100). Então, a demarcação de uma FD é permeável pelo limite de outra, na medida em que deixa passar saberes tanto num movimento de dentro da sua formação para outras, quanto em sentido contrário.

A *formação discursiva* não se restringe ao dizível (o que pode e o que deve ser dito), mas também ao que não pode/deve ser dito. Por esta razão, para tratar de formações discursivas, faz-se necessário tratar da relação entre elementos discursivos, à medida que a identificação do discurso se constrói na relação com o Outro, esteja esse Outro marcado linguisticamente ou não.

---

<sup>12</sup> Grifos do autor.

### 3.2 QUE ARRODEIA: INTERDISCURSO

Pela abordagem tradicional da AD, o *interdiscurso* diz respeito às formulações (discursos) que nos cercam desde que nascemos e que, mesmo que não tenhamos consciência, falam por/entre/em nós. Segundo Orlandi (1996, p.31): “interdiscurso é aquilo que fala antes em outro lugar independente”.

Pode-se conceber o interdiscurso como mecanismo essencial à interpelação do sujeito, na medida em que veicula sentidos pré-existentes ao nascimento dos indivíduos que os determinam em seus dizeres. Tais sentidos mantêm-se por intermédio de naturalizações, que os mascaram pela impressão de estarem *sempre-já-lá*, gerando uma maior segurança contra a subversão e tornando a interpelação do sujeito mais eficaz, enquanto encoberta. Pode-se refletir, portanto, que o fato de apenas eu poder me nomear como eu, referindo-me a mim torna-se a evidência máxima de que o sujeito é único, insubstituível e idêntico a si mesmo. Portanto, esse acontecimento induz o sujeito à ilusão de que não depende do *outro* para fazer sentido. Todavia, por intermédio desse *já-constituído* veiculado no interdiscurso, o sujeito é desde sempre um indivíduo interpelado em sujeito. Sendo assim, o sujeito se constitui pelo “esquecimento” daquilo que o determina.

A interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela relação de pertencimento do sujeito com a formação discursiva que o constitui através do interdiscurso. Pode-se dizer, então, que a filiação ideológica faz com que indivíduos se identifiquem com determinados dizeres e ações e, assim sendo, dá-lhes características que os identificam como grupo.

Todos os discursos estão vinculados a outros já-ditos, mesmo que os indivíduos não os percebam, e isso acontece porque os discursos já estão sempre em processo, em andamento. Ao nascer, os sujeitos são inseridos nesse processo, repetindo, negando, ou subvertendo sentidos. Então, o fato de os sujeitos pensarem ser origem do que dizem e de não terem total consciência de sua ligação com o interdiscurso (esquecimento) se dá pela apreensão do processo significante de interpelação, ou seja, o sujeito é interpelado pela a ideologia e é através dela que ele se considera como origem do que diz. Isso é efeito de um mecanismo de manutenção da própria ideologia. No entanto, o sentido não está em nas pessoas, mas sim na maneira como elas se inscrevem na língua, na história, enfim, nas ideologias.

A visão de *interdiscurso* de uma formação discursiva é repensada por Courtine [1981 (2009, p. 100)], que a concebe como um *processo de reconfiguração incessante*. É o que está em constante movimento entre o repetível e o diferente; o interior e o exterior; o apagado e o dito; o passado, o presente e o futuro. Dessa maneira, o interdiscurso, como veículo dos saberes de uma FD, regula o deslocamento de suas fronteiras.

O interdiscurso também revela um processo discursivo-ideológico que fundamenta as formações discursivas: o silenciamento. Courtine [1983 (1999, p. 15-16)] recupera a narrativa de Kundera, na qual o dirigente russo, ao ser fotografado em um local de evidência e sob forte frio, recebe de um companheiro – Clémentis – um chapéu de pele para se deixar registrar:

Quatro anos mais tarde, Clémentis foi acusado de traição e enforcado. O departamento de propaganda fê-lo imediatamente desaparecer da história e certamente, de todas as fotografias de Clémentis, restou apenas o chapéu de pele na cabeça de Gottwald. (op. cit., p.15)

A imagem, nesse contexto, funciona de modo a conter sentidos de presença do amigo na mesma medida em que escamoteia outros sentidos de presença. Esse fato é mencionado justamente porque é inscrito como vestígio de um corpo que não está mais lá, que se esfriou em apagamentos e que não pode ser visto.

Desse modo, Courtine relaciona a narrativa a respeito de *Clémentis* com o processo de silenciamento e sobreposição discursiva, uma vez que, da mesma forma que o apagamento provoca a incompletude da imagem, mas simultaneamente denuncia através dele algo da ordem da interdiscursividade, as enunciações deixam marcas do silenciado, cujos significados não cessam e não se apagam. Courtine defende, ainda, que o silenciamento não pertence à língua especificamente, mas sim ao discurso, cujo desdobramento histórico dá-lhe ordem própria distinta da materialidade linguística.

### **3.2.1 *Eco do berro: o interdiscurso como discurso transverso***

O *discurso transverso* é visto como responsável pela comprovação da relação existente entre as formações discursivas e a heterogeneidade da constituição dos discursos. Para Pêcheux, o discurso-transverso é da ordem do interdiscurso e coloca em conexão elementos discursivos constituídos pelo interdiscurso exposto pelos pré-construídos. Segundo ele:

o interdiscurso enquanto discurso transverso atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo interdiscurso enquanto pré-construído, que fornece, por assim dizer, a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como “sujeito falante” com a formação discursiva que o assujeita. [PECHEUX, 1975 (1995, p. 167)]

Frente a isso, pode-se afirmar que o discurso-transverso é a organização do pré-construído em outro discurso. Todo discurso é constitutivamente atravessado por outros interdiscursos, formações discursivas e ideológicas, sendo, portanto, heterogêneo. Por esse ponto de vista, o interdiscurso pode ser tido como a dimensão não-linear do dizer, que irrompe no eixo da formulação como discurso-transverso, fazendo retornar discursos que representam a história, a memória dos espaços e dos sujeitos, que o constituem e são por ele constituídos.

Nessa perspectiva, os elementos interdiscursivos funcionam duplamente, como memória e como discurso formador (pré-construído). Como memória, materializam-se no fio do discurso pelo efeito do discurso-transverso, que ocorre pelo atravessamento no intradiscurso de discursos advindos de tempos e lugares outros, encaminhando para efeitos de sentido que rejeitam a homogeneidade e fazem retornar discursos autorizados, como uma das formas de institucionalizar o dizer, legitimando-o. Já, como discurso formador (pré-construído), a rememoração é o discurso que retorna e sustenta, no intradiscurso, os dizeres, dotando-os de efeitos de verdade e de pertencimento.

A noção de *discurso transverso* auxiliará na verificação de saberes provenientes de diferentes FDs agindo no interior das canções nativistas, pois muitas vezes os discursos parecem responder a saberes históricos, que são silenciados na linearidade dos discursos das canções nativistas.

### **3.2.2 *Doma tradicional: o interdiscurso como pré-construído***

O interdiscurso, conforme Pêcheux [1983 (1990)], pode ser visto como o discurso que opera sobre si próprio e que se caracteriza por possuir dois elementos constitutivos: o *pré-construído*, identificado em qualquer formação discursiva como um (pré)conceito histórico, de conhecimento geral, e a *articulação* (intradiscurso), aquilo que permite a um sujeito conceber-se como tal em relação àquilo que constrói em seu próprio discurso, à medida que o fio discursivo do sujeito (intradiscurso) propicia o efeito do interdiscurso sobre si mesmo, à medida, que o sujeito do discurso tende a absorver-esquecer o interdiscurso no

seu próprio dizer. Sendo o discurso concebido como um sistema de relações de sentido, o conceito de interdiscurso destaca-se no processo de subjetivação do sujeito, na medida em que é o resultado das relações complexas dos usos da linguagem com as formações discursivas.

Por intermédio do *pré-construído* e dos esquecimentos, que nos dão a impressão de domínio sobre o que dizemos, somos interpelados como sujeitos pela ideologia, pois nossas palavras precisam ter sentido para fazerem sentido. Tal afirmação leva à questão de que a formação de sentido depende de fatores externos à língua e que “nem o sujeito, nem o discurso, nem os sentidos estão prontos e acabados” (ORLANDI, 1996, p. 22), mas sim em constante reformulação.

Pode-se refletir, então, que a ideologia fornece as evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado queiram dizer o que realmente dizem e que mascaram assim, sob a transparência da linguagem, o caráter material do sentido, das palavras e dos enunciados. Assim, o sentido de uma palavra não existe em si mesmo, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras são reproduzidas. Dessa forma, as palavras mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, ou seja, dentro de formações ideológicas.

Frente ao exposto, pode-se dizer que a noção de *pré-construído*, trazida por Paul Henry [apud PÊCHEUX, 1975 (1995, p. 99)], é importante mecanismo de manutenção da ideologia e forte elemento constitutivo do interdiscurso, uma vez que pode ser visto como um traço deste no intradiscurso. Para Henry, *pré-construído* é um termo proposto para designar aquilo que remete a uma construção anterior e exterior, mas sempre independente, opondo-se ao que é construído pelo enunciado. A característica essencial do *pré-construído* “é a separação entre o pensamento e o objeto do pensamento, com a pré-existência deste último – o real existe independente do pensamento” (idem, p.102). Assim sendo, é apresentado como o “sempre-já-aí” da interpelação ideológica que impõe a realidade e seu sentido sob a forma de universalidade (mundo das coisas).

Segundo Courtine [1981 (2009, p. 74)]:

Trata-se do efeito discursivo ligado ao encaixe sintático: um elemento do interdiscurso nominaliza-se e inscreve-se no intradiscurso sob forma de *pré-construído*, isto é, como se esse elemento já se encontrasse ali. O *pré-construído* remete assim às evidências pelas quais o sujeito se vê atribuir os objetos de seu discurso: “o que cada um sabe” e simultaneamente “o que cada um pode ver” em uma dada situação.

Observa-se, então, que o pré-construído como elemento do interdiscurso veicula ideologias nas/pelas/entre formações discursivas (FD). Tal noção permite examinar as canções interpretadas por César Oliveira e Rogério Melo sob uma ótica que não se esgota na análise do que está na superfície linguística, mas a ultrapassa na medida em que permite acessar à constituição dos sujeitos pertencentes à FD nativista, identificando, dessa maneira, discursos que podem e devem ser ditos dentro dessa FD e quais não podem/devem ser ditos.

### 3.3 NO RASTRO DOS OUTROS: MEMÓRIA, ATUALIDADE E ANTECIPAÇÃO

Distinguindo-se da memorização psicológica (relativa à cognição e a fatores físicos no processo de memorização), a memória discursiva diz respeito à existência histórica do discurso, em que o enunciado, no interior de prática discursiva regrada por aparelhos ideológicos, funciona disseminando os saberes de uma FD. Segundo Courtine [1981 (2009, p.106)], uma formação discursiva se apropria de uma memória discursiva que pode ser compreendida a partir de três domínios diferentes: *domínio da memória*, *domínio da atualidade* e *domínio da antecipação*.

O *domínio da memória* é formado por um conjunto de sequências discursivas pré-existentes à *sdr* atual, ou seja, constitui-se por formulações já enunciadas que as formações discursivas reverberam. Como forma de constituição do corpus discursivo, esse domínio representa, segundo Courtine (op. cit., p. 112):

o interdiscurso como instância de constituição de um discurso-transverso que regula para um sujeito enunciator, produzindo uma SDR em cp determinada, um modo de doação dos objetos de que fala o discurso assim como o modo de articulação desses objetos.

Dessa maneira, o domínio da memória institui-se no passado, em que formulações antigas atravessam os dizeres na atualidade, ou seja, no domínio da atualidade.

O *domínio da atualidade* diz respeito à circunscrição das sequências discursivas em uma dada conjuntura histórica, inscrevendo-se na instância do acontecimento, intrincada a um momento histórico específico, de modo a fazer emergir um dizer anterior para reatualizá-lo. Courtine (idem, p. 112) afirma quanto a esse domínio que: “ao conjunto de sequências discursivas que coexistem com a *sdr* em uma conjuntura histórica determinada: as sequências discursivas agrupadas num domínio da atualidade se inscrevem na instância do

acontecimento”. Então, o domínio da atualidade diz respeito às condições de produção relacionadas ao ato de enunciação.

Já o *domínio da antecipação* relaciona-se ao fato que todo discurso antecipa discursos por vir, assim como, todas sequências anteriores a uma *sdr* atual formulam efeitos de sentido que antecipam a enunciação da sequência de referência. Dessa forma, as sequências discursivas que antecedem o ato de enunciação, vistas como efeitos de antecipação, revelam ser impossível atribuir um final a um processo discursivo, na medida em que é sempre possível relacionar uma sequência discursiva com sequências que a antecederam ou que a seguiram, o que prova a continuidade dos discursos.

### 3.4 ENTRE MANHAS E SEGREDOS: SUJEITO (DO ASSUJEITADO À TOMADA DE POSIÇÃO)

O sujeito, como assujeitado ideologicamente em um processo pleno, visão defendida nas fases iniciais da AD a partir dos pressupostos althusserianos, é *livre* para agir dentro de seu assujeitamento, na medida em que é interpelado-constituído em sujeito pela ideologia, processo de interpelação-identificação que produz o sujeito num lugar deixado vazio. Nessa perspectiva, os indivíduos são interpelados em sujeitos do seu discurso pela ideologia, mediante um processo interdiscursivo que se encontra instalado nas *formações discursivas* que representam na linguagem as formações ideológicas a que correspondem. Para Althusser: “o indivíduo é interpelado como sujeito [livre] para livremente submeter-se às ordens do sujeito, para aceitar, portanto [livremente] sua submissão”. (1985, p. 104)

Pêcheux e Fuchs [1975 (1997)], baseados em Freud, definem dois tipos de *ilusão-esquecimento* como responsáveis pelo assujeitamento e encobrimento da ideologia nesse processo. O esquecimento nº 1, que é um encobrimento da ordem da ideologia, do inconsciente, apaga para o sujeito o processo pelo qual uma sequência discursiva concreta é produzida ou reconhecida como tendo sentido anterior, o que faz o sujeito achar que é a origem do seu dizer, que o sentido do seu discurso passa a existir em si mesmo. Assim, o sujeito não reconhece que o seu dizer é vinculado a saberes anteriores, que se dispõem a determinada formação discursiva. Já esquecimento nº 2, da ordem do sistema pré-consciente-consciente, produz um outro fato: o sujeito-falante “escolhe”, no interior da FD a que se filia, formas e sequências que estão em relação parafrástica, “escolha” que se dá dentro do campo do que é previsível na FD considerada. A ilusão do sujeito advém do fato de ele poder

escolher e organizar palavras para enunciar o mesmo, ou seja, a ilusão se dá pela possibilidade de paráfrase.

Em *Semântica e Discurso* [1975 (1995)], Pêcheux retoma a questão do sujeito e do assujeitamento dedicando a esse tema o capítulo II, em que esclarece os fundamentos de uma teoria materialista do discurso, entendendo que a contradição é intrínseca a todo modo de produção baseado numa divisão de classes. O que não sustenta a afirmação anterior do relacionamento de classes funcionar por subordinação da posição dominada que reproduz saberes da hegemonia dominante. Assim, a *reprodução/transformação* faz parte de um mesmo processo que atravessa o modo de produção em seu conjunto. Todavia, no capítulo *Só há causas daquilo que falha*, colocado em anexo na obra acima referida, Pêcheux reflete quanto ao fechamento da política do proletariado dentro da ideologia dominante deixar o sujeito dominado como alguém totalmente passivo e sem possibilidade de subversão. Frente a isso, repensa o assujeitamento authusseriano, afirmando que: “o authusserianismo é um pensamento da ordem e do mestre, que se instituem por uma dupla circunscrição: da História (enclausurada na reprodução) e do Sujeito (reduzido ao autômato ‘que anda sozinho’)” (op. cit., p. 297). Frente a isso, esse teórico introduz a noção de tomada de posição, cuja perspectiva defende o assujeitamento como processo sujeito a falhas, assim como todo ritual. Então, pode-se refletir quanto à afirmação: “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito)” [PÊCHEUX, 1975 (1995, p. 163)], que nem sempre o sujeito se identificará com os saberes impostos pela sua FD.

Segundo propõe Pêcheux, no apêndice dessa obra intitulado *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação*, esse domínio não é totalmente efetivo, o sujeito pode subverter, se revoltar ou negar sentidos que o significam. Assim:

a tomada de posição resulta de um retorno do *Sujeito* no sujeito, de modo que a não-coincidência subjetiva que caracteriza a dualidade sujeito/objeto, pela qual o sujeito se separa daquilo de que ele *toma consciência* e a propósito do que ele toma posição, é fundamentalmente homogênea à coincidência-reconhecimento pela qual o sujeito se identifica consigo mesmo, com seus *semelhantes* e com o *Sujeito*. O *desdobramento* do sujeito - como *tomada de consciência* de seus *objetos*. (op. cit., p. 172)

Desse modo, a noção de sujeito totalmente assujeitado passa por uma reformulação. Nessa nova ótica, o sujeito pode perceber os dizeres que o determinam, assumindo diferentes posições e identificando-se, ou não, com determinadas ideologias.

Partindo dessas constatações, Pêcheux diz fazer aparecer, em *Semântica e Discurso*, um estranho sujeito materialista que efetua a “apropriação subjetiva da política do proletariado, o que o leva a um paradoxal sujeito da prática política do proletariado, cuja simetria tendencial com o sujeito da prática burguesa não é questionada” (idem, p. 298). Uma ruptura com esse modelo deveria ser capaz de propor uma “interpelação às avessas”, que atuasse na prática política do proletariado. A partir dessa posição, Pêcheux caracteriza como mais justo pensar a luta de classes como um processo de “reprodução-transformação” das relações de produção existentes, sendo o sujeito visto como historicamente capaz de se voltar contra causas que o determinam, à medida que o processo de interpelação não é totalmente encoberto, porque: “o *non-sens* do inconsciente, em que a interpelação encontra onde se agarrar, *nunca é inteiramente* recoberto nem obstruído pela evidência do sujeito-centro-sentido que é seu produto” (ibidem, p. 300, grifos do autor). Assim, o sentido é produzido no *non-sens*, porém deixando marca de deslizamentos no sujeito-ego.

O lapso e o ato falho, as falhas do ritual, o bloqueio da ideologia, colocam em xeque a ideologia dominante. Dessa maneira, ao retrazar a vitória do lapso e do ato falho nas deficiências da interpelação ideológica, não supõe que se faça do inconsciente a fonte da ideologia dominada. Pêcheux afirma, ainda, que: “a ordem do inconsciente não coincide com a da ideologia, o recalque não se identifica com o assujeitamento nem com a repressão, mas isto não significa que a ideologia deva ser pensada sem referência ao registro inconsciente” (op. cit, p. 301).

Dessa maneira, não sendo causa de si e sendo efeito do significante, naquilo que a interpelação e o sentido o constituem, a ação do significante no sujeito abre caminho para o que falha, pois, se a linguagem é causa da divisão do sujeito, a identificação pelo significante produz o seu próprio fracasso. Assim, pode-se dizer, em convergência com Courtine [1981 (2009)], que não existe um sujeito *do discurso*, mas posições-sujeito expressas pelo sujeito enunciador (sujeito da enunciação), que está ligado aos saberes de uma FD. Se não há na perspectiva adotada por Courtine nenhum *sujeito do discurso*, pode-se perceber em compensação, no interior de uma FD, diferentes posições de sujeito constituindo efeitos de sentido que relacionam o sujeito universal com o sujeito da enunciação.

Courtine, em relação às posições-sujeito vai dizer que:

concebemos, portanto, uma *posição sujeito* como uma relação determinada que se estabelece em uma formulação entre um sujeito enunciador e o sujeito do saber de uma dada FD. Essa relação é uma relação de identificação cujas modalidades variam, produzindo diferentes efeitos sujeitos no discurso. A descrição das diferentes posições de sujeito no interior de uma FD e dos efeitos que estão ligados a ela é o domínio de descrição da forma-sujeito. [1981 (2009, p. 88)]

Cabe discutir, se em um processo de reafirmação da temática nativista, que busca adeptos à sua formação, é importante aos sujeitos representados aliarem-se aos “sujeitos do saber” de sua FD, ou contraporem-se aos saberes que os determinam. Além das noções já vistas, os processos de *identificação*, *des-identificação* e *contra-identificação* podem ser considerados como de essencial valor para a análise dos discursos da música nativista sul-riograndense, já que possibilitam a observação do processo de interpelação do sujeito, sem que eles sejam vistos de forma absoluta. Por intermédio deles, investigar-se-á a formação discursiva nativista contemporânea, verificando se reproduz, ou não, os elementos interdiscursivos advindos da tradição.

### 3.5 AO ENCONTRO OU A BICO DE BOTA: IDENTIFICAÇÃO, DES-IDENTIFICAÇÃO E CONTRA-IDENTIFICAÇÃO

Para a explicação das possibilidades de o sujeito se filiar ou contradizer as ideologias que o interpelam, busca-se nos conceitos de *identificação*, *(des)identificação* e *contra-identificação*, propostos por Pêcheux, considerações para explicar a vinculação, ou não, do sujeito nativista gaúcho aos saberes que o determinam, ou que, pelo menos deveriam o determinar.

Na noção de *identificação*, o sujeito universal, ou seja, o sujeito do saber próprio de uma FD sobrepõe-se ao sujeito da enunciação. Essa superposição revela uma identificação plena do sujeito do discurso com a forma-sujeito da FD que o afeta, tendo-se aí o discurso do “bom sujeito”, nas palavras de Pêcheux [1975 (1995)]. Dessa forma, a noção de *identificação* contempla o sujeito que consente plenamente com o assujeitamento e sofre pacificamente essa determinação.

A noção de *contra-identificação* diz respeito ao sujeito da enunciação que se volta contra o sujeito *do saber próprio de sua FD*. A partir do contato com outras formações discursivas, o sujeito enunciador contraria os saberes que circulam no interior de sua própria formação discursiva, fazendo emergir diferentes posições de sujeito. A *contra-identificação* caracteriza, segundo Pêcheux [1975 (2005)], o *mau sujeito*, pois o discurso do sujeito da

enunciação se volta contra o sujeito universal por meio de uma tomada de posição. Então, o sujeito se contra-identifica com a conjuntura que lhe é imposta, subvertendo, negando ou criticando os saberes de sua formação.

Indursky (2002, p. 06) assegura que essa noção “traz para o interior da FD o discurso-outro, a alteridade, e isto resulta em uma FD heterogênea”. Logo, a tensão entre a plena identificação com os saberes da FD e a contra-identificação com os mesmos saberes ocorre no interior da FD, uma vez que o sujeito do discurso questiona saberes pertencentes à FD em que ele se inscreve. Não se tendo mais uma identificação plena, abre-se espaço para uma superposição incompleta que permite a instauração da diferença e da dúvida que são responsáveis pela contradição no âmbito dos saberes da FD.

Já, a noção de *des-identificação* suscita o movimento de não-identificação com uma FD e fundação de outra formação discursiva, o que se dá mediante a um acontecimento discursivo específico, ou simplesmente a migração para outra FD já existente. O sujeito ao se des-identificar com uma formação discursiva, desloca sua identificação para outra formação discursiva. Assim, seguindo as nomenclaturas propostas por Pêcheux aos sujeitos das duas categorias anteriores, pode-se dizer que, no processo de des-identificação, o sujeito torna-se um “mau-sujeito” ante sua antiga FD, todavia, um “bom sujeito” para a nova formação a que se filia.

Esses três processos se justificam a partir do fato de que, no discurso de um sujeito, podem ser observados rastros de ressonâncias de discursos outros, constituindo-o heterogeneamente. Assim, na produção do discurso, existem delimitações das fronteiras discursivas entre o já-dito e o a se dizer e, dependendo da posição-sujeito assumida e de sua relação com os dizeres em jogo, ocorrerá a identificação ou a des-identificação ou, ainda, a contra-identificação. Cabe salientar que existe significativa diferença entre contra-identificação e des-identificação, uma vez que contrariar algum aspecto ideológico de sua FD não significa necessariamente posicionar-se em outra formação.

A pesquisa considera tais processos importantes e os leva em conta nas análises dos discursos nativistas veiculados pela música de raiz sul-rio-grandense. Tais dizeres tomam sentidos a partir de já-ditos advindos da tradição e são proferidos por intérpretes atuais para interlocutores atuais que podem se identificar, ou não, com as ideologias propostas nas referidas canções.

#### **4 PRA VER MELHOR: DISPOSITIVO TEÓRICO-METODOLÓGICO DE ANÁLISE**

A metodologia em AD não é um ponto estruturalmente rígido e definido. Ela vai se fundamentar em dependência do recorte teórico-analítico efetuado pelo analista. Assim, pode tomar diferentes caminhos para sua constituição. O que se pode afirmar quanto à questão metodológica em Análise do Discurso é que os textos são tomados como uma unidade linguística para análise do funcionamento do discurso e de suas condições históricas de produção e leitura. A partir disso, são ligados a sua constituição histórica e pensados como produtos ideológicos, em que língua, sujeito e história se relacionam para a formação dos sentidos.

##### **4.1 *SER ASSIM*: LUGAR DA ENUNCIÇÃO E FORMAÇÃO IMAGINÁRIA**

Pêcheux diz que há lugares determinados na estrutura social que são ocupados pelos sujeitos (patrão/empregado, contramestre/operário, etc.; aqui, do estancieiro e do peão). Para ele, “esses lugares estão representados nos processos discursivos em que são colocados em jogo”, mas alerta para o fato de que “seria ingênuo supor que o lugar como feixe de traços objetivos funciona como tal no interior do processo discursivo; ele se encontra aí representado, isto é, presente, mas transformado”. [1969 (1993, p. 83)]

Para ele, essa representação depende das formações imaginárias que dizem respeito à imagem que os sujeitos fazem de si e do outro. Evidencia assim o lugar de enunciação como um construto imaginário determinante do processo discursivo, pelo sujeito enunciador quanto a si, a seus alocutários e a seu dizer.

O conceito de *formação imaginária* revela-se, pois, de grande relevância para a análise empreendida neste trabalho, na medida em que possibilita conceber o sujeito do discurso das canções nativistas como resultado de um processo histórico que habita o imaginário sul-rio-grandense e, impregnado na memória social, atua na imagem que o sujeito sulino faz de si em oposição à do outro, o não-sulino. Permite, então, analisar o sujeito peão campeiro sulino, numa perspectiva que não se esgota no “feixe de traços característicos” da sociologia, mas segundo o lugar (imaginário) de que fala, para quem fala e sobre o que fala.

Partindo do conceito lacaniano de imaginário, Pêcheux [1975 (1995)] define as *formações imaginárias* como resultantes de processos discursivos anteriores. As manifestações das formações imaginárias podem ser percebidas, no processo discursivo,

através da antecipação, das relações de força e de sentido. Nessa antecipação, o sujeito projeta uma representação imaginária de seu interlocutor e, a partir disso, estabelece suas estratégias discursivas. A imagem que o sujeito tem do lugar de onde fala e do lugar do outro, determina as relações de força no discurso, ou seja, ocorre um jogo de imagens: dos sujeitos entre si, dos sujeitos com os lugares que ocupam na formação social e dos discursos já-ditos com os posteriores possíveis e imaginados.

Assim, quanto à relação de imagens que levam em conta o interdiscurso e dizeres possíveis, pode-se refletir com Orlandi (2003, p. 36) que: “no jogo discursivo entre o já-dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem percursos, (se) significam”, ou seja, na sua relação entre interdiscurso e suas possíveis reverberações que os sujeitos buscam/fazem/projetam sentidos.

Nesse jogo contínuo em que um discurso aponta para outros (anteriores e posteriores), os dizeres são imaginados e, por conseguinte, propostos. A antecipação realizada pelas formações imaginárias pode ser vista como um mecanismo discursivo que funciona pela capacidade do sujeito de se colocar no lugar de seu interlocutor, prevendo, desta maneira, os efeitos de sentido pretendidos ao se enunciar. Esse mecanismo é responsável pelas múltiplas possibilidades de efeitos de sentido geradas no processo de argumentação, o qual está sempre inserido em relações de força. Então, consideremos, novamente com Orlandi que “o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (2003, p. 39). Assim, neste trabalho, os sujeitos empíricos César Oliveira e Rogério Melo não são objetos de análise, mas sim a representação imaginariamente forjada do sujeito gaúcho nas canções por eles interpretadas.

Dessa maneira, as formações imaginárias, enquanto mecanismos de funcionamento discursivo, não dizem respeito a sujeitos físicos ou lugares empíricos, mas às imagens resultantes de suas projeções, na medida em que se ligam às condições de produção do discurso.

#### 4.2 TROPEANDO FRASES: SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS DE REFERÊNCIAS

O presente trabalho utilizará *Sequências Discursivas de Referência* (sdr) como *corpus* de análise. Essas sequências podem ser entendidas, segundo Courtine [1981 (2009, p. 55)], como *sequências orais ou escritas de dimensão maior que a frase*, e representarão cada recorte temático realizado no corpus, sendo numeradas para efeito de organização durante a análise.

Segundo esse autor:

A sdr é uma sequência discursiva escolhida como ponto de referência a partir do qual o conjunto dos elementos do corpus receberá sua organização. (...) a sdr está relacionada a um *sujeito de enunciação*, bem como a uma *situação de enunciação* que possam ser isolados em relação a certo número de coordenadas espaço-temporais e, mais geralmente, circunstanciais [COURTINE, 1981 (2009, p. 107-108) - Grifos do autor].

Cabe salientar que as *sdr* não têm apenas a função de organizar a análise e a escritura do texto. É por intermédio das sequências discursivas, na sua linearidade, ou seja, dentro do intradiscurso, que se consegue ingressar nas *formações discursivas* (FD), uma vez que do processo de divisão do todo discursivo para análise resultam fragmentos representativos do discurso em questão. A determinação das sequências discursivas parte de critérios que possibilitam entrar nos saberes referenciados de uma FD. Para isso, deve ser observada, a partir de elementos formais (linguísticos), a ligação do intradiscurso com a FD e com a memória discursiva, notando a recorrência de saberes instituídos pelas suas formulações.

No presente trabalho, foram elas agrupadas através de temas por acreditar-se ser o mais adequado frente aos objetivos e à natureza do trabalho. Parece que, metodologicamente, possibilita obter maior visibilidade dos discursos abordados, notando seus funcionamentos em diferentes conjunturas: na singularidade, na sua relação com o grupo e no contexto em que estão inseridos.

É importante dizer que não se podem tratar as sequências discursivas de referência em si mesmas; ao contrário, elas mantêm relações com as que as precedem e com as que as seguem. Invariavelmente, elas se relacionam umas às outras semanticamente. Cabe ao analista perceber essas relações, quando necessárias para fins de análise, uma vez que podem auxiliar na identificação de saberes evocados ou apagados e, assim, determinar que posições-sujeito e formações discursivas estão em jogo.

Quanto à composição do *corpus*, foram selecionadas cinquenta e três sequências, retiradas das vinte e uma canções que integram o DVD *Pátria Pampa*, de César Oliveira e Rogério Melo. A escolha por esse DVD deu-se em virtude da apresentação de um repertório mais amplo que agregava um pouco de cada um dos cinco discos até então lançados pela dupla. Cabe salientar que os intérpretes acima referidos são consagrados no meio nativista como novos representantes da música de raiz sulina. Eles não se enquadram no contexto

voltado a músicas comerciais (sem qualquer preocupação cultural), fazendo sucesso ao apresentarem características da tradição gaúcha.

O recorte discursivo das canções que compõem o *corpus* possibilita a análise do discurso nativista-tradicional e parece ser representativo do que se pretende mostrar. Observe-se também que, apesar de ser verificada a possibilidade de estudo da parte visual e sonora dessa obra, serão focalizadas apenas as letras das vinte e uma canções do DVD. Entretanto, torna-se necessário mencionar a necessidade de um estudo nesse âmbito maior, pois mesmo que muitas teorias estejam pesquisando os discursos provenientes das imagens, fica um espaço aberto à análise dos efeitos de sentido no texto imagético relacionado às possibilidades semânticas instaladas pela música<sup>13</sup>.

Cabe mencionar que a caracterização dos gaudérios institui-se pela veiculação dos valores ancestrais que permeiam o nativismo, defendendo a identificação coletiva do gaúcho com os saberes que o relacionam com seu antepassado campesino. Segundo Petri (2004, p.126):

A designação *gaúcho* vem de um outro lugar, instaura-se aqui, recupera sentidos, transforma-se e passa a significar de diferentes formas através dos tempos, conforme reinvenção imaginária, mas na maioria das vezes nos remete às relações entre o homem e às coisas da terra, caracterizando de forma mais genérica o gaúcho como um ser essencialmente telúrico.

Frente a isso, torna-se preponderante analisar se a representação instituída pelo discurso nativista, por intermédio da materialidade linguística, relaciona-se às causas e aos problemas campesinos, ou são marcas da reprodução de elementos interdiscursivos favoráveis à manutenção do poder, provenientes dos antigos estancieiros que oprimiam os peões encobertos pela exaltação da simplicidade e rudimentarismo campeiros. A análise do discurso nativista e o questionamento da sua ligação com a formação discursiva do peão ou a do patrão serão instituídos pela observação das regularidades de posições-sujeito que integram os discursos analisados, delineando-se, dessa forma, a FD a que eles pertencem, as posições imaginárias apresentadas pelos sujeitos do discurso, como também os interdiscursos que embasam o dizer nativista.

Quanto ao corpus de análise, cabe dizer que as *sdr* apresentadas a seguir são relacionadas como recortes do espaço discursivo de referência no presente trabalho e representam quatro grandes blocos que abordam temáticas mais gerais: *um nó que não desata*:

<sup>13</sup> Fica a pretensão de um estudo posterior, ou a “dica” para outros analistas, propondo uma metodologia em AD que possibilite a análise de imagens e de elementos musicais (timbre, acorde, ritmo, compasso, etc.) como integrantes semântico-discursivos das canções.

elementos constitutivos do povo gaúcho; *no repertório da lida*: representação do peão na lida campeira; *herança de maragato*: representação do gaúcho frente às guerras de seu estado e *quando a guela (não) se alvorota*: negro e mulher – vozes caladas.

#### 4.3 MUNDO "VÉIO": CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO MUSICAL NATIVISTA

As condições de produção (CP) já eram abordadas anteriormente por outras teorias linguísticas e da comunicação. Todavia, foi a partir dos deslocamentos operados por Pêcheux, que as CP tiveram ligação com as *formações imaginárias*, as quais representam o *lugar* que cada um dos interlocutores atribui a si mesmo e ao outro.

Esta concepção de lugares que Pêcheux traz à cena tem por objetivo romper com a ideia de presença física dos participantes das trocas verbais, sendo problematizados os lugares ocupados na estrutura de uma formação social. Desse modo, segundo Pêcheux [1975 (1995)], a AD defende a existência de mecanismos de projeção nas formações sociais que relacionam as situações, que podem ser definidas objetivamente, e as posições, que são representações dessas situações. Diante das formações imaginárias que constituem as representações, como já visto, advêm as antecipações que cada um dos interlocutores fazem de si mesmos, do outro e dos seus discursos. Uma observação pertinente a ser feita deve considerar o fato de que, ao recusar a presença física como determinante nas CP do discurso, Pêcheux aponta para a dissociação entre o empírico e o discursivo.

Courtine [1981 (2009, p. 107) propõe uma “redefinição da noção de *cp* do discurso”, uma vez que o agrupamento de dados para a pesquisa em AD somente tem sentido frente à atribuição dos objetivos do analista e, por isso, não existe uma forma fixa, nessa teoria, para formação do corpus de estudo.

Frente ao exposto, cabe dizer que, para o levantamento das *condições de produção* do discurso, são relacionados: contexto histórico-social enunciativo, formação ideológica apresentada pelas posições sujeito e as formações imaginárias presentes na enunciação. Deve-se pensar que a AD tem a preocupação de entender como se articulam realidade, sujeito e linguagem, uma vez que o discurso deve ser entendido como a construção de sentidos num dado momento da história e num contexto social determinado, o que propicia a análise do discurso nativista enunciado nas canções do disco *Pátria Pampa*.

Assim, a análise do *corpus* desse trabalho busca entender o lugar, enquanto espaço de representações sociais, de onde os sujeitos enunciarão, pois é aí que se estabelece a “relação de forças” no discurso. Segundo essa noção, para Orlandi (2002, p. 39): “o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz”.

#### **4.3.1 Das bibocas da história: surgimento da música regional sulina**

No texto de Bangel (1989), percebe-se que, a partir de 1870, datam os primeiros registros de música gaúcha. No entanto, será considerado o marco inicial da música regionalista gaúcha, em 1913, a criação dos vinis e o surgimento dos discos da marca “Gaúcho”, nos quais são gravadas as primeiras canções do estilo campeiro. Na década de 1920, com as transmissões radiofônicas, o RS começa a ter maior contato com ritmos portenhos, ajudando a influenciar no gênero nativista. A partir desse contexto inicial, as músicas de raiz começam a ser difundidas, porém com o surgimento de meios de comunicação mais potentes, no final da década de 60, a cultura norte-americana começa a ser divulgada entre todas as sociedades ocidentais, evidenciando imagens de adolescentes “rebeldes”, que acabam influenciando a massa jovem de outros países e, por conseguinte, modificando o culto às tradições sulinas.

Com intuito de preservação dessa ligação com a origem do estado, são criados os festivais musicais gauchescos, os quais se configuram como marcos na consolidação da cultura campeira. O primeiro realizado, em 1971, foi a *Califórnia da Canção Nativista* em Uruguaiana. Após esse festival surgiram vários outros, que persistem até hoje, e ajudam a manter o nativismo sul-rio-grandense. Os principais a serem citados são: *Escaramuça da Canção Gaudéria*, em Triunfo; *Tertúlia Musical Nativista*, em Santa Maria; *Festival da Barranca*, em São Borja; *Coxilha Nativista*, em Cruz Alta; *Musicanto Sul-americano de Nativismo*, em Santa Rosa; *Canto sem Fronteira*, em Bagé; *Estância da Canção Gaúcha*, em São Gabriel; *Semeadura da Canção Nativa*, em Tupanciretã; *Um Canto para Martín Fierro*, em Santana do Livramento; *Carijó da Canção Gaúcha*, em Palmeira das Missões; *Encontro Internacional de Chamameceros*, em São Luiz Gonzaga; *Cante uma Canção*, em Vacaria; *Comparsa da Canção Gaúcha*, em Pinheiro Machado; *Reponte da Canção*, em São Lourenço do Sul; *Salamanca da Canção Nativa*, de Quaraí; *Laçador do Canto Nativo*, em Porto Alegre e *Galponeira*, em Bagé.

No entanto, os festivais perderam a força na década de 1990, dando espaço para um novo estilo de música gaúcha, o “tchê music”, cuja inauguração repercute em confrontos e controvérsias, na medida em que é visto como um gênero sulino, porém negado como disseminador da cultura do Rio Grande do Sul.

#### **4.3.2 *Machaço confronto: música tradicionalista, nativista e “tchê music”***

A música gaúcha tradicionalista está intrinsecamente ligada ao movimento cívico-cultural que tem por intuito valorizar e preservar as tradições sul-rio-grandenses: o *movimento tradicional gaúcho*. O criador desse foi João Jaques Cezimbra, que, a partir da fundação da Sociedade Grêmio Gaúcho, em 22 de maio de 1898, buscou congregar a família gaúcha em torno de ideais comuns.

Assim, as canções tradicionalistas buscam na exaltação de valores antepassados, cultuados pelo movimento tradicional, a temática para suas letras. Esse tipo de canção permite relacioná-la com a escola literária parnasiana, à medida que se assemelha quanto à reverência ao natural e ao ambiente, tais quais: a terra, o chão, os costumes e os animais (principalmente ao cavalo).

No que diz respeito às canções nativistas, apesar de abarcarem as mesmas temáticas das tradicionalistas, são marcadas pela divergência em relação à exaltação dos valores gloriosos do passado sulino, e pela aceitação da influência espanhola que os países vizinhos infundiram ao Rio Grande do Sul. Não se considera que essas duas posições (nativismo e tradicionalismo) sejam opostas, pelo contrário, o nativismo é uma vertente da postura tradicional. No entanto, os temas tradicionalistas dificilmente aceitam a cultura espanhola como elemento formador da sociedade gaúcha e valorizam o passado do estado, assim como as ações dos campeiros (vistos como ancestrais originais do povo rio-grandense), sem criticá-los. Os nativistas, por outro lado, são caracterizados por admitir a proveniência ibérica da cultura gaúcha e evidenciar marcas de que o passado do RS é permeado por perdas incontestáveis aos sujeitos gaúchos. Nesse sentido, pode-se notar na letra da canção *Sabe Moço*, de Leopoldo Rassier, considerada representante do nativismo, a crítica à representação do gaúcho lutador, o qual, como pagamento às batalhas vividas, recebeu cicatrizes ao invés de medalhas.

Em razão das canções analisadas estarem no entremeio entre tradicionalismo e nativismo, pois apresentam fundamentos ligados ao pensamento nativista (a aceitação dos

costumes espanhóis) e características tradicionais (a exaltação do passado sulino), neste estudo, os discursos apresentados pelas letras dessas canções são vistos como ligados a uma formação discursiva *nativista-tradicional*, que se antepõem à formação nativista não-tradicional, evidenciada na letra de Leopoldo Rassier.

Em oposição a esses gêneros mais tradicionais, surgiu a partir do final dos anos 90, como já foi referido, um estilo sulino bastante difundido entre a mocidade gaúcha, mas extremamente criticado pela sua fuga à cultura do estado: o “tchê music”.

Existe um clima de animosidade entre tradicionalismo/nativismo e os representantes da “tchê music”. A principal razão dessa desavença se dá pela crítica dos movimentos de raiz à nova postura musical sulina, pois os “tchês”, como são chamados, com a finalidade de criar uma música dançante e financeiramente lucrativa, buscaram na miscelânea entre estilos musicais variados (brasileiros e estrangeiros) e na despreocupação com o conteúdo a ser tematizado, a fundamentação de seu estilo. Por sua vez, o novo movimento culpa os tradicionalistas/nativistas pelo impedimento de tocar “tchê music” em CTGs, bailes tradicionais ou reuniões de entidades nativistas.

Assim, pode-se dizer que, enquanto a música campeira (termo que une nativismo e tradicionalismo) busca a valorização da cultura de um cenário rural tradicional, o “novo som” tematiza a cidade, as festas, o romance efêmero e promíscuo, colocando esses assuntos em ritmos bem dançantes, advindos da mistura entre gêneros da tradição (vaneira, chamamé, xóte, etc) e gêneros de fora como forró, axé, funk, soul, entre outros.

Esse gênero musical influenciou principalmente os mais jovens, em sua grande maioria, desligados da cultura nativista estadual, levando-os a ouvir gêneros como a vaneira, chamamé, entre outros, advindos do movimento tradicional. Então, apesar das críticas sobre esse novo movimento quanto à exacerbada miscelânea de estilos e a baixa expressividade nas letras apresentadas, o “tchê music”, relativamente alimentou o interesse da população em visitar canções nativistas e tradicionais da sociedade gaúcha.

#### **4.3.3 *Pátria pampa*: contexto de enunciação das canções analisadas**

O DVD *Pátria Pampa*, de César Oliveira e Rogério Melo, foi gravado ao vivo no Teatro da UCS, em Caxias do Sul, no ano de 2005, e apresenta a dupla de cantores referida acompanhada dos músicos Diego Caminha (baixo), Marcello Caminha (violão) e Nielsen

Santos (gaita botoneira e bongô). O repertório inclui vinte e uma faixas intercaladas por filmagens que retratam imagens campestres sul-rio-grandenses.

Frente à crítica aos “tchês”, falada anteriormente, voltam à elite do cenário musical gaúcho, antigos grupos que há um bom tempo circulavam principalmente por CTGs, e surgem novos intérpretes em defesa dos valores tradicionais. Dentre esses artistas, podem ser citados: a dupla analisada nesse estudo, César Oliveira e Rogério Melo, Luiz Marengo e Joca Martins.

Após essa retomada, na atualidade, o nativismo passa a ser altamente cultuado pelo público jovem do Rio Grande do Sul. Assim, pela ascensão acelerada da temática nativista, tornou-se instigante pesquisar como a representação de elementos tradicionais nas canções de raiz age, na materialidade linguística, a fim de interpelar os sujeitos sulinos.

## **5 A ESTAMPA DE UM PEÃO: ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DOS SUJEITOS SUL-RIO-GRANDENSES NAS CANÇÕES NATIVISTAS**

Objetivando notar como a representação do sujeito gaúcho age, nas canções nativistas, como força interpeladora à FD nativista-tradicional, focalizam-se elementos da materialidade discursiva nas referidas canções para observar a formação de sentidos e os saberes que circulam nessa FD.

Para tal, cabe retomar inicialmente os objetivos propostos. O geral é investigar, a partir das canções nativistas presentes no DVD *Pátria Pampa*, as possíveis representações do gaúcho, reconhecendo elementos da cadeia significante que possibilitam compreender o sujeito gaúcho identificado com determinadas ideologias. Os específicos partem dos conceitos provenientes da AD francesa, revisitados no capítulo de fundamentação teórica, a fim de investigar o funcionamento de pré-construídos e discursos transversos nas canções analisadas; verificar as adjetivações e outros elementos linguísticos utilizados, como pistas de reconhecimento de posições-sujeito ligadas à transformação do gaúcho campeiro; examinar se o processo de mitificação do peão campeiro instaura-se através da identificação dos sujeitos com as características e ações historicamente constituídas e/ou de mecanismos de poder que mascaram a ideologia dominante, naturalizando fatos com vistas ao controle e manutenção da hegemonia do poder.

Antes da proposição da análise, cabe abordar o que se trata por *representação*. Segundo Hall (1997, p. 61), a representação é o processo através do qual os membros de uma cultura usam a linguagem (definida, grosso modo, como qualquer sistema que emprega signos, qualquer sistema de significação) para produzir significados. Essa definição implica o importante pressuposto de que as coisas, objetos, pessoas e eventos não possuem qualquer significado fixo, final ou verdadeiro. Somos nós – na sociedade, no interior das culturas humanas – que fazemos as coisas significarem, que significamos. Os significados, conseqüentemente, sempre mudarão de uma cultura para outra, de um período para outro.

Dessa maneira, os meios ou sistemas de representação são intermediados pelos discursos, observados na fala, na escrita, na simbologia das artes, nos sistemas de telecomunicação, entre outros. Neste estudo, como já evidenciado, trabalha-se especificamente, com a materialização do discurso nas letras das canções nativistas que compõem o álbum *Pátria Pampa*.

Identificaram-se, a partir da observação do corpus, quatro grandes grupos: *um nó que não desata*: elementos constitutivos do povo gaúcho; *no repertório da lida*: representação do peão na lida campeira; *herança de maragato*: representação do gaúcho frente às guerras de seu estado e *quando a guela (não) se alvoroa*: negro e mulher – vozes caladas. Que, por sua vez, estão subdivididos em grupos menores, que possibilitam uma melhor visualização do leitor quanto às temáticas abordadas. Desse modo, torna-se imprescindível ressaltar que mesmo divididas em grupos, as *sdr*, interagem umas com as outras formando o *campo discursivo de referência* da FD nativista-tradicional.

### 5.1 UM NÓ QUE NÃO DESATA: ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DO POVO<sup>14</sup> GAÚCHO

Pode-se dizer que todos habitantes do Rio Grandes do Sul estão submetidos a discursos representando-os como formados por características regionais peculiares, adquiridas a partir de elementos específicos da formação da sociedade gaúcha. Esses elementos, na verdade, são saberes difundidos discursivamente que atuam no sentido de firmar uma unidade característica do povo rio-grandense, com os quais os gaúchos podem ou não se identificar.

Em relação aos elementos constitutivos do povo gaúcho, observam-se quatro subitens que abordam esse tema mais especificamente. A partir da observação do corpus identificaram-se: *Esta vida é um confronto*: valentia do sujeito gaúcho; *Não escondendo a vaidade*: amor à terra e às origens; *Hijo de oriental*: hibridismo dos sujeitos sul-rio-grandenses; *Bordoneio*: música, instrumentos e dança na caracterização do gaúcho.

#### 5.1.1 *Esta vida é um confronto*: valentia do sujeito gaúcho

Sdr1: *Não carrego pretensão, mas não sou de me achicá*<sup>15</sup>.  
(Apaysanado)

A sdr1, recorte da canção *Apaysanado*, apresenta o elemento de contrajunção *mas*, estabelecendo oposição entre a primeira proposição: *não carrego pretensão* e a segunda: *não sou de me achicá*. Sabe-se que seu uso valoriza a segunda proposição, na medida em que

<sup>14</sup> Toma-se aqui a palavra *povo*, apesar da heterogeneidade de sentidos que podem advir dessa acepção, para denominar os habitantes do Rio Grande do Sul, que, segundo o discurso nativista, são formados por saberes provenientes dos ancestrais camponeses.

<sup>15</sup> Palavra usada no *Truco*, quando o jogador fica com medo de não ter a quantidade de pontos para dar continuidade ao jogo.

a primeira proposição serve de base para a negação. No caso, o sujeito enunciador defende a posição de não se humilhar. Da perspectiva enunciativa de Ducrot, segundo a qual a negação argumentativa implica necessariamente uma afirmação, teríamos a presença da alteridade, ou seja, dois pontos de vista antagônicos. Da perspectiva discursiva, poder-se-ia identificar respectivamente duas posições-sujeito em cada uma das negações presentes na sequência analisada, quais sejam: *Não carrego pretensão/Carrego pretensão* e *Não sou de me achicá/Sou de me achicá*. Interessante verificar o cruzamento que se estabelece entre os elementos que integram as proposições ligadas pelo *mas*. O pressuposto afirmativo da primeira proposição mantém uma relação semântica de certa similaridade com a posição assumida pelo sujeito enunciador através da segunda proposição – *Carrego pretensão/Não sou de me achicá* – o mesmo ocorrendo na segunda proposição, cujo pressuposto afirmativo aí presente aproxima-se semanticamente do que é negado na primeira proposição – *Sou de me achicá/Não carrego pretensão*. O jogo assentado a partir desse cruzamento e do uso do elemento de contrajunção é fazer valer uma posição-sujeito ligada a elementos da memória discursiva referentes à altivez, ao orgulho e ao brio do gaúcho, recorrentes no discurso tradicional, como por exemplo: “Não podemo se entregá pros homi, de jeito nenhum, amigo e companheiro<sup>16</sup>”. Daí se pode pensar que a negação da primeira proposição funciona como denegação. O sujeito, ao negar, afirma o contrário do que é negado. Essa interpretação permite explicar a (im)possibilidade de construção de uma paráfrase que substituísse as negações envolvidas nas duas proposições por correspondentes afirmativos do tipo: *Sou humilde, mas sou orgulhoso*. Na realidade, ela exhibe a contradição constitutiva do gaúcho; de um lado, a submissão dos peões campeiros à exploração dos estancieiros, normalmente silenciada; de outro, a altivez oriunda das lutas vividas nesse estado, normalmente celebrada. Assim, pode-se notar que saberes de fora atravessam a FD nativista-tradicional, pois, mesmo que apagados na linearidade discursiva, saberes *outros* passam a ser evidenciados pela memória. Desta forma o sujeito enunciador dessa proposição, identifica-se a saberes fundamentais da FD nativista-tradicional, apagando no seu dizer marcas de outras formações, às quais ele mantém uma relação de contra-identificação.

Então, os dizeres repassados aos sujeitos gaúchos, na forma de pré-construídos, mantêm e fomentam saberes formados historicamente e instituem uma caracterização de procedimentos e ações a serem (ou não) seguidos pelos indivíduos do sul, pois os sujeitos podem estabelecer uma relação de identificação, des-identificação ou contra-identificação

<sup>16</sup> Canção nativista, intitulada “Não podemo se entregá pros homi”, composta por Francisco Alves Zanatta e Francisco Scherer, cantada por Leopoldo Rassier no festival Califórnia da Canção Nativista em 1982.

com esses discursos [cf. Pêcheux, 1975 (1995)]. No caso analisado, há uma relação de identificação do sujeito com a FD nativista-tradicional, haja vista a presença na linearidade de elementos interdiscursivos, pré-construídos, que a constituem.

Dessa forma, sendo os sentidos inscritos historicamente, os discursos que expõem a exploração e a discriminação, contrários à exaltação heróica do gaúcho campeiro (centauro dos pampas<sup>17</sup>) – visto como elemento basal na formação da sociedade rio-grandense – embora negligenciados na linearidade discursiva das canções nativistas, a constituem, não podendo ser apagados do domínio da memória.

Configura-se, como outro elemento importante à análise, a apresentação do sujeito do enunciado através da forma pronominal de 1ª pessoa “eu”, observada na desinência número-pessoal dos verbos *carregar* e *ser*. Essa forma de apresentação gera uma reprodução do sujeito constituindo-se pela ilusão de total poder sobre o que diz, uma vez que ao produzir sentidos no plano da atualidade, esquece que a constituição dos sentidos está historicamente fundamentada.

Benveniste, na Teoria da Enunciação, irá nomear o “eu”, o “tu” e o “ele”, respectivamente, os dois primeiros como “pessoas da enunciação<sup>18</sup>” e, o terceiro, como “não pessoa”, levando em consideração o indivíduo subjetivando-se pela possibilidade instituição do “eu” (quem fala) frente a um “tu” (a quem o “eu” fala). A AD, por sua vez, observa que o sujeito, marcado pela incompletude dos sentidos, acredita que com o seu discurso alcança a completude. Isso pode ser explicado pelos esquecimentos propostos por Pêcheux [1975 (1995)], em que no “esquecimento um”, o sujeito tem a ilusão de que é o criador absoluto do seu discurso, a origem do sentido, apagando tudo que remeta ao exterior de sua formação discursiva. Enquanto, no “esquecimento dois”, ele tem a ilusão da objetividade e homogeneidade significativa de seu dizer, como se houvesse uma captação totalmente efetiva de seu discurso pelo seu interlocutor. Nota-se, então, que ao dizer “eu”, o sujeito esquece que o discurso caracteriza-se pela retomada do já-dito e a antecipação de dizeres por vir, tendo a ilusão de que sabe e controla tudo o que diz [Pêcheux e Fuchs, 1975 (1997, p.168-169)]. Nessa *sdr*, o sujeito enunciador, fundamentado na ilusão de poder, gerada pelo uso da primeira pessoa, “esquece” a historicidade implicada na formação de sentidos e toma como

<sup>17</sup> Ver em PETRI, Verli. *Imaginário sobre o Gaúcho no discurso literário: da representação do mito em Contos Gauchescos*, de João Simões Lopes Neto, à desmistificação em *Porteira Fechada*, de Cyro Martins. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

<sup>18</sup> Segundo Benveniste [1958 (2001, p. 288)], a subjetividade é entendida como “a capacidade do locutor para se propor como sujeito”. Essa proposição tem como condição a linguagem. “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta a realidade”. O sujeito de Benveniste, em resumo, caracteriza-se pela homogeneidade e unicidade de concepção frente a um “tu” ouvinte e um “ele” de quem se fala.

especificidades suas, as características difundidas no meio nativista como essenciais aos gaúchos (humildade e bravura), filiando-se, desse modo, ao sujeito do saber de sua formação discursiva. Assim, o sujeito do enunciado representa-se a partir de saberes já instituídos historicamente, que, pelo “esquecimento um” proposto por Pêcheux, ficam mascarados na instituição de um “eu” soberano do seu discurso, que idealiza total controle da enunciação e dos sentidos. Todavia, esses sentidos são historicamente inscritos e configuram-se como “pré-construídos<sup>19</sup>” no discurso nativista-tradicional, na medida em que dependem da relação histórica que os dizeres constroem em outro tempo e lugar.

Assim, verifica-se que os saberes provenientes do passado são trazidos, por intermédio da memória, para a atualidade, agindo na indução dos sujeitos à identificação com os saberes que fundamentam a FD nativista-tradicional.

*Sdr2: No cabo de uma solinge<sup>20</sup>, sou mais ligeiro que um gato... É macho pra me dar bote não se perca por afoito, junte mais uns sete, oito e me atropelem de lote. (Apaysanado)*

A sdr2 apresenta também um sujeito enunciando em primeira pessoa, que irá se comparar, no seu discurso, à “não-pessoa” da enunciação (conforme a classificação de Benveniste). Logo, pode-se observar que o “eu” (portador das características elevadas do gaúcho) sobrepõe-se ao “ele”, no caso, expresso pelos substantivos *gato* e *macho*. Frente a isso, a utilização da primeira pessoa nas canções nativistas para referir-se ao gaúcho-peão-campeiro (caracterizado como alicerce da sociedade gaúcha), pelo que foi dado observar, sempre retoma os valores defendidos como essenciais ao povo do Rio Grande do Sul, enquanto memória discursiva. Já, o “ele” da enunciação, a “não-pessoa”, incorpora os valores desprezados pela formação nativista. Cabe salientar que essa “não-pessoa” é marcada em oposição ao “eu” e ao “tu”, o que remete às formações imaginárias da enunciação, uma vez que o sujeito enunciator se resguarda frente a seu interlocutor pelas várias possibilidades de sentido, pois ao caracterizar o “ele” como portador de características não valorizadas pela FD nativista-tradicional, o “tu” pode tomar essa supervalorização da coragem do “eu” como característica sua, identificando-se com a FD do enunciator, ou como uma provocação ou intimidação, ao não se identificar com os saberes nativistas. Então, a enunciação do “eu” marca, a partir da ilusão de pessoalidade, a admissão de um modo de ser específico,

<sup>19</sup> Termo proposto por Paul Henry para designar aquilo que remete a uma construção anterior e exterior, mas sempre independente, opondo-se ao que é construído pelo enunciado [PÊCHEUX 1975 (1995, p. 99)].

<sup>20</sup> Refere-se à marca de facas alemã *Solingen*.

remetendo à imagem instaurada do peão campeiro pela memória e incentivando os sujeitos a aderirem aos discursos de força e bravura sulinas. Assim, o peão falando de si instala, no plano da atualidade, a repetição do mesmo, do já-dito, advindo de épocas anteriores, em que a exaltação dos pampianos era necessária, tanto à elite que necessitava de empregados, quanto aos peões que careciam de um ideal que os unissem. Perante essa afirmação, pode-se pensar que esses saberes advindos de outrora formam o campo discursivo da FD nativista-tradicional.

Quanto à enunciação em primeira pessoa, Petri (2004, p. 250-251) observa, no discurso literário, a utilização do *eu* para dizer o *gaúcho*, (o que, aqui, pode ser retomado quanto ao discurso musical nativista), defendendo que essa designação:

explicita o funcionamento da memória na constituição dos sentidos, considerando que a memória é ao mesmo tempo saturada e lacunar, funcionando no movimento entre o lembrar e o esquecer no discurso. Isso se dá da seguinte forma: ao ser dito em “eu”, o gaúcho representado no discurso literário produz um efeito de evidência de que é o gaúcho que fala. Nesse efeito, recupera-se toda a ilusão subjetiva do sujeito, trazendo à atualidade - pela memória – os elementos heróicos que fazem dele um corajoso cavaleiro e um destemido guerreiro (efeito de sentido produzido pelo simulacro). Ao mesmo tempo, o “eu” representa duas formas de apagamento: a primeira apaga os vestígios de uma memória que recuperaria, entre outros elementos, aqueles essenciais que fariam emergir uma imagem de gaúcho bandido; e a segunda que apaga os elementos exteriores que nos remetem à forma pela qual a imagem do gaúcho herói foi instaurada: pelo outro (ou pelo imaginário do outro...)

Assim, esse “eu” responsável pelo enunciado é tomado pela memória em representação de si mesmo, esquecendo, em seu dizer, a alteridade constitutiva dos sentidos, enfim das ideologias.

Pode-se analisar, ainda, nessa sequência, a apresentação de um comparativo de superioridade que, de acordo com Vogt e Ducrot (1980, p.180), proporciona a negação do termo comparante. Assim, seguindo esses autores: “o termo comparante é sempre negado no interior do comparativo de superioridade”. Em outras palavras, o segundo termo – aquele que é declarado inferior – é sempre, do ponto de vista semântico-pragmático, o objeto de uma negação. Dessa forma, esses autores afirmam que a comparação tem a ver com a contraposição de elementos. No caso do comparativo de superioridade apresentado na afirmação de o gaúcho representando-se, na canção “Apaysanado”, como *mais ligeiro que um gato*, primeiramente, parece contradizer a proposta de Vogt e Ducrot, uma vez que não há negação da agilidade felina, ao contrário, a afirmação desse atributo felino está servindo de base discursiva para a representação de um gaúcho sobressaindo-se como bastante ágil. Entretanto, se refletida mais a fundo, pode-se vislumbrar a comparação homem/animal, proposta no intradiscurso, remetendo a uma relação estabelecida entre *gato* e *macho*, através

da oração *pra me dar bote*, uma vez que o bote é ação realizada pelo animal que salta sobre a presa, o que, por conseguinte, infere a constatação de que a comparação não é entre *gaúcho* e *gato*, mas entre *gaúcho* e seu inimigo (o *macho*). Há, portanto, uma desvalorização, ou seja, negação do termo comparante, uma vez que o adversário do pampiano não se verifica páreo frente à força e à agilidade gaudéria. Pode-se perceber, então, que paralela à negação, aparece a posição-sujeito contrária à coragem do gaúcho, notando-o como enfrentável. Essa posição está ligada aos saberes externos à FD, mas a atravessam na medida em que esses dizeres aparecem como resposta às posições contrárias à valorização do passado gaúcho.

Constata-se, desse modo, nas proposições apresentadas nessa *sdr*, que esse sujeito representa-se, como destemido e forte, pois afirma se dispor a lutar contra sete ou oito homens. Essas representações replicam a posições contrárias ao heroísmo pampiano e vão a favor do ideal firmado pela FD nativista-tradicional que reforça a ideia de que o gaúcho nativista, principalmente aquele ligado aos valores campeiros, deve possuir qualidades heróicas e bravias. Por possuir tantos atributos, o gaudério pode/deve *carregar pretensão*, conforme demonstrado na análise da *sdr1*.

Sdr3: *Quando o sangue ferve, viremo a cabeça, por Deus paysano*<sup>21</sup>!  
*Ninguém ataca.* (Os "Loco" lá da Fronteira)

Nessa terceira sequência, a consagração da valentia do sujeito gaúcho, funcionando no discurso das canções de raiz do Rio Grande do Sul, pode ser observada, primeiramente, por intermédio da oração subordinada adverbial temporal *quando o sangue ferve*, que evidencia um processo provocado, no caso, o ato impulsivo do sujeito sair de seu normal (virar a cabeça), mas que esse estado de humor, depois de incitado, não é facilmente revertido. Verifica-se também o uso da 1ª pessoa do plural: *viremo*. Tal uso implica sempre o “eu” mais o “não-eu” (Fiorin, 2001, p. 60), podendo ser, no caso, o sujeito-enunciador que se declara “eu” mais todos aqueles que aí se enquadram. A generalização que daí decorre mantém relação com o título da canção *Os “loco” lá da fronteira*: “nós”, os loucos lá da fronteira.

A partir dessa generalização, pode-se dizer que o sujeito do enunciado estabelece uma relação de identificação com os saberes ligados aos gaúchos platinos, apresentando-se com suas características imaginariamente bravias, a partir da referência, na música, ao temperamento impulsivo que o caracterizaria: *Quando o sangue ferve*.

<sup>21</sup> Compatriota; patricio, que não é militar.

A inversão sintática apresentada pelas orações da sdr3 evidencia-se como elemento importante a ser analisado, na medida em que se percebe, na sua utilização, um efeito que supera a contemplação das rimas da canção, demonstrando que a ordem sintática é responsável pela formação de sentidos, pois, pela ordem natural da língua portuguesa, as referidas orações deveriam ser: *nós viramos a cabeça quando o sangue ferve, por Deus paysano*. (sujeito + verbo + objeto + oração subordinada adverbial + vocativo). No entanto, com essa inversão, fica topicalizada a oração subordinada adverbial temporal (*Quando o sangue ferve*) e, por conseguinte, enfatizada uma parte do discurso que reforça a situação de o *sangue* ferver.

Quanto à topicalização frasal, Garcia (2004, p. 222) conjectura que a expressão da ideia-núcleo de um texto se dá, geralmente, nos períodos mais iniciais. Assim, segundo esse autor, o tópico frasal pode ser definido como: “uma generalização, em que se expressa opinião pessoal, um juízo, se define ou se declara alguma coisa”. Dessa maneira, observa-se que semanticamente, a topicalização da oração subordinada adverbial temporal reforça a ênfase na transitoriedade da perda de controle do sujeito enunciador. Frente ao exposto, pode-se refletir sobre a relação entre sintaxe e semântica. Através desse mecanismo intradiscursivo, firma-se uma posição sujeito ligada aos valores tradicionais, já que a tradição tem como discurso fundador a exaltação dos valores guerreiros do povo gaúcho.

Tal posição ocorre também na sdr4:

Sdr4: *Cruzemo a nado se o rio não dá vau, neste mundo véio flor de cabuloso. E o mala bruja<sup>22</sup> quando esconde o toso, nós esporiemo bem no sangrador.* (Os “Loco” lá da Fronteira)

Nessa sequência, tem-se um período composto por subordinação: *cruzemo a nado se o rio não dá vau*, formado por uma oração principal e uma oração subordinada adverbial condicional: *se o rio não dá vau*. Na oração principal, o objeto direto encontra-se elidido, ocorrendo na segunda oração na função de sujeito gramatical. Ocupa seu lugar na estrutura a expressão “a nado”, o que provoca o efeito de sentido de destemor e audácia. Desse modo, as ações bravias do sujeito pampiano, mais especificamente dos “locos” da fronteira, ficam em posição de evidência nos discursos analisados.

Já no período composto seguinte: *e o mala bruja quando esconde o toso, nós esporiemo bem no sangrador*, constata-se uma outra afirmação de bravura do “fronteiro”,

---

<sup>22</sup> Referente a cavalo sem doma, bravo e malvado.

introduzida pela conjunção aditiva *e*. Além disso, observam-se dois deslocamentos: da oração adverbial em relação à principal e de seus termos constituintes. Na ordem canônica teríamos: *E nós esporiemo bem no sangrador, quando o mala bruja esconde o toso*. Esses deslocamentos contemplam a formação da rima nos versos das canções e têm por finalidade outra, enfatizar o objeto da galhardia fronteiriça: o domínio do cavalo bravo.

Assim, a bravura gaúcha, atributo personificado no sujeito da fronteira, é defendida pelo discurso nativista. Para tal, o sujeito enunciadador, utilizando a primeira pessoa do plural, caracteriza-se como “fronteiro” e generaliza aos habitantes dessa região a disposição para o enfrentamento das adversidades. Desse modo, afirma que um rio não configura obstáculo no caminho de um *loco lá da fronteira*, cuja força e determinação nos seus afazeres o impulsionam a cruzar as águas a nado. Do mesmo modo que o rio é desafiado, pode-se observar na mesma *sdr*, o cavalo bravo ser dominado pela força gaudéria e pela dor causada pela espora. Percebe-se que a representação do peão gaúcho frente ao cavalo dá-se através de uma relação paradoxal entre respeito e agressividade apresentada pelo pampiano com o animal. Nota-se a partir da defesa das ações típicas aos gaudérios, saberes que fundamentam a FD nativista-tradicional instituindo o que pode e deve ser dito dentro dessa formação, e por sua vez o que não deve/pode ser evidenciado. Mesmo que a FD nativista-tradicional tenha saberes de outras FDs atravessando seus dizeres, tende a apagar estes, o que leva a pensar nesse apagamento como um mecanismo de fortalecimento das formações discursivas, uma vez que o discurso enunciado parece ser pedagógico mostrando como o gaúcho deve se portar.

Após apresentação das sequências que defendem à valentia do sujeito gaúcho, cabe evidenciar outro grupo temático revelado nas músicas analisadas, cujos discursos dizem respeito ao amor que o sujeito nativista sente pelo seu ambiente e a valorização que atribui às suas origens. Esses são subsídios que auxiliam na caracterização do sujeito gaúcho nativista, na medida em que esse sujeito identifica-se como parte da terra e fruto das ações originais dos indivíduos que fundaram a sociedade sul-rio-grandense.

### **5.1.2 Não escondendo a vaidade: amor à terra e às origens**

Amor e zelo à sua terra natal e a valorização das origens campesinas na formação do estado são elementos utilizados pela FD nativista-tradicional na caracterização do gaúcho. Assim, ao disseminar uma visão de que “cantam” o seu estado, os discursos das canções

sulinas de raiz incentivam o amor ao “pago”, a valorização da história de formação sul-riograndense, assim como, o culto às tradições.

Sdr5: *Talento, fibra e coragem, não se compra nem se empresta. Quem é do garrão da pátria, alma, sangue e procedência, o amor pela querência traz retratado na estampa.* (Apaysanado)

Na sdr5, ocorrem as negações *não se compra e nem se empresta*, cujos correspondentes afirmativos *compra-se e empresta-se* metaforicamente remetem para uma posição-sujeito divergente daquela presente na negação. Esta se refere à valorização das qualidades pampianas como *talento, fibra e coragem*, considerando-as inerentes aos que nascem aqui. Além disso, esses enunciados negativos soam como moralizantes, funcionando como possíveis réplicas a discursos que contestam e desvalorizam a exaltação dessas características consideradas inerentes ao povo gaúcho. A resposta a esse discurso silenciado também ocorre na relativa *quem é do garrão da pátria*, excluindo aqueles que não são dos pampas através do mecanismo de determinação que a caracteriza, neste caso. É assegurada a designação de seu objeto de referência. É do gaúcho de que está falando e não de outrem. Dessa forma, a relativa materializa um pré-construído da FD nativista-tradicional, revelando que dizeres anteriores funcionam, dentro dessa formação, de modo a interpelar os sujeitos sul-riograndenses a identificarem-se com determinados saberes e diferirem-se de outros sujeitos que não apresentem as características tidas como ideais aos gaúchos. Nota-se que pela instauração de saberes relativos a uma formação social, esta se une por afinidade. Então, mesmo que o discurso nativista sustente a voz do poder em seu interior, auxilia na aglutinação dos peões. Dessa forma, as características gaudérias são reproduzidas por pobres e ricos na retratação de um estereótipo estadual.

Sdr6: *Me criei solto, correndo pelo banhado, gritando forte com o gado, nos dias de lida bruta.* (De vida e tempo)

O sujeito enunciativo, nessa sequência discursiva, emprega novamente a primeira pessoa para enunciar os méritos dos campeiros. A impressão de subjetividade instaurada pelo “eu” dá um caráter concreto à narração em que ele assegura a sua criação em meio ao campo, livre, aprendendo a lidar com os animais. Nota-se, a partir do enunciado: *me criei solto e nos dias de lida bruta*, uma posição-sujeito identificada como a do peão campesino em defesa da

sua liberdade mesmo tendo que exercer atividades brutas. Pode-se dizer, a partir disso, que as características exaltadas nos peões gaúchos (coragem, força, entre outras características heróicas perpassadas pela humildade), reforçadas pela afirmação do amor à terra e sua liberdade, constituem elementos da memória discursiva, cuja reprodução no domínio da atualidade, suscita saberes da FD dominante (que reafirma seu domínio na exaltação do gaudério e na naturalização de sua opressão), mascarada na voz do próprio dominado pela ilusão do sentido no sujeito, instituída pela enunciação do “eu”. Assim, pode-se refletir que para a formação discursiva dominante, o gaúcho se ver como livre enquanto dominado é bastante promissor, já que esse saber fundamenta o baixo pagamento à mão de obra campeira, pois o peão, ao trabalhar em “liberdade”, parece estar cumprindo um desígnio, um dom, enquanto seu modo de vida bucólico parece inato.

Sdr7: Quando o mundo se fez mundo na ânsia demarcatória, que perpetuou na memória deste meu povo caudilho<sup>23</sup>, coisas que de pai pra filho botam na forma o consolo. (Da alma de Dom Emílio)

Observa-se, nessa sequência, a oração relativa *que perpetuou na memória deste meu povo caudilho*, cujo pronome retoma a expressão *ânsia demarcatória* e a determina. Essa determinação evidencia um saber advindo do passado e responsável pela perpetuação dos saberes nativistas *na memória do povo caudilho*; um pré-construído que remete a saberes constituídos pela ligação do gaúcho com seu passado, voltado à lida campeira, à rusticidade e às adversidades enfrentadas. Os saberes provenientes da labuta campeira funcionam como elementos do interdiscurso, promovendo a identificação do estado com as atividades laborais que possibilitaram seu desenvolvimento. Desse modo, saberes quanto a um modo de vida voltado ao campo, ao manejo de animais, assim como à força frente às dificuldades, são difundidos. São eles elementos interdiscursivos da FD nativista-tradicional, considerados inerentes a todos do estado, independentemente da identificação dos sujeitos com esses discursos. Isso pode ser observado pelo enunciado *deste meu povo caudilho*, que evidencia a defesa de o povo rio-grandense ter advindo dos guerreiros antepassados gaúchos. Além disso, essa expressão evidencia uma generalização relativa aos valores da formação da sociedade gaúcha, perpetuados na memória de toda população rio-grandense (designada como caudilha<sup>24</sup>). Pode-se, então, dizer que a designação *caudilho*, além de apresentar-se

<sup>23</sup> Caudilho: Capitão ou cabo de guerra, chefe militar ou político do interior, pequeno ditador

<sup>24</sup> Caudilho: Capitão ou cabo de guerra, chefe militar ou político do interior, pequeno ditador.

genericamente como natural e intrínseca aos gaúchos, traz à tona as batalhas vividas nessa região meridional brasileira. É o trabalho da memória constituindo as canções nativistas, em que os saberes que a formam são reverberados como *coisas de pai pra filho*. Pela análise da relação que um discurso mantém com outros discursos, pode-se localizar as formulações que ele repete, refuta, transforma e também aquelas que ele denega. São essas formulações que constituem a memória de uma FD. Dessa forma, a partir da reprodução dos interdiscursos referentes aos saberes concernentes à formação campesina e guerreira frente às adversidades do Rio Grande do Sul no domínio da atualidade (campo de concomitância), pode ser definido o domínio da memória da FD nativista-tradicional.

A partir disso, pode-se observar, então, que o passado e a tradição são sempre exaltados pelas canções de raiz sulinas, formando, dessa maneira, o campo da memória específico à FD acima referida. Assim, em virtude da divulgação e reiteração constante de saberes referentes às adversidades que marcaram o passado gaúcho, observa-se que esses saberes da memória fundamentam a FD nativista-tradicional.

Sdr8: *Trago nos tentos poncho emalado e saudade de um tempo que foi verdade e a cada aurora rebrota.* (De vida e tempo)

Na sdr8, o sujeito enunciador, utilizando novamente a primeira pessoa, afirma sua saudade de uma época remota, a qual define como um *tempo que foi verdade e a cada aurora rebrota*. Essa afirmação conduz à análise da oração subordinada adjetiva restritiva: *que foi verdade*, cujo funcionamento semântico-discursivo sugere uma resposta aos discursos de outras formações discursivas que negam a exaltação do passado sul-rio-grandense como benéfica e produtiva ao povo gaúcho. Por sua vez, essas posições definiriam o passado como um tempo de mentira. Assim, observa-se a relativa introduzindo um pré-construído da FD nativista-tradicional, referente à procedência gaúcha dos sujeitos campesinos que formaram o estado e, por conseguinte, a identificação dos gaúchos com os saberes característicos do passado.

Nessa valorização dos feitos ancestrais gaúchos, discursos antagônicos a essa FD são apagados intradiscursivamente, porém os constituem. Petri afirma que na instituição do mito há “o apagamento de efeitos de sentido pejorativos, no movimento entre o lembrar e o esquecer produzido pelo funcionamento da memória discursiva” (2004, p. 131). Apesar de não aparecer na linearidade do discurso, o silenciado habita o dizer, contra-identificando-se às posições expressas pelos discursos nativistas. O discurso calado na FD nativista-tradicional

pode ser visto como o que propõe as seguintes questões: Que passado é esse tão exaltado pela música nativista? Quão vitoriosa foi a vida desse indivíduo frente às suas condições, sejam elas financeiras, políticas ou revolucionárias?

Assim, os discursos que contradizem os saberes da FD nativista-tradicional defendem a exploração do peão campeiro pela ideologia dominante e aparecem em posição antagônica aos conhecimentos fundadores do nativismo, ou seja, os discursos dos que tomam consciência da força dominante que habita os saberes advindos da tradição levantam-se como contrários à afirmação mitológica do “gaúcho heróico”.

Pode-se observar, no estudo de Verli Petri (2004), a comparação entre o gaúcho a cavalo, apresentado por Simões Lopes Neto nos “Contos gauchescos”, e o gaúcho a pé, (evidenciado como não-mito) na obra “Porteira Fechada”, de Cyro Martins. A primeira obra oportuniza a mitificação do gaúcho como “centauro dos pampas” (monarca das coxilhas). A segunda explora o problema da marginalização do gaúcho, sua expulsão da estância e seu servilismo. Frente à apresentação do não-mito (gaúcho a pé), pode-se afirmar que o nativismo proporciona a discursivização do mito (que no caso é o do gaúcho a cavalo - “centauro dos pampas”), cuja instituição mitológica foi sendo construída gradativamente, elevando um ser discriminado e perseguido ao caráter de herói, bravo e forte, responsável pelas características de uma sociedade.

### **5.1.3 *Hijo de oriental*: hibridismo dos sujeitos sul-rio-grandenses**

O Rio Grande do Sul foi a última região brasileira a ser colonizada. Sua colonização, como já visto, iniciou com a chegada dos missionários espanhóis, dos bandeirantes de outras regiões brasileiras, bem como dos portugueses. Esses povos, ao dominar a população indígena nativa, iniciaram o processo de miscigenação racial. Em seguida, com a introdução dos escravos negros nessa região (trazidos para trabalhar nos afazeres domésticos e agrícolas para subsistência das estâncias) e a chegada de imigrantes europeus (principalmente italianos e alemães) e asiáticos, houve uma maior diversificação racial.

Essa heterogeneidade racial trouxe, para o pampa, costumes peculiares provenientes do relacionamento entre as diferentes culturas. Assim, as canções retomam elementos culturais provenientes dessa heterogeneidade. Os discursos nativistas analisados pregam a sua identificação com uma origem heterogênea de raças e culturas, ainda mais que,

o sujeito apresentado nas canções é caracterizado como fronteiriço. Mesmo que os gaúchos tenham como característica a miscigenação racial, os sulinos da região da fronteira identificam-se com determinadas especificidades pertinentes ou até exclusivas a quem convive diariamente com a cultura de outro país, o que, inclusive, pode ser evidenciado por meio de termos advindos do espanhol, assim como, alguns traços fonético-fonológicos característicos dessa língua. Esses gaúchos fronteiriços se diferem de outros tipos de sujeitos nativistas, como os da região central (que não reconhecem tanto a cultura ibero-americana em seus hábitos), ou como os do litoral (que estão mais ligados à colonização portuguesa). O sujeito, qualificado como *fronteiro*, identifica-se com saberes que o ligam à prática pastoril (manejo, abate, ou doma de animais) e a um ambiente de multiplicação cultural, na medida em que aí coexistem costumes hispânicos, portugueses e indígenas, transmitidos pelo convívio dessas diferentes culturas desde a fundação das reduções missionárias.

Pode-se observar, nas canções analisadas, o sujeito atribuindo sua disposição ao instrumento musical (a guitarra<sup>25</sup>) devido à influência da cultura espanhola.

Sdr9: *De certo trouxe de allá o gosto pela guitarra.* (Apaysanado)

A expressão *De certo*, remete a uma construção coloquial que aponta para a possibilidade da tendência do pampiano ao uso do instrumento musical advir dos costumes ibéricos. O que vai determinar essa possibilidade semântica é a utilização do pronome demonstrativo *allá*, da língua espanhola (que se correlaciona ao *lá* da língua portuguesa), remetendo ao outro lado da fronteira e auxiliando, dessa maneira, na identificação do sujeito como um ser híbrido, formado por uma miscigenação sanguínea e cultural. Pode-se verificar que a combinação entre termos da língua portuguesa e da língua espanhola faz parte do vocabulário do gaúcho, principalmente daquele caracterizado como habitante da fronteira. Dessa forma, essa miscigenação cultural define o modo de ser do gaúcho e faz parte do domínio da memória da FD nativista-tradicional.

Sdr10: *Floreio o bico da gansa nesta gateada lobuna<sup>26</sup>, a melhor da minhas alunas na doma tradicional. Por favor, não levem a mal este meu jeito fronteiro, filho de pai brasileiro, hijo de madre oriental.*  
(Apaysanado)

<sup>25</sup> Os povos de origem espanhola denominam guitarra o que conhecemos por violão.

<sup>26</sup> Pelagem acinzentada com as extremidades pretas. Gateada diz respeito à mesclagem das cores.

Examina-se, nessa sequência, a representação do sujeito enunciador como *domador*. Essa caracterização pode ser depreendida da afirmação de que uma égua (gateada lobuna) é sua melhor educanda na doma. Nota-se que essa doma não é de qualquer tipo, uma vez que aparece identificada também por ter uma adjetivação: *tradicional*, cuja principal marca é fazer com que o cavalo, por medo e para evitar a dor, siga as ordens e aceite a presença do cavaleiro em seu lombo forçadamente. Para esse fim, costuma-se amarrar as patas do animal (maneio), derrubá-lo no chão ou quebrar-lhe o queixo (doma de bocal). Cabe salientar, que esse tipo de doma é o prezado pelas tradições nativistas, na medida em que os cavalos mais renegados à domesticação testam a coragem dos peões que os montam. Assim, os saberes provenientes da lida com animais formam o imaginário do gaúcho, podendo ser notados como elementos da memória discursiva agindo no plano da atualidade. Esses saberes campesinos são relacionados à origem fronteiriça do sujeito enunciador. Dessa forma, como já visto, o “fronteiro” é representado frente a sua ligação com os animais e com o campo.

Então, pode ser observada a representação de um sujeito híbrido, caracterizado como possuidor de um *jeito fronteiro*, marcado por ser filho de pai brasileiro e de mãe hispânica, mistura refletida intradiscursivamente pela representação das duas línguas (portuguesa e espanhola) nas expressões *filho de pai* e *hijo de madre*. Nessa representação pode ser analisada também a negação que compõe o pedido: *por favor, não levem a mal*, em que o sujeito enunciador se dispõe face à possibilidade de não ser aceito esse *jeito fronteiro* por outros sujeitos. Tal formulação diz respeito às formações imaginárias instituídas na enunciação, pelas quais o sujeito ao enunciar antecipa a recepção do seu discurso, assim como às imagens de seus interlocutores e a sua própria imagem. O sujeito enunciador, no caso das canções analisadas, parece responder às posições contrárias ao hibridismo gaúcho, que, como visto no capítulo 4 (*Pra ver melhor*: dispositivo teórico-metodológico de análise), estão ligadas aos saberes tradicionais. O tradicionalismo não aceita o gaúcho formado na relação com a cultura hispânica. Assim, pode-se dizer que o discurso nativista aparece, aqui, em posição contrária ao discurso tradicional. O que foi observado diz respeito à heterogeneidade da FD, uma vez que ela é contraditória e pode apresentar saberes que não caminham na mesma direção. Certas vezes, o sujeito a ela filiado não adere à forma sujeito e difere do esperado, trazendo saberes ou posições não condizentes com o que pode e deve ser dito dentro dessa formação.

Essa heterogeneidade pode também ser observada na sdr11.

Sdr11: *Lá na fronteira, os tarrãs<sup>27</sup> por contingência contrabandeam querência, ora pra um lado ora pra outro.* (Lá na fronteira)

Aqui, o adjunto adverbial de lugar apresentado pelo enunciado *Lá na fronteira* delimita o espaço da ação, cujo verbo transitivo direto *contrabandear*, ligado ao sujeito *tarrãs* e ao objeto direto *querência*, remete a atividade definida, segundo o mini-dicionário Luft<sup>28</sup>, como: “introdução clandestina de mercadorias de comércio proibido ou passíveis de tributos alfandegários”. As tarrãs, ao contrabandear querência entre o Rio Grande do Sul e os países que estabelecem fronteira com esse estado, remetem, por intermédio do imaginário, aos saberes afirmativos à ultrapassagem das fronteiras pelas diferentes culturas que ali convivem e, por conseguinte, marcam uma representação do gaúcho como caracterizado pela diversidade cultural. Outra observação importante diz respeito à expressão *por contingência*. Tal expressão parece, por um lado, justificar o fato de as tarrãs circularem de um lado a outro da fronteira; por outro, parece defender a difusão de uma querência sem fronteiras. As tarrãs, consideradas aves típicas do Rio Grande do Sul, funcionariam como metáfora do sujeito nativo, aquele fncado em suas raízes, mas “por contingência” mantém relações com os do lado de lá da fronteira, o que permitiria interpretar o enunciado como pertencendo a uma FD nativista-tradicional.

#### 5.1.4 *Bordoneio*: música, instrumentos e dança na caracterização do gaúcho

O apego ao ambiente musical, a ser tratado nesta sessão, é mais uma característica defendida como pertinente ao sulino. Desse modo, a típica caracterização do pampiano como bruto, resistente e forte, muitas vezes, está relacionada, na canção nativista, com sua aptidão à música, à dança e ao instrumento musical.

Sdr12: *De vereda me acomodo, se dum baile sinto o cheiro... Porque sei que na minha terra dá pra confiar nos gaiteiro.* (Pra bailar de cola atada)

Sdr13: *“Semo” medonho no cabo da dança, “gostemo” mesmo é de bochincho grosso que é pra sair tramando o pescoço ao trote largo*

<sup>27</sup> Grandes aves que vivem nos banhados meridionais da América do Sul

<sup>28</sup> LUFT, Celso Pedro (et al). *Minidionário Luft*. São Paulo: ática, 2000.

*nalguma rancheira. E bem “campante”, levantando poeira, coisa gaúcha, vício de campanha. (Os “loco” lá da fronteira)*

Pode-se analisar, nas sdr 12 e 13, dispostas juntamente por evidenciarem saberes semelhantes, tais quais: o gosto do sujeito-peão-sulino por ambientes de musicalidade, sua caracterização por gostar de um baile, por apreciar as músicas, por saber que os gaiteiros da sua terra são bons e por ser bom dançarino.

Na sdr12, a expressão *De vereda*, apresentada na oração principal, introduz uma temporalidade frente à oração subordinada condicional: *se dum baile sinto o cheiro*, remetendo à momentaneidade (logo, imediatamente, já) da mobilização do sujeito enunciadador (apresentado em primeira pessoa), ao notar a possibilidade de um baile. Essa característica de gostar de festas apresenta-se como gosto individual desse sujeito que, ao enunciar-se pelo “eu”, toma essa característica como sendo especificamente sua. No entanto, esse “eu” não é particular. É uma forma de enunciação generalizante que engloba o “nós gaúcho”. Isso contempla um saber da FD nativista-tradicional referente à exaltação do gaúcho e da sua disposição para o baile (música, dança, flerte, bebida) e pode ser observada em outros discursos nativistas de raiz, como por exemplo: “(...) fandango, trago e mulher, é disso que o velho gosta é isso que o velho quer”, proposto na letra da canção de Berenice Azambuja “É disso que o veio gosta”, consagrada no meio gauchesco como representante do repertório tradicional sul-rio-grandense. Dessa forma, os saberes referentes ao peão/cantador/dançador, ligados à FD nativista-tradicional, são difundidos pelo estado, participando do processo de interpelação-identificação.

Na sdr 13, a enunciação em primeira pessoa do plural, observada nas formas coloquiais de conjugação dos verbos *ser* e *gostar* (*semo* e *gostemo*), apresenta, de forma mais explícita, uma generalização dos gaúchos fronteiros frente ao seu gosto pela dança. A adjetivação *medonho* assim como as expressões *coisa gaúcha* e *vício de campanha* participam desse processo, rememorando elementos da memória discursiva relativos à FD nativista-tradicional, cuja tônica é a dureza do gaúcho, o qual não deve ser menos rústico na dança do que na lide diária. Nota-se que essa rusticidade do peão é defendida como algo intrínseco ao seu modo de vida, sendo parte desse ser em qualquer situação, sejam elas: festas, relacionamentos, trabalho, etc.

Ainda, referente a essa temática, observa-se também o relacionamento das atividades laborais exercidas pelo gaudério com a sua pretensa vocação/instinto/tradição

musical. Essa relação geradora da expressão “peão cantador” é a forma mais recorrente no álbum estudado.

Sdr14: *Bastos, potros e guitarras, guitarras, potros e bastos. Cantigas cheirando a pasto: milongas, polcas, chamarras. Quem me dera ter nos dedos o que sobra nas esporas, pra guitarrear nas auroras e revelar mil segredos.* (Bastos, potros e guitarras)

Verifica-se, nessa *sdr*, que a disposição dos substantivos: *bastos, potros e guitarras* (depois, *guitarras, potros e bastos*), aparece invertida no enunciado, o que pode estar representando a circularidade dos elementos que compõem a vida do “peão cantador”, caracterizada pelo exercício tanto das atividades pecuárias quanto das artísticas. A sentença *cantigas cheirando a pasto* aponta para a predominância dos saberes campestres que fundamentam as letras das canções, ou seja, seria o campo dando sustentação semântica para as composições nativista sul-rio-grandenses. Pode-se observar, também, a partir da formulação: *quem me dera ter nos dedos o que sobra nas esporas*, a relativa “o que sobra nas esporas”, retomando o que o sujeito almeja ao executar a atividade musical, que seria a destreza e a agressividade na doma dos animais, expressão metaforizada no nível intradiscursivo. Assim, o sujeito se propõe como não possuidor de tanto talento para a música quanto dispõe para a lida campeira, uma vez que a proposição *quem me dera* introduz uma ambição, revelada na vontade desse sujeito em ter habilidade na música, na mesma proporção que possui força brutal no manejo dos equinos.

Mais referências à música nativista ligada ao serviço do campo podem ser encontradas nas *sdr* 15 e 16.

Sdr15: *Sou assim apaysanado, domador e guitarreiro. Diariamente peão campeiro, nas voltas campeio festa.* (Apaysanado)

Sdr16: *D'um potro faço a guitarra, da guitarra faço um potro. E antes que a noite me alcance, largo um e encilho o outro.* (Bastos, potros e guitarras)

Nota-se que as habilidades laborais dos peões campeiros são constantemente relacionadas ao talento para a música. É o que se comprova nas *sdr*15 e 16. Na primeira,

apresentam-se intercaladas, em sua caracterização, as atividades *pastoris* e a prática musical: *peão campeiro* (continuamente) e *festeiro* (eventualmente). O termo *apaysanado* – que pode ser parafraseado como compatriota, amigo, irmão de causa – resgata uma caracterização individual e estende a todos os gaúchos a representação interpelativa aos saberes que fundamentam o sujeito enunciador. Na segunda, percebe-se o mesmo processo de intercalação, mas com um efeito mais contundente. Há o entremeio das duas atividades como se tivessem uma relação essencial e inseparável através do enunciado: *dum potro faço a guitarra e da guitarra faço um potro*.

A partir das sequências acima analisadas, pode-se pensar a respeito dos discursos que defendem a música na vida do peão, configurando-se como uma extensão da sua labuta diária, onde suas peripécias podem ser contadas e suas tensões diminuídas. Porém, como já abordado nesse trabalho, as canções nativistas podem servir como veículo ideológico tanto em favor do peão oprimido, quanto de sua exploração. Nota-se que, na linearidade discursiva das canções nativistas, são omitidos os saberes que vinculam a exploração dos ancestrais gaúchos a partir de sua exaltação, porém assiste-se à promoção dos peões – vistos como vagabundos até o início do século XIX – ao estatuto de heróis míticos, formadores de um estado, com os quais, segundo o discurso nativista, os habitantes do RS devem se identificar.

Sdr17: *Meu canto é a mescla das ânsias dos que vivem dos arreios.*  
(Bastos, potros e guitarras)

Nota-se, mediante o uso da expressão *meu canto*, composta do pronome possessivo de 1ª pessoa e do substantivo *canto*, que o sujeito se identifica como *cantor*. A posição-sujeito mantém-se na FD nativista-tradicional, conforme se pode verificar na completiva nominal *ânsias dos que vivem dos arreios*. Ela é decorrente da necessidade de defender e expressar as aspirações dos peões campeiros.

Essa *sdr* permite refletir sobre a relação do “eu” enunciador com os ideais dos trabalhadores na pecuária, cuja identificação pode ser analisada pela observação das formações imaginárias instituídas nesse discurso. Trata-se de um sujeito constituído historicamente no imaginário popular como um disseminador dos ideais camponeses, que enuncia sua canção, identificando-se como manifestante das necessidades populares rurais, uma vez que articula seu discurso conforme a antecipação da imagem que tem a respeito de si mesmo (nesse caso como representante do peão campeiro). Desse modo, representa-se como

cantor das *ânsias dos que vivem nos arreios*, o que remete às imagens inscritas historicamente do cancionero e dos músicos que “pelearam” pela causa nativista.

Frente ao exposto, cabe dizer que a manipulação hegemônica advém de relações de poder, algo que funciona independente da vontade do sujeito, à medida que está historicamente inscrita. Então, as posições hierárquicas e as relações de poder instituídas entre elas são vistas como efeito do real. Segundo Foucault (1998), o poder provém de uma relação de forças e, dessa maneira, está em todas as partes, abarcando pessoas e situações, não podendo, portanto, ser considerado independente delas. As relações de poder não se limitam a instituições, organizações e formas econômicas, estando presentes em todas as relações: de status, prestígio ou desempenho de papéis sociais, na rua, na família, nas relações afetivas ou de amizade, não somente reprimindo e destruindo o outro, mas também produzindo efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades.

Assim, pode-se afirmar que o sujeito “peão cantador” é atravessado involuntariamente pelas relações de poder e, ao disseminar a exaltação de seu povo, torna-se um difusor da ideologia dominante. Embora sendo tomado pela força hegemônica do poder, o discurso nativista eleva o sujeito pampiano a um patamar mais elevado no imaginário gaúcho, através da defesa de sua coragem e força. Essa imagem funciona na interpelação ideológica de sujeitos, inclusive daqueles provenientes da elite estancieira, vista como fundadora dos discursos dominantes. Dessa maneira, tenta-se formar uma identificação única, coligada, que gera um grupo definido, sem diferenças, uma identidade coletiva.

Cabe refletir a seguir sobre uma outra temática muito valorizada pelo discurso nativista: *a representação do peão na lida campeira*.

## 5.2 NO REPERTÓRIO DA LIDA: REPRESENTAÇÃO DO PEÃO NA LIDA CAMPEIRA

Certamente, esse é um dos temas mais abordados na obra analisada e com o qual os sujeitos nativistas têm grande afinco. Mesmo que o trabalho pastoril seja bastante pesado, perigoso e subestimado – sendo o principal motivo e meio da exploração do peão – este parece identificar-se e orgulhar-se muito de, dia após dia, conseguir realizar as difíceis tarefas pastoris sul-rio-grandenses. É o que parece acontecer nas *sdr* que serão analisadas a seguir. Encontram-se elas subdivididas em quatro subitens: *Espreitando esta faina*: elementos característicos da lida campeira; *O sangue pulsa mais forte nas veias*: coragem necessária ao trabalho do peão; *Quando o mundo se fez mundo*: dificuldades na faina campeira e as adversas

origens sul-rio-grandenses; *Aclimatando invernias*: influência do clima na vida/lida campesina.

### 5.2.1 *Espreitando esta faina*: elementos característicos da lida campeira

As canções nativistas analisadas apresentam alguns elementos característicos da faina campeira (a dificuldade da doma, a dureza do peão frente as suas difíceis tarefas, entre outras) e defendem que esses fazem parte da constituição do sujeito gaúcho. Dessa maneira, trabalhar rudemente, vitimando e, muitas vezes, sendo vítima de animais faz parte da representação desse sujeito no imaginário sulino, o que pode ser comprovado na sdr18.

Sdr18: *As volteadas de uma estância castigam a alma de um guapo, pois lombo cavalo não é bem o que se acha, mas um taura que se anima terceira por estas léguas virando a boca da égua num grito de vai ou racha.* (Das volteadas de uma estância)

Nessa sequência, pode-se observar no enunciado: *As volteadas de uma estância castigam a alma de um guapo, pois lombo cavalo não é bem o que se acha*, estruturada a partir de orações relacionadas por coordenação de tipo explicativo, que a primeira oração apresenta as dificuldades da atividade camponesa pastoril e a segunda justifica ser o manejo com animais a causa para essa dificuldade. Frente à apresentação dessas dificuldades laborais, estabelece-se a contraposição, por intermédio do marcador de contrajunção *mas*, à coragem que apresenta o sujeito pampiano, caracterizado como *taura que se anima* ao enfrentamento de tais obstáculos. Assim, o enunciado introduzido pelo elemento de contrajunção localiza-se no domínio da memória da FD nativista-tradicional, funcionando de forma a mostrar que o sujeito gaúcho enfrenta com brio o embate frente às durezas de sua vida. Liga-se, entretanto, à lógica hegemônica, pois, através da valorização da coragem pampiana, produz-se a opressão do peão – ele deve seguir até o fim com suas obrigações, ou seja, precisa aderir à determinação imposta pelo *grito de vai ou racha*, discurso que o impulsiona a não desistir frente às adversidades. Isso ocasiona a manutenção do *status quo* independentemente do custo que possa implicar; no caso, vencer ou morrer ao final da batalha com o animal.

Em síntese: esse elemento constituído na memória relaciona-se à ideologia dominante, na medida em que trabalha para carrear e manter a mão de obra do campeiro, mas

contraditoriamente instala nele uma imagem de força e grandiosidade, proporcionando sua valorização entre os meios que antigamente o difamavam.

Sdr19: *Me vou na boca de um maula<sup>29</sup>, campeão e não acho a doma. Um tigre fugiu da jaula e se foi batendo carona. Resta então, um reio brabo, o dente afiado da espora, uma mancha de campo limpo e a fé em nossa senhora. (Campo e fé)*

A sdr19 apresenta o sujeito enunciador em primeira pessoa, o que se depreende através da desinência número pessoal do verbo *ir* e pelo pronome *me*, os quais incidem na caracterização do sujeito enunciador como *domador*. É, portanto, a voz do peão que se faz ouvir frente à problemática da doma de animais ariscos. A oração: *resta então, um reio brabo, o dente afiado da espora, uma mancha de campo limpo e a fé em nossa senhora*, apresenta instrumentos rudes como o relho e a espora, acompanhando a fé cristã do peão em Nossa Senhora como solução para a domesticação do animal. Percebe-se uma posição-sujeito de defesa à rudeza e violência do peão. Essa posição enquadra-se no campo discursivo da FD nativista-tradicional, interpelando ideologicamente os sujeitos sulinos e provocando sua identificação com saberes que apresentam ações brutais como solução de vitória ante às dificuldades. Todavia, essa dureza do pampiano não é insuflada contra sua exploração pelos interesses da elite rural pecuarista sul-rio-grandense.

Paradoxalmente a essa brutalidade apresentada com os animais, o gaudério, mitificado, o *centauro dos pampas*, em outras passagens das canções analisadas, apresenta grande afinidade com a natureza, conforme se pode constatar no exemplo seguinte: “Porque o flete é um companheiro, parceiro dia após dia, sempre”. (Nas volteadas de uma estância)

A sequência a seguir indica que tem contato com os animais constantemente, enquanto com pessoas a convivência é restrita:

Sdr20: *De vez em quando, quando posso, dou uma voltita no povo<sup>30</sup>, tiro uns três ou quatro dias de retoço com as guria e volto pra estância de novo. (Vida de peão)*

---

<sup>29</sup> Mau

<sup>30</sup> Aqui a palavra *povo* está relacionada aos habitantes da cidade.

Nota-se, nessa sequência discursiva, o adjunto adverbial de tempo *de vez em quando* identificando, como um ato eventual, a possibilidade de o sujeito trabalhador da estância, proposto como “eu” na enunciação, sair de seus afazeres para visitar o povoado. Isso indica, além da exploração de sua mão de obra, seu contato constante com os afazeres pecuários e, por conseguinte, com os animais. Conclui-se, então, por essa perspectiva, que o convívio do sujeito campesino sul-rio-grandense com as pessoas é mais limitado do que o contato com os animais, já que a atividade pastoril do Rio Grande do Sul é marcada pela utilização de poucos homens para lidar com o gado, cuja criação se dá de modo bastante *natural*. Verifica-se, pela afirmação do sujeito enunciador, que esse tem contato com o povo esporadicamente, quando sua faina diária permite. Essa impossibilidade de se distanciar de seus deveres aponta para o fato de o gaúcho ser um sujeito explorado em sua atividade. Historicamente, sabe-se que, muitas vezes, seu trabalho teve turnos ininterruptos, sem ao menos receber um salário. O pagamento era um pedaço de carne e uma esmola para gastar com bebida e jogo nos bares. Essa desvalorização financeira do trabalho dos peões provavelmente foi provocada pela naturalização de sua atividade, considerada *agre e inata*.

Na sequência seguinte, pode-se perceber uma outra posição-sujeito frente à ideologia que constitui a FD nativista-tradicional.

Sdr21: *A casco, marco as razões que povoam o campo aberto, quando aparto o que é certo das mentirosas visões*”. (Retrato de pampa e inverno)

Observa-se inicialmente o emprego da expressão adverbial de modo, *a casco*, reafirmando a maneira como o gaúcho, relacionado ao mito do “monarca das coxilhas<sup>31</sup>”, é caracterizado habitualmente: a cavalo. Posteriormente, constata-se o uso reiterado do processo de relativização: *que povoam o campo aberto e o que é certo das mentirosas visões*, representando dois pré-construídos que fundamentam os saberes nativistas: um ligado à determinação do gaúcho (ele é que marca as razões, dominando “o campo aberto”), outro ao discernimento (ele é que “aparta” o que é certo). Esse discernimento diz respeito a uma tomada de posição (ou de consciência) desse sujeito perante os saberes de sua formação.

Pêcheux (1997) defende, no texto: “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação”, tal tomada de consciência como algo possível ao sujeito, negando a impossibilidade de reação ao processo de assujeitamento, conforme a

---

<sup>31</sup> Termo criado por Aureliano de Figueiredo Pinto.

primeira fase da AD, baseada em Althusser<sup>32</sup>, propunha. Dessa forma, a possibilidade do sujeito ter consciência de sua interpelação vai também reformular o entendimento pecheutiano quanto à noção de “formação discursiva”.

Pode-se observar que Pêcheux [1983 (1990, p. 314)] vai defender que a FD pode ser e é invadida por elementos que vêm de fora, de outro lugar, sobre a forma de pré-construídos e de discursos transversos que impossibilitam conceber a FD como um espaço fechado e regular. Dessa maneira, suas fronteiras são permeáveis, não separando o interior do exterior, estabelecendo laços com outros discursos. Cria-se, assim, uma concepção de formação discursiva heterogênea. Frente a isso, pode-se refletir com Courtine [1981 (2009)], que uma FD funciona como um princípio de aceitabilidade discursiva para um conjunto de formulações (determina “o que pode e deve ser dito”), assim como o princípio de exclusão (determina “o que não pode/não deve ser dito”).

Segundo esse autor, o domínio de saber de uma FD:

realiza, assim, o fechamento de uma FD, delimitando seu interior (o conjunto dos elementos do saber) de seu exterior (o conjunto de elementos que não pertencem ao saber da FD); esse fechamento, entre tanto, é fundamentalmente instável: não consiste num limite traçado, de uma vez por todas, mas se inscreve em diversas FD como uma fronteira que se desloca, em razão dos jogos de luta ideológica, nas transformações da conjuntura histórica de uma dada formação social. [COURTINE, 1981 (2009, p. 99)]

Nota-se, na sdr20, o sujeito questionando saberes de sua FD, tomando ciência de que existem *mentirosas visões* dentro dos discursos que transitam no campo. Assim, pode-se verificar uma contra-identificação do sujeito nativista com os saberes que integram a FD nativista-tradicional, que, por sua vez, defende os elementos formadores do gaúcho sem criticar a força dominante presente.

Para conviver com a dura realidade pastoril sulina que exige indivíduos resistentes às suas provas, o sujeito campeiro do Rio Grande do Sul necessita de coragem no seu posto serviçal. Essa característica do gaudério toma espaço no subitem, *Coragem necessária ao trabalho do peão*, analisado devido à grande recorrência nas canções analisadas.

---

<sup>32</sup> Ver em ALTHUSSER (1983), *Aparelhos ideológicos de Estado*.

### 5.2.2 *O sangue pulsa mais forte nas veias: coragem necessária ao trabalho do peão*

A coragem do gaudério, relacionada à sua faina diária, torna-se objeto desta parte do estudo e retoma mais especificamente o que foi abordado no item *Valentia do sujeito gaúcho*, referente à ligação da atividade pecuária sul-rio-grandense à coragem do sujeito campesino. A ênfase nessa temática nas canções deve-se provavelmente à hegemonia pecuarista sulina que, ao celebrar esse atributo do campeiro, pôde dominá-lo ideologicamente. Deve-se ressaltar que nada é mais prezado por uma organização social de base patriarcal do que a demonstração e a valorização de atitudes indicadoras de iniciativa, coragem e bravura. Assim, um indivíduo, criado em um espaço de prevalência do mais forte, certamente, deixa-se insuflar por bravatas e histórias de vitória frente aos mais diversos desafios.

*Sdr22: A cavalhada entra em forma e o índio que sabe as normas não refuga o que lhe toca.” (Das volteadas de uma estância)*

A sdr22 é bem representativa do que foi dito anteriormente. Em sua estrutura formal, como na sdr21: ...*o índio que sabe as normas* e ... *não refuga o que lhe toca* tem-se a presença de dois pré-construídos referentes à FD nativista-tradicional que podem ser parafraseados da seguinte forma: o gaúcho conhece suas responsabilidades e as cumpre. Observa-se também um apagamento, no enunciado, de certos elementos que poderiam desestabilizar a hegemonia vigente: que normas? Normas de que ou de quem? Tal fato revela-se extremamente significativo, pois mostra a total subordinação do “índio” à FD dominante e o desconhecimento provocado pela interpelação. É nesse ponto que a Análise do Discurso ajuda na reflexão, pois, segundo essa teoria, o sentido de um enunciado vai além do que está escrito, porque tem uma relação intrínseca com o contexto (político, social e ideológico) em que foi produzido.

*Sdr23: Peleia braba, corpo a corpo, mano a mano. Quem pode mais chora menos e a sorte pede bolada quando o destino de um sotreta<sup>33</sup> e um domador fica enredado nos pastos da boca de uma picada. (Romance do Mascarado)*

---

<sup>33</sup> Cavalo ruim, arisco, matreiro, sendeiro.

Na sdr23, nota-se a caracterização da doma, atividade rotineira na lide pecuária. A proposição apresentada na relativa: *quem pode mais chora menos* revela, através da intervenção dessa relativa na atualidade enunciativa, um pré-construído que defende a coragem campeira. A posição-sujeito evidenciada nesse enunciado remete à afirmação do enfrentamento campesino como um dom do pampiano que, por isso, não necessita de grande recompensa financeira em exercer o que está em sua natureza. Devido a isso, pode-se dizer que a FD nativista-tradicional tem mérito e culpa na representação do peão campeiro, pois valoriza a imagem do sujeito pampiano, mas mantém a dominação dos discursos hegemônicos, ou seja, mesmo que valorize a imagem do peão campeiro como herói, auxilia na sua exploração.

Pode-se observar a representação do peão campeiro como “centauro dos pampas”, desde o repertório do cancionero<sup>34</sup>, tal qual exposto na seguinte estrofe: “Eu sou como a tempestade; Sou como o rijo tufão, que esmaga os vermes na terra, e sobre para a amplidão. Eu sou senhor dos desertos, Monarca da solidão!”, que também parece impelir o gaudério à coragem e, por conseguinte, ao duro ofício, instaurando um clima de incentivo à quebra de obstáculos. Notam-se posições contrastantes nesses versos, à medida que o sujeito é representado como virtuoso, mas solitário em sua vivência, tendo consciência de sua condição, tornando-se um *monarca* sem súditos.

Dessa forma, os saberes revividos pelas expressões atributivas acima referidas remetem a elementos que retratam uma exaltação do discriminado para encobrir a discriminação. No entanto, são conhecimentos cristalizados na memória coletiva e, geralmente, aparecem desligados dessa força dominadora original, gerando, assim, uma naturalização da difícil situação vivida pelo campeiro. A posição tomada pelo sujeito enunciativo pode ser reconhecida a partir da noção de formação imaginária. A partir dela, o sujeito se enuncia do lugar do peão.

Sdr24: *Morrer, mas morrer peleando, jamais afrouxar o garrão, com a pampa no coração e as inquietudes por diante. Nas recorridas de campo, até mesmo num aparte, balanceando nos fiadores ou amadrinhando um potro. (Das volteadas de uma estância)*

---

<sup>34</sup> Anexo F

Nota-se, na materialidade linguística dessa sequência, o emprego do *mas*, elemento de contrajunção, marcando a oposição entre o fato de enfrentar a morte passivamente ou o de enfrentá-la lutando. Essa última prerrogativa, típica ao pampiano, é reafirmada através do uso do advérbio de tempo *jamais* anteposto à proposição *frouxar o garrão* que, de maneira coloquial/campeira, diz respeito à não desistência na luta. Esses dois elementos vão, respectivamente, firmar a posição de valentia e coragem que deve caracterizar o gaúcho. Consistem em já-ditos, pré-construídos, que constituem a FD nativista-tradicional.

As sequências acima enaltecem, pois, a coragem do gaudério sob diferentes formas. Destaca-se aqui sua função de *peleador* instaurada na consciência que se pode morrer, mas nunca sem “pelear” e, essa coragem para lutar conduz as inquietudes do peão, como se, ao afrontar as asperezas da lida de campo, um movimento catártico fosse realizado, liberando as frustrações do pampiano. Esse discurso que prega a coragem frente à lida campeira funda, ao mesmo tempo e paradoxalmente, uma passividade que pode impedir o questionamento dos valores dominantes. Através da imagem do gaudério sempre disposto a desafios, esse discurso atua desqualificando quem não apresente os valores alegados como inerentes aos pampianos e no sentido de não deixar vir à tona o que não cabe ser dito na FD nativista-tradicional.

Sdr25: *É onde se agarra um quebra. Que tenha sangue nos olhos, pois um covarde se achica quando um malo se embodoca.* (Das volteadas de uma estância)

Nessa sequência, volta a ocorrer o pré-construído, relativo à coragem e valentia do gaúcho por meio da oração *que tenha sangue nos olhos*. A oração coordenada explicativa que se segue *pois um covarde se achica quando um malo se embodoca* ratifica a desvalorização de quem não apresente a audácia de montar em um cavalo bravo. Pela disseminação desses saberes que advêm do passado, qualquer um que questione a dureza do trabalho pastoril ou até a pouca valorização financeira da sua mão de obra, pode ser julgado como fraco e, por essa razão, ser visto como uma vergonha à sua descendência. A partir disso, pode-se notar a mitificação do peão campeiro sendo (re)construída por elementos específicos, dentre os quais podem ser citados: a exaltação de sua bravura, a caracterização de sua dura lida, o enfoque no passado da formação sul-rio-grandense, entre outros. Tais saberes são ratificados constantemente nas canções analisadas, delimitando um campo discursivo para FD nativista-tradicional e revelando aspectos que ligam ideologia, história e língua, através dos quais os sujeitos nativistas são interpelados.

### 5.2.3 *Quando o mundo se fez mundo: dificuldades na faina campeira e as adversas origens sul-rio-grandenses*

O meio nativista dissemina saberes que relacionam a tradição dura da lida campeira à origem e evolução da sociedade rio-grandense, caracterizando a adversidade e a procedência pampiana como elementos responsáveis pela determinação dos sujeitos gaúchos que, mesmo estando localizados, atualmente, em grande maioria na cidade, são considerados advindos dos peões e, portanto, devem se orgulhar e conservar atitudes e características dos seus ancestrais.

Sdr26: *A firmeza no garrão e a certeza no serviço. E talvez seja por isso que a pampa anda estampada num retrato de inverno na rudez do meu ofício.* (Retrato de pampa e inverno)

Nota-se na sdr26, uma relação de justificação/explicação entre as proposições: *ter firmeza no garrão e certeza no serviço*; e *a pampa andar estampada num retrato de inverno*. Colocado o enunciado em ordem direta *A pampa anda estampada num retrato de inverno na rudez de meu ofício por causa talvez da firmeza no garrão e da certeza no serviço*, a força do pré-construído que o constitui seria minimizada.

Destaque-se também a expressão: *na rudez do meu ofício* que, na mesma direção de sentido do segmento anterior, realça as características brutas no pampiano. Assim, considera-se que o sujeito enunciativo, marcado pela primeira pessoa, representa-se, a partir de uma justificativa, como *firme no garrão e certo no serviço* diante dessa *rudez* particular de seu labor.

Essa *sdr* funciona no âmbito da atualidade, trazendo à materialidade discursiva saberes já instituídos, relacionados ao fato de que o campeiro deve se manter firme frente às dificuldades. Isso faz com que os costumes tradicionais campesinos do sul sejam exaltados e disseminados discursivamente, na medida em que o trabalho gaudério possui/difunde saberes advindos do passado, intrinsecamente, ligados às adversidades de sua pampa.

Sdr27: *Volto à estância novamente, pois esta vida é um confronto, rebentando aspa de bois trombando égua dos encontro.* (Vida de peão)

Nessa sequência, o sujeito, enunciando em primeira pessoa, representa sua imagem de peão ao caracterizar as atividades que exerce. Assim, a partir de uma oração coordenada explicativa: *pois esta vida é um confronto*, justifica sua volta às periculosidades laborais pelo desafio de lidar com os riscos de sua atividade, o que pode ser notado na sentença: *rebentando aspa de bois trombando égua dos encontro*. Esse discurso proferido na atualidade vem confirmar saberes do passado, assim como os expressos no dizer: *não podemos se entrega* (apresentado anteriormente na canção “Não podemos se entrega pros homi”, de Francisco Alves Zanatta e Francisco Scherer, cantada por Leopoldo Rassier) – antecipando discursos ditos posteriormente que irão retomar a temática, sob o efeito de real fornecido pelas condições de produção da atualidade.

Sdr28: *Paleteada é lida bruta, nascida nas escramuças<sup>35</sup>, quando se apartavam tropas em "machaços" atropelos. A encontro e bico de bota tirava o boi do refugo. (Paleteada*

Na sdr28, a *paleteada*<sup>36</sup> é definida pela expressão *lida dura*, cujos sentidos remetem aos perigos e as fadigas vividas no trabalho pastoril. As possibilidades de sentido produzidas por essa caracterização são relacionadas ao saber que afirma a proveniência do pampiano do passado e compõe a oração subordinada adverbial temporal: *quando apontavam tropas em machaços atropelos*, ressaltando discursos justificativos do fato de o gaúcho ser influenciado pelas adversidades que tem de enfrentar, ou que, pelo menos, seus ancestrais enfrentaram. É importante mencionar que, quase necessariamente, as adjetivações que vão estar ligadas ao sujeito nativista, repercutirão nas imagens do peão campeiro do passado. Essa constante relação passado-presente embasa os sentidos das canções de raiz sulinas e auxilia na interpelação ideológica do sujeito a uma FD nativista-tradicional.

Sdr29: *Diz o ditado que um fronteiro não se entrega e a raça buena não nega quando vem de pai pra filho. Trago na alma o corpo de um peão de estância e uma tropilha de ânsias que tempo adentro encilho. (De vida e tempo)*

<sup>35</sup> Pinote, salto que o cavalo dá.

<sup>36</sup> Afazer costumeiro de peões campeiros, que, em duplas montadas em equinos paralelos ao boi/vaca, escoram o bovino com os ombros dos cavalos (paleta), apertando-o pelos dois lados, determinando, assim, a direção a ser seguida

A sdr29 é marcada pelo aparecimento de um pré-construído explícito no provérbio camponês: *um fronteiro não se entrega e a raça buena não nega quando vem de pai pra filho*. Pode-se afirmar que o provérbio é a representação cotidiana do funcionamento de um pré-construído. Assim, essa proposição reafirma a concepção que a AD propõe para o sujeito, como um efeito, historicamente constituído, que para fazer sentido, necessita ter sentido. Exclui-se, com isso, a ideia de que a origem do discurso está no indivíduo. Nesse sentido, o provérbio trazido à linearidade do discurso, afirma a *disposição* histórica do peão à faina pastoril. Nessa *sdr*, observa-se também a menção aos anseios pampianos que são reverberados através dos tempos.

Frente a isso, pode-se dizer que o sujeito enunciador busca no provérbio um argumento de autoridade na defesa de ideais que são difundidos como inerentes aos gaúchos.

Sdr30: *Foi bem assim desde cedo. E a filosofia é essa: que bem mais taura é quem empeça o dia com pé esquerdo.* (Da alma de Dom Emílio)

A sdr30 é constituída inicialmente pelo enunciado: *Foi bem assim desde cedo*, o qual expressa temporalidade. Apresenta a posição de que, precocemente, é passado o saber ao sujeito sulino de que mais forte se torna o indivíduo que lida com maiores adversidades (*bem mais taura quem empeça o dia de pé esquerdo*). Novamente é abordado esse elemento da memória discursiva que remete ao fato de o gaúcho ser (trans)formado pelos desafios que enfrenta. Esses saberes são pré-construídos que evidenciam o campo discursivo da FD nativista-tradicional, materializando, dessa maneira, elementos ideológicos que servem para interpelar os indivíduos em sujeito. Frente a isso, pode-se refletir que todos os sujeitos sul-riograndenses convivem com esses elementos, podendo, ou não, se identificar com eles. Assim, os processos de identificação encontram-se engendrados na construção histórica dos sujeitos e são difundidos pela música gauchesca.

Sdr31: *Vem das bibocas da história a causa que me aprofundo, quando o mundo se fez mundo na ânsia demarcatória.* (Da alma de Dom Emílio)

Sdr32: *Assim no tempo das patas, bagualas pátrias nasceram e macharronas<sup>37</sup> cresceram, sendo aos crioulos muy gratas. Este é um nó que não desata, porque em cada um se arrancha.* (Da alma de Dom Emílio)

Na sdr31, a anteposição do predicado verbal ao sujeito gramatical provoca sua tematização. Tal fato proporciona uma forma de validação do que é dito. Desse modo, a *causa* de que o sujeito enunciador menciona é difundida historicamente. O que é tematizado relaciona-se intimamente com o que é veiculado na oração temporal, expondo uma posição-sujeito que está ligada à FD nativista-tradicional na afirmação de que o passado sul-riograndense é formador das características dos sujeitos sulinos atuais. Fato semelhante ocorre na sdr 32. O adjunto adverbial de tempo *no tempo das patas* aparece em posição prévia ao sujeito: *bagualas pátrias*, enfatizando, da mesma forma que na *sdr* anterior, o tempo passado. Pode-se observar, ainda, que os nomes *demarcatória* e *macharronas*, respectivamente ligadas aos substantivos *ânsia* e *pátrias*, difundem a defesa de que as causas que determinam o sujeito discursivo, caracterizado pela formação imaginária do mito do “centauro dos pampas”, provêm do passado.

Essa articulação entre elementos do interdiscurso auxilia na interpelação e (re)produção de sujeitos vinculados a uma FD e possibilita a construção do discurso nativista. A veiculação desses elementos da memória transmite conhecimentos abrigados nos meandros da relação entre história e língua. Sendo assim, pode-se pensar que os sujeitos necessitam da memória discursiva para significarem, mas, simultaneamente, por intermédio dela, a ideologia divulga saberes, sendo responsável pela interpelação dos sujeitos, nesse caso, a dos gaúchos à FD nativista-tradicional.

Sdr33: *E agora frente ao futuro, sinto a mesma ansiedade e não escondo a vaidade, quando encilho um pêlo duro.* (Da alma de Dom Emílio)

Nessa *sdr*, o sujeito do enunciado, marcado pela desinência número-pessoal de primeira pessoa do verbo *sentir*, representa-se, frente a saberes de sua formação social, formulados, na materialidade discursiva, pelos enunciados: *agora frente ao futuro* e *mesma*

---

<sup>37</sup> Enorme, muito grande, nunca visto.

*ansiedade*, submisso a ela. Eles revelam que, frente ao futuro, o sujeito-enunciador prevê a continuidade daquilo que o constitui enquanto tal, revelando sua filiação ideológica.

O sujeito-enunciador mostra-se como instrumento de disseminação dos valores da FD dominante. Por esse motivo, diz sentir *a mesma ansiedade* (do passado) ainda que seja encilhar um cavalo sem raça definida (*pêlo duro*), quando o ideal seria montar o cavalo crioulo, representante animal típico da região e reverenciado pelo gaúcho na sua lida campeira e que faz parte da ação mitificadora da história gaúcha. Isso remete ao convencimento do peão de que deve se orgulhar das suas possibilidades, mesmo montando num animal comum. Verifica-se que, ainda assim, o peão representado deixa transparecer a vaidade. Essa característica é ostentada pelos saberes que fundamentam a FD nativista-tradicional, os quais enaltecem a imagem do gaúcho a cavalo e influenciam os sujeitos pampianos a sentirem-se orgulhosos mesmo que não tenham possibilidade de adquirir o que desejam.

Segundo Petri:

A presença do cavalo é um indicio da constituição do gaúcho, é a montaria que fornece superioridade ao homem, pois se a pé ele é um homem comum ao unir-se com o cavalo ele agrega valores heróicos. Assim, a designação gaúcho refere e caracteriza, num só ser, o homem que vive no campo e que está sempre acompanhado de seu cavalo, seu fiel companheiro que lhe empresta sua altivez e majestade, tão inquestionáveis naqueles tempos(2004, p.166).

Na sdr34, pode-se comprovar a identificação do sujeito com a valorização do cavalo crioulo e com a tradição, notando que os três elementos (peão, cavalo e tradição) convivem em uma relação de pertencimento um ao outro.

Sdr34: *Nos mostram que a evolução é a força que nos garante que o crioulo siga a diante sem perder a tradição.* (Da alma de Dom Emílio)

Nessa sequência discursiva, cabe enfatizar a apresentação da primeira pessoa do plural para enunciar, cuja função de generalização já foi abordada anteriormente. Seu uso revela a influência do discurso a todos sujeitos identificados com os saberes da FD nativista-tradicional. Essa *sdr* toma sentido no domínio da memória (incidindo em saberes do passado que defendiam o cavalo crioulo como elemento da tradição gaúcha) e traz esses saberes à atualidade através de sua materialização no intradiscursos. Esses elementos da memória,

linearizados nas canções, antecipam seu uso em (re)formulações posteriores, assegurando sua permanência.

Pode-se afirmar, então, que os discursos que defendem o fato de a origem gaúcha estar intrinsecamente ligada ao passado, ao mesmo tempo, corroboram para exaltar o modo de vida pampiano (visão explicitada no/pelo/para o meio nativista) e para impelir o peão ao trabalho (reprodução do discurso elitista). Dessa forma, o discurso nativista promove o peão ao estatuto de herói mitológico de um povo através do apagamento de dizeres antagônicos a essa formação e pela disseminação de discursos que descrevem fatos que historicamente cristalizaram-se como grandiosos na formação da sociedade gaúcha.

Da mesma maneira, como o cancionista e a literatura gaúcha trabalharam, mesmo que involuntariamente para a ideologia dominante, os discursos nativistas, ainda hoje, pelo atravessamento de discursos provenientes da formação hegemônica, preservam em seu interior relação com o discurso elitista que impele o pampiano ao trabalho. Essa relação age pedagogicamente na formação de um pensamento automatizado que não critica a origem dos discursos, tratando os saberes reverberados como algo inerente aos fatos, como se estivessem historicamente sempre-já-lá. Todavia, torna-se preponderante a explicação de que os discursos nativistas não difundem os saberes hegemonicamente instituídos pela ideologia dominante de forma consciente e também de que, ao instituir e identificar-se a um herói proveniente da sua condição socioeconômica, a classe proletária da atividade pastoril sul-riograndense se fortifica e chama atenção para sua realidade.

Para a explicação da disseminação de saberes dominantes que, nesse caso, são os da FD nativista-tradicional, parte-se de Foucault (1979) quanto à relação hegemonia e poder. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no estado, o que tornaria impossível a "tomada de poder" proposta pelo marxismo. Então, o dominante age sob o dominado não de forma contratual jurídico-política, mas sim como relação de forças. Essas relações estão em todas as partes. Para Foucault, o domínio produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades.

Pode-se notar o funcionamento das relações de poder nas sdr 35 e 36:

Sdr35: *Patrão, me empreste um pingão dos buenos, que tenha trote sereno pra visitar meu amor. (No rumo de um coração)*

Sdr36: *Mas volto pra estância no outro dia. A entoar melodias ao longo do corredor. Bombeando o brilho dos olhos dela ao acenar da janela do nosso rancho de amor.* (No rumo de um coração)

Nessas sequências, o sujeito enunciador, representado pelo “eu”, caracteriza-se como peão e revela consciência de procedimentos fundamentados na relação patrão-empregado, que implicitamente remetem a sua realidade subalterna. Assim, solicita um cavalo bom para poder visitar seu amor e, explica que, ao retornar, vai *entoar melodias ao longo do corredor*, ou seja, voltará mais disposto e alegre. Historicamente constituído, o objetivo maior das relações de trabalho é o de exigência de maior produção possível do empregado. Esse objetivo ressoa nas letras das canções nativistas e, no caso, sustenta a justificativa do peão em ter maior disposição ao trabalho se puder visitar sua amada. Assim, o enunciador responde retoricamente não a uma injunção particular de um patrão, mas a uma injunção de caráter histórico, demarcada pelas inscrições significativas de posições hierarquicamente forjadas e de imagens relacionadas a elas.

#### **5.2.4 *Aclimatando invernias: influência do clima na vida/lida campesina***

Além das causas históricas, notam-se algumas razões geográficas para a determinação do modo de ser do sujeito sulino. O relevo tipicamente baixo e alagadiço dos campos relacionado ao clima subtropical (caracterizado por apresentar as quatro estações relativamente bem divididas, sendo o inverno frio e chuvoso) são vetores determinantes na caracterização pampiana.

Sendo o serviço pastoril em ambiente externo às casarias das estâncias, notam-se, nas canções de raiz do Rio Grande do Sul, constantes referências às intempéries climáticas como preponderantes na constituição do sujeito sulino campeiro, considerado como fundador da sociedade gaúcha. Dessa forma, as enchentes e o vento frio das coxilhas (o minuano) vão ser os vetores climáticos mais referidos na temática nativista, na medida em que representam um período de dificuldades nessa região meridional brasileira.

Sdr37: *A manga calma se transforma em aguaceiro... Onde é várzea, se tornou tudo encharcado, campo dobrado, vertente de lamaçal.* (Sob as mangas do aguaceiro)

Sdr38: *A chuva calma acolhera uma semana, inté a charqueada ainda falta um eito de chã.* (Machaço confronto)

Pode-se observar, nas sdr 38 e 39, as dificuldades geradas pelas chuvas à faina diária do peão campeiro, tendo esse que as enfrentar na realização de suas atividades. Assim, a *vertente de lamaçal*, formada após a precipitação atmosférica, toma espaço onde deveria conter pastagens. Nota-se a afirmação de que a tropeada *até a charqueada* (que normalmente é longa) se torna mais dura sob mau tempo. Frente a esse contexto, a vida do peão torna-se mais difícil e perigosa. A caracterização do ambiente adverso que o circunda acaba por trabalhar no sentido das determinações dos saberes que fundamentam sua formação: ele deve estar sempre pronto ao combate. Pode-se perceber que o discurso do gaúcho frente ao embate é explorado das mais diversas formas, seja combatendo o mau tempo, enfrentando o cavalo bravo, ou guerreando com seus inimigos. Esse é um saber determinante dentro da FD nativista-tradicional e atravessa saberes de outras FDs.

Em consonância à posição favorável do pampiano ante aos embates, o sujeito do próximo enunciado vai ser representado como alguém que enfrenta a *braço* as dificuldades geradas pela inundação dos campos.

Sdr39: *E eu de novo vou "botá" o braço na enchente, porque a crescente essa vez foi macharrona.* (Crescente macharrona)

Nota-se, na sdr39, o sujeito enunciativo utilizando-se novamente da primeira pessoa para descrever uma situação que caracteriza sua valentia por cruzar a nado passos<sup>38</sup> cobertos por água. Verifica-se, pela expressão adverbial de modo: *de novo*, a indicação da repetição de um ato ocorrido anteriormente. A justificativa para o motivo desse enfrentamento, homem versus natureza, dá-se através da oração coordenada explicativa *porque a crescente essa vez foi macharrona*, em que a grandiosidade da adversidade desafia o campeiro a enfrentá-la. Devido à afirmação da coragem pampiana, saber altamente difundido pela FD nativista-tradicional, o sujeito gaúcho campesino parece determinado ao enfrentamento e é representado sempre como maior que seus desafios. Assim, a repetição da ação cruzar o banhado *a braço* é naturalizada dentro dessa FD, à medida que parece ser

---

<sup>38</sup> Local onde os cavalos cruzam o banhado.

inerente ao pampiano ter que afrontar as adversidades, sejam elas quais forem (climáticas, bélicas, laborais).

*Sdr40: Fechou seis dias que eu lido no alagado e o banhado já virou um "tremedal. Até a baeta<sup>39</sup> do meu poncho está molhada, garra ensopada de varar passo e sanga. O galpão virou um varal de arreios, oreando aperos enxaguados pela manga. (Sob as mangas do aguaceiro)*

Nessa sequência, o sujeito, enunciando pelo “eu”, representa-se no embate com as intempéries climáticas, nesse caso, com a enchente. Desse modo, caracteriza os banhados na época de chuvas do RS, utilizando a palavra *tremedal*, um nome coloquial pampiano que remete a algo grande. Cabe dizer que uma das funções comumente desempenhadas pelos campeiros frente aos alagamentos dos banhados é a busca de gado atolado no movediço manancial, algo que gera grande risco de vida ao peão, mas que também é abordado como um desafio natural da lide pecuária campesina. Nota-se que o peão campeiro relata o fato de ter de trabalhar *seis dias no alagado* sem reclamação. Isso pode ser visto como fruto da naturalização gerada pela exaltação da bravura camponesa sulina, pois essa naturalização, por meio de pré-construídos, fomenta a impressão de que os peões sempre tiveram que lidar com as dificuldades, auxiliando na representação da adversidade estar intrinsecamente ligada às suas atividades. Pode-se dizer, então, que o discurso afirmativo da força apresentada pelo campeiro frente às dificuldades funciona como tônico ao campeiro, todavia incentiva a manutenção de um processo explorador da força de trabalho, na medida em que as adversidades do trabalho pastoril são apresentadas como formadoras do modo de vida campesino. Portanto, o discurso defensivo à força pampiana desvaloriza qualquer um que não deseje enfrentar as determinações de sua lida.

Seguindo a mesma temática, as sdr 41 e 42 apresentam a justificativa para o certo conformismo que há no discurso de um peão retratado por tropear sob chuva.

*Sdr41: A esperança rebrota junto ao gramal, pois renasce o banhadal depois que a enchente se vai. (Crescente macharrona)*

---

<sup>39</sup> Tecido, geralmente de lã pesada e grossa, interno ao poncho.

Sdr42: *Então me olvido empreitando esta faina, pois a força divina jamais falha e nunca erra. Talvez a chuva seja o adubo já gasto, que veio “firmá” o pasto e “largá” uma graxa na terra.* (Sob as mangas do aguaceiro)

Essa força para transpor dificuldades climáticas, tal qual apresentada nesse tópico, se dá, também, pela esperança da bonança e de um rincão mais forte pelo “batismo” das águas, o que pode ser verificado nos períodos explicativos: *pois renasce o banhadal depois que a enchente se vai e talvez a chuva seja o adubo já gasto, que veio “firmá” o pasto e “largá” uma graxa na terra.* Assim, nota-se a representação das intempéries fortificando a terra, assim como durezas da vida dos peões fazem com se tornem mais resistentes. A partir das últimas duas sequências analisadas, pode-se depreender que os discursos nativistas cultivam, como saber próprio da FD em que estão inseridos, a esperança do sujeito pampiano na melhora. Isso tem grande influência no processo de exploração do campeiro que espera as possíveis mudanças de suas condições. Assim, o discurso nativista cultiva a relação do campeiro com sua terra, defendendo que o indivíduo e seu lugar ficam mais coesos à medida que os dois se fortalecem nas adversidades. Todavia, a partir da perspectiva foucaultiana, pode-se notar que a dominação hegemônica age “naturalmente”, ou seja, as relações de poder já estão historicamente instituídas e funcionam dentro da sociedade de forma cristalizada. Cabe pensar que essa cristalização das relações de poder se dá por intermédio dos pré-construídos, os quais possibilitam a impressão de os sentidos estarem sempre-já-instituído.

### 5.3 HERANÇA DE MARAGATO: REPRESENTAÇÃO DO GAÚCHO FRENTE ÀS GUERRAS DE SEU ESTADO

A defesa, no discurso nativista, de que o sujeito sulino possui determinadas características por constituir-se a partir das guerras é outro tema bastante recorrente nas canções nativistas. De fato, como anteriormente referido, o Rio Grande do Sul foi o estado brasileiro que mais enfrentou lutas armadas, tendo sua população participado maciçamente desses embates.

Nota-se, no texto de Dreys (1961), este viajante francês que observou a Província do Rio Grande de São Pedro do Sul entre 1817 a 1825, a caracterização do gaúcho, frente às batalhas enfrentadas, como possuidor de uma reputação de firmeza e de coragem que se

mostrava fria e perseverante. Pode-se dizer, então, que saberes referentes ao orgulho desse estado em ter vivido diversas revoluções são retomados em vários discursos. O hino rio-grandense, por exemplo, faz menção constante a essas guerras, principalmente à Revolução farroupilha: “foi o vinte de setembro, o precursor da liberdade. Mostremos valor constância nesta ímpia e injusta guerra; sirvam nossas façanhas de modelo a toda a terra”. Como se sabe, o hino é um dos símbolos representantes de uma sociedade e dispõe da função diplomática de representá-la por meio da música. Assim, o hino transmite saberes referentes à coletividade a qual representa. Nesse caso, representa uma sociedade valorizada por sua perseverança e coragem nas guerras, e afirma que essas características devem servir de exemplo a outras sociedades.

Deve-se ressaltar que os interesses amparados pela maioria das batalhas sulinas estavam ligados às necessidades dos ricos e não da população em geral. Assim, os discursos que defendem a bravura gaúcha nas guerras escondem a manipulação da população por parte dos poderosos. Por isso, cabe ponderar aqui os efeitos de sentido gerados pelos saberes que são transmitidos discursivamente pelas canções nativistas e impregnam o imaginário gaúcho.

Sdr43: *Sou herança de Maragato, a velha raça caudilha. Tenho sangue farroupilha galopando em minhas veias.* (Milonga maragata)

Na sdr43, pode-se perceber o sujeito enunciador (utilizando a forma “eu”) representado-se como proveniente do passado, como fruto dos guerrilheiros que participaram dos antigos embates revolucionários sulinos. Isso pode ser confirmado pela desinência número-pessoal dos verbos *ser* e *ter* e pela caracterização desse sujeito como *herança de Maragato*/ portador do *sangue farroupilha*. As adjetivações: *maragato* e *caudilha* são indícios de que os gaúchos nativistas atuais, representados na canção estudada pelo “eu” enunciador, identificam-se como *herança* dos revolucionários que lutaram no RS. Nota-se que a expressão apositiva, *a velha raça caudilha*, relacionada ao substantivo *maragato*, identifica os guerrilheiros rio-grandenses como uma raça<sup>40</sup>. Notam-se, portanto, nesse fragmento, elementos interdiscursivos que servem para identificar os gaúchos como advindos dos antigos guerrilheiros que lutaram nesse estado. Esses elementos são difundidos nas canções analisadas como provenientes das revoluções farroupilha e federalista.

<sup>40</sup> Para Templeton (1998): “Uma raça é uma linhagem distinta dentro duma espécie. Esta definição requer que a subespécie seja geneticamente diferenciada devido a barreiras que persistiram durante longos períodos de tempo, ou seja, a subespécie deve ter uma continuidade histórica, para além da diferenciação genética observada”.

Sdr44: *Com a rude estampa farrapa, plantei tenência de mau. E a descendência da raça, semeei no eco do berro, brincando de terrear ferro com Chimango e Pica-pau.* (Milonga maragata)

Na sdr44, o sujeito enunciador, ao se comparar com um farroupilha, caracteriza-se como possuidor de uma *estampa farrapa*, cuja gênese guerreira é responsável pela difusão *no eco do berro* de ideais revolucionários aos gaúchos que dela descendem. Essa sequência permite a reflexão de como se dá funcionamento de elementos da memória sendo veiculados pelo intradiscurso. Desse modo, saberes provenientes do passado (tais quais expressos por discursos que defendem a bravura do povo sulino nas batalhas do séc. XIX) ressoam nos discursos, cobertos pela opacidade que proporciona a naturalização dos fatos e pelo esquecimento do sujeito de que os sentidos se originam anteriormente a sua enunciação atual. Então, pode-se observar o sujeito enunciador repetindo discursos, no domínio da atualidade, que advêm de saberes provenientes do domínio da memória da FD nativista-tradicional.

Sdr45: *Pois a grito e pelegaço fiz a pátria que pertença cabrestear para um lenço maragateado de sangue.* (Milonga maragata)

A sdr45, a partir de uma relação explicativa, apresenta uma posição-sujeito relativa à defesa da procedência guerreira do povo sulino. O sujeito do enunciado novamente investe-se da forma “eu”, identificando-se com os ideais da FD nativista-tradicional e afirmando que as rusticidades instituídas nas batalhas formaram *a pátria que pertence*. Reforça essa posição, o emprego da expressão determinativa *de sangue* que modifica o substantivo *lenço* e, conseqüentemente, remete a elementos da memória referentes às cores que distinguem os rivais na revolução federalista, sendo a cor vermelha dos maragatos e a branca dos pica-paus. Nota-se que o lenço vermelho representa a posição tomada, na luta, pelos estancieiros e seus peões contra o império brasileiro.

O sujeito representado nas canções, apesar de trazer interdiscursos provenientes da formação que explorou e ainda explora os trabalhadores da pecuária, não pode ser visto como responsável pela própria exploração. Cabe dizer que esse sujeito está muito mais ligado à exaltação dos gaúchos campeiros, do que afirmando a disseminação dos dizeres da elite. Portanto, ao difundir a exaltação do discriminado (o gaúcho advindo dos peões/guerrilheiros), a música nativista chama a atenção para esse sujeito e o eleva ao estatuto de herói, que é cultuado até pela elite que com ele se identifica. Não se pode negar a submissão dos saberes

nativistas à hegemonia dominadora. Tal processo não é voluntário, como já visto, é instituído ideologicamente pelas relações de poder e está inscrito nas situações mais diversas<sup>41</sup>.

*Sdr46: Debaixo do tempo feio, só a coragem sustenta! Pode faltar ferramenta, mas sobra a fibra guerreira, pois quem herda a procedência do nobre sangue farrapo só morre queimando trapo, peleando pelas ladeiras. (Milonga maragata)*

Nessa sequência, ocorre uma oração introduzida por elemento de contração: *mas sobra a fibra guerreira*, retomando, na linearidade discursiva, elementos da memória discursiva referentes à coragem do gaúcho frente às batalhas. Assim, esse marcador propõe-se como elemento de oposição entre duas posições distintas: uma relacionada aos discursos antagônicos à FD nativista-tradicional, que questiona a possibilidade de obtenção de sucesso na empreitada, outra que defende essa possibilidade a partir da bravura dos gaúchos frente às batalhas.

A caracterização do sujeito enunciador como procedente dos revolucionários gaúchos, na oração coordenada explicativa: *pois quem herda a procedência do nobre sangue farrapo*, cuja enunciação na atualidade apresenta um elemento interdiscursivo bastante difundido no meio nativista, defende a coragem do gaúcho como fruto das antigas guerras vividas pelos ancestrais. Assim sendo, esses embates são revividos nas canções de raiz analisadas e identificam-se, por conseguinte, à FD nativista-tradicional.

#### 5.4 QUANDO A GUELA (NÃO) SE ALVOROTA: NEGRO E MULHER – VOZES CALADAS

Nas canções analisadas, notam-se referências ao negro e à mulher no ambiente campesino. O que vem a seguir é uma reflexão sobre o funcionamento discursivo dessas referências nas canções nativistas, procurando, a partir de elementos intradiscursivos, pistas que possam apontar as posições assumidas frente a elas.

<sup>41</sup> Verifica-se o funcionamento das relações de poder, por exemplo, no caso de referência às revoluções sul-rio-grandenses: os que muito lutaram não têm os seus nomes registrados na história oficial, mas os que pouco lutaram sim, aparecendo como os grandiosos idealizadores.

#### 5.4.1 *O corpo de um peão de estância: representação do negro na temática nativista*

Como visto no capítulo de contextualização histórica, é negada a utilização do negro escravizado no trabalho pastoril, durante os primórdios da fundação da sociedade gaúcha, devido ao fato de não possuir conhecimentos de pecuária e necessitar de vigia constante para que não fugisse. Por isso e pela instituição de um mito espelhado nos estereótipos hegemônicos, o negro não costuma aparecer nas peripécias históricas da formação do RS, sendo referido apenas como trabalhador em tarefas agrícolas para a subsistência da estância e, posteriormente, observado em menções históricas da sua utilização/exploração como “ponta-de-lança” nas guerras territorialistas sul-rio-grandenses.

Entretanto, na sdr47, pode-se notar referência ao negro atuando como peão campeiro no ambiente nativista.

*Sdr47: Foi quando o negro atirou o corpo pra trás, pra mostrar que um par de espora não é enfeite nos garrão. Vinha o tordilho<sup>42</sup> escabelando macega, dando coice nos cachorro, manoteando as maçaneta. Se vinha o pardo mais firme de quem um palanque<sup>43</sup>, dava um grito e um rebenqueação e ajojava com as roseta. (Romance do Mascarado)*

Aqui, o sujeito enunciador utiliza a terceira pessoa do singular, a não-pessoa benvenistean<sup>44</sup>. O que se tem é um relato que utiliza as designações *negro* e *pardo*, para caracterizar o negro peão, o que expõe o distanciamento tomado pelo enunciador para narrar e, por conseguinte, caracterizar esse sujeito. Verifica-se, nas canções analisadas, o peão campeiro sempre representado pela primeira pessoa, somente nessa canção é representado com a utilização da terceira pessoa, notando-se que há uma diferença de categorização entre o peão campeiro, representado pelo enunciador, e o negro peão, representado como o outro. No

<sup>42</sup> Pelagem de fundo branco encardido, salpicada de pequenas manchas mais ou menos negras.

<sup>43</sup> Esteio grosso e forte cravado no chão, localizado na mangueira ou curral, no qual se atam os animais, para doma, para cura de bicheiras ou outros serviços.

<sup>44</sup> Para Benveniste a primeira pessoa da enunciação é aquela que fala; a segunda, aquela com quem se fala; e a terceira (considerada não-pessoa), a de quem se fala. São consideradas “pessoa” apenas aqueles que são participantes ativos de um ato de enunciação, a noção de pessoalidade só pode ser carregada por *eu* é aquele que, no ato de fala, se apropria da língua e se enuncia como *eu* para referir a si próprio. *Tu* é o interlocutor de *eu*, é aquele para quem o eu se dirige; *tu* é a pessoa com quem *eu* fala. A não-pessoa ao contrário, é um signo pleno, uma categoria da língua, que tem referência objetiva e seu valor independe da enunciação, declarando, portanto, a objetividade.

entanto, pode-se observar, na representação desse sujeito negro, a presença de características típicas das ações de peão campeiro na montaria de cavalos “xucros”. É o que se vê no período: *pra mostrar que um par de espora não é enfeite nos garrão*. Esse período constitui-se numa réplica aos discursos tradicionais que desvinculam o negro do trabalho pastoril. Tal fato é ressaltado através do uso da expressão *não é enfeite nos garrão*, em que as esporas, instrumento rústico utilizado na montaria de animais, são utilizadas, na narrativa, pelo negro na atividade pecuarista-campesina. Isso confirma a representação desse sujeito como peão.

Outra questão importante na representação do negro, caracterizado nessa *sdr*, é a utilização do comparativo de superioridade na sentença *mais firme de quem um palanque*, em que o segundo membro da comparação – firmeza do palanque – ocorre a fim de supervalorizar o primeiro elemento – o negro. Parece claro que este sujeito, representado no campo, é totalmente identificado com os fundamentos que integram o mito do “centauro dos pampas” e, assim, apresenta-se em posição antagônica à imagem do sujeito negro que era difundida na formação do RS. Tal fato leva-nos a questionar o seguinte: caso o sujeito enunciador estivesse ligado aos dizeres da elite, identificar-se-ia com o negro (sujeito que teve sua voz e suas ações veladas pelo discurso hegemônico da elite)?

A resposta é não, porque diferente do gaudério que, em primeira instância, foi difamado e, posteriormente, teve, no discurso de exaltação dos seus costumes e ações, o encobrimento das causas que o dominaram ideologicamente, o negro teve seus feitos e conquistas silenciados pela ideologia dominante que o escravizou, usou e descartou explicitamente. Esse estado teve o mérito de poder contar, em seu desenvolvimento, com o povo africano e até hoje isso é pouco referido nos capítulos dos livros que abordam a história do Rio Grande do Sul. Mas, retratado na canção nativista, o negro é inserido na temática nativista e, por conseguinte, é exaltado como herói pampiano.

Nota-se que essa *sdr* propõe algo diferente do que é previsto tradicionalmente, pois, ao evidenciar a imagem do negro agindo no ambiente pampiano, apresenta uma posição sujeito que não caberia na FD nativista-tradicional, que, como já visto, costuma apagá-lo dos feitos gauchescos.

Percebe-se também que a mulher foi outro elemento que, embora tenha preponderante papel na fundação da sociedade gaúcha, da mesma forma que o negro, teve sua contribuição quase que apagada da história do RS. Isso pode ser observado pelas pouquíssimas referências femininas nas obras históricas sul-rio-grandenses. Com exceção das referências a Anita Garibaldi, vista como heroína da revolução farroupilha, não se têm

maiores registros no discurso nativista de outras mulheres que desempenhem um papel que não seja de prenda ou china.

#### 5.4.2 *A polvoadeira levanta: representação da mulher na temática nativista*

Nas canções analisadas, pode-se notar que esse estereótipo singular duplamente antagônico de mulher para casar (prenda) ou para satisfazer necessidades carnavais (percantas<sup>45</sup>) é confirmado.

Sdr48: *Em rancho de china, se campiamo amor, entremo sem sono e garantimo o poso*". (Os "loco" lá da fronteira)

Sdr49: *Crema em "percanta" que seja "percanta"*. (Os "loco" lá da fronteira)

Sdr50: *Não me tenteia morena, porque tu és flor cheia de espinho e eu tô louco de vontade de te arrastar pro meu ninho*". (Pra bailar de cola atada)

Na sdr 48, 49 e 50, nota-se a mulher sendo referida como *china*, *percanta* e *morena*, caracterizando um tipo de mulher desejada pelo peão para uma relação não duradoura, destinada a relações amorosas ou sexuais casuais; em outras palavras, vistas como objetos a serem usados.

Os discursos provenientes de sociedades machistas costumam não fazer referências à ação feminina. Observa-se em Dreys (1961, p. 160) uma narração da ação do gaúcho do séc. XVIII em contato com as mulheres: "os gaúchos aparecem geralmente sem mulheres e manifestam mesmo pouca atração para elas, felizmente para seus vizinhos, a quem sua multiplicação, acompanhada de desejos tumultuosos, poderia causar desassossego".

Assim, essas três *sdr* apresentam a visão machista constantemente revisitada pelo meio nativista. Pode-se verificar, na sdr49, por exemplo, a oração subordinada adverbial condicional *se campiamo amor* que introduz a possibilidade de escolha ao homem em estar ou não disposto ao o amor, deixando à mulher em segundo plano nessa escolha.

---

<sup>45</sup> mulher mal agradecida, alteração fonética da indagação *per quanto?* Que os imigrantes faziam às meretrizes na rua.

Sdr51: *Talvez, no rancho que fiz pra ela, encontre junto à janela a minha prenda de fé. Sorrindo, num olhar de primavera ao terminar sua espera escutando um chamamé*". (No rumo de um coração)

Sdr52: *Sinto saudade dos carinhos da paysana, china adorada pra quem dei meu coração*". (Machaço confronto)

Sdr53: *Levanto a china na anca do meu gateado, de pau-a-pique e santa fé ergo um ranchinho. Largo meu pingo lá pro fundão do banhado e passo o resto da vida a tropear carinhos*". (Machaço confronto)

Já nas sdr 51, 52 e 53 é possível observar os substantivos *prenda*, *paysana*, e *china* nomeando um tipo de mulher com quem o peão deseja se casar, sendo ela dona do seu coração e do rancho, espaço destinado à mulher dentro do discurso patriarcal nativista. Nota-se que o termo *china* aparece nos dois contextos (no que propõe a mulher como objeto sexual e no que a evidencia como esposa) revelando que as possibilidades de sentido não estão presas ao vocabulário, mas sim são construídas pela relação desse com a história.

Pode-se afirmar, frente ao estudado e ao contexto social sul-rio-grandense, que até hoje, nas canções nativistas, a mulher é caracterizada apenas como objeto sexual (portadora de malícia e de atributos que podem enfeitiçar o peão) ou como esposa (prenda dedicada ao lar à espera de seu amado), sem que seja mencionada a importância de seu trabalho, seu esforço, suas conquistas e vitórias. Pode-se dizer, então, que a FD nativista-tradicional evidencia uma posição semelhante à tradição e antagônica a discursos que reconheçam os atos femininos, proporcionando, desse modo, a reverberação de pré-construídos da tradição, instituindo o mesmo, o já-dito, o estereotipado.

## 6 QUANDO O SOL APAGA AS BRASAS: REFLEXÕES FINAIS

Chega-se à parte final deste trabalho e, após uma retrospectiva, cabe dizer que nenhuma das etapas de sua produção pôde ser considerada fácil. Todavia, sua escritura representou um grande aprendizado que se estruturou na possibilidade de desvelamento dos discursos que envolvem os gaúchos. Espera-se que esta pesquisa, referente às canções de raiz do Rio Grande do Sul, venha a auxiliar outras pessoas a refletirem – concordando ou discordando com as propostas aqui apresentadas – sobre a temática nativista. Cabe dizer que as opiniões defendidas não são verdades inquestionáveis ou últimas palavras frente à temática. Outro fato importante de se trazer à baila, é que os tradicionalistas mais fervorosos poderão se achar ofendidos com as ideias aqui expostas. Nesse caso, elas servirão talvez para que repensem posições ideológicas fortemente cristalizadas.

Para a realização deste estudo, o arcabouço teórico da AD mostrou-se instrumento crucial para o desvendamento dos discursos que determinam os sujeitos gaúchos. Assim, pode-se entender o funcionamento discursivo não limitando a análise à apreensão da relação objeto-palavra, mas sim compreendendo o processo da formação de sentidos, cujo mecanismo baseia-se na veiculação de saberes sócio-historicamente fundados.

Pôde-se observar elementos da linearidade discursiva (adjetivações, relações sintáticas, topicalizações, entre outros), em sua ligação com a história. Nesse processo, verificou-se a caracterização do peão como herói, um ser poderoso e mítico, cheio de virtudes, responsável pela fundação da sociedade gaúcha e pela disseminação das ações e valores a serem seguidos pelos sujeitos que se identificam com esses saberes e, por conseguinte, à FD nativista-tradicional.

Nessa caracterização, pôde-se perceber que o emprego da primeira pessoa na enunciação estava sempre ligado à voz do peão campeiro e as adjetivações que se referiam a ele, representavam-no em suas qualidades e méritos, assim como em sua coragem frente aos embates, nunca criticando suas ações e discursos. Verifica-se, através desses elementos intradiscursivos, o poder interpelante da ideologia, agindo de modo a submeter os sujeitos aos saberes da FD a que estão vinculados.

Notou-se, também, que elementos interdiscursivos linearizados, pré-construídos e discursos transversos, proporcionam às canções nativistas divulgar saberes que interpelam os sujeitos, fazendo-os identificarem-se à ideologia tradicional. Assim, saberes difundidos no passado pelos versos do cancionário, tais quais: *Sou senhor dos desertos, monarca da*

*solidão; Tenho por teto do meu rancho a palha por leito o pala; Fortes braços farroupilhas, nunca sabem fraquear: hão de punir os tiranos, hão de a pátria libertar; Tomando um bom amargo, no baio eu jogo a encilha e alegre se despede o cancionero das coxilhas,* que exaltam o mito do gaúcho herói (“centauro dos pampas”), a simplicidade gaudéria, o heroísmo nas batalhas e o dom musical, puderam ser observados, em construções parafrásticas nas canções nativistas atuais, o que demonstra a ligação dessas aos saberes da tradição. Todavia, pôde-se notar algumas tomadas de posição diferenciadas nas canções analisadas frente aos saberes tradicionais. É o que acontece com referência ao negro, até então apagado na temática nativista-tradicional, que aparece representado como peão campeiro. Também se evidenciou a reflexão do sujeito peão sulino quanto aos anseios de sua classe, o que pode ser interpretado como um momento crítico em que esse sujeito-peão-campeiro questiona suas condições, assim como as dos seus.

Pode-se afirmar, entretanto, que a subjetividade campesina se constitui paradoxalmente; de um lado, o herói; de outro, ser discriminado e dominado por ideais elitistas. É nesse jogo que a ideologia dissimula que se situa o sujeito nativista, disseminador de discursos afirmativos e gerador de características que ilusoriamente compõem o povo sul-rio-grandense. Portanto, mesmo os sujeitos gaúchos que não se identificam com a FD nativista-tradicional, são vistos como fundamentados por esses saberes.

Percebeu-se, então, o discurso do poder exercendo sua função dominadora e agindo de maneira a subjugar os sujeitos nativistas. A manutenção da ordem hegemônica não pode ser negada na FD nativista-tradicional. A valorização do peão encobre interesses da ideologia dominante, mas essa ação não é consciente e não se dá de forma repressiva e impositiva, uma vez que esse processo encontra-se inscrito nos sentidos que o circundam e nas suas práticas do cotidiano.

Este estudo proporcionou a reflexão sobre os saberes relativos à FD nativista-tradicional e tentou mostrar que a determinação do sujeito nativista dá-se a partir de pré-construídos, forjados na tradição, que alimentam o imaginário gaúcho e do apagamento ou silenciamento de sentidos (outros) que afetariam esse processo de interpelação. A compreensão da discursividade que foi objeto das análises aqui desenvolvidas possibilitou ver o funcionamento dos sentidos nas canções nativistas com vistas a sua explicitação. É isso que interessa ao trabalhar a linguagem: atravessar sua espessura através da lente da historicidade.

### VEM ESCORANDO: BIBLIOGRAFIA

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado(AIE). 2. ed. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- ANDRADE, Mário de. Os gaúchos. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro: [s.l.:s.n.], 1939.
- AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Linguísticos* 19: Unicamp, 1990.
- AZARA, Félix de. Geografia física Y Esferica de las provincias del Paraguay, Y las Misiones Guaranies, Monte Gedeu, 1904, p.177 in: *Rs cultura e Ideologia*. p10.
- BANGEL, Tasso. O estilo gaúcho na música brasileira. Coleção Luís Cosme, 21. Porto Alegre: Movimento, 1989.
- BENVENISTE, Emile (1958). Da subjetividade na linguagem. In: *Problemas de Linguística Geral I*. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1991, cap. 21, p. 284-293.
- BRANDÃO, Helena. H. Nagamini. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.
- CANDIDO, Antônio (1975). *Formação da Literatura Brasileira*. Momentos decisivos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CÉSAR, Guilhermino. *Historia da Literatura do Rio Grande do Sul*. 2 ed. Porto Alegre: Globo, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Notícia do Rio Grande: literatura*. CARVALHAL, Tânia Franco (org.). Porto Alegre: IEL/ Editora da UFRGS, 1994.
- \_\_\_\_\_. A vida literária no Rio Grande do Sul. In: PRADO, Áurea et alii. *Rio Grande do Sul. Terra e povo*. Porto Alegre: Globo, 1964.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *Matéria e invenção: ensaios de literatura*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1994.
- COURTINE, Jean-Jacques. (1981). *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado ao cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009.
- \_\_\_\_\_. (1983). O chapéu de Clementis: observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURKY, Freda; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. (Org). Os múltiplos territórios da análise do discurso. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 1999.
- CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sérgio. (org.). *RS: cultura e ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

DREYS, Nicolau. *Notícia descritiva da província do Rio Grande de São Pedro do Sul*. Porto Alegre: IEL, 1961.

ESTRADA, Ezequiel. *Radiografia de la pampa*. I. Buenos aires. Editorial Losada, 1946.

FAGUNDES, Antônio Augusto. *Curso de tradicionalismo gaúcho*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FREITAS, Décio. O mito da produção sem trabalho. In. DACANAL, José; GONZAGA, Sérgio (orgs.). RS: cultura e ideologia. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

\_\_\_\_\_. *O homem que inventou a ditadura no Brasil*. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2000.

GARCIA, OTHONM. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 24. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GONZAGA, Sérgio. As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da Literatura. In. DACANAL, José; GONZAGA, Sérgio (orgs.). RS: cultura e ideologia. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

\_\_\_\_\_. *Representation: cultural representations and signifying practices*. Londres: Sage/The Open University, 1997.

HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul; PÊCHEUX, Michel. La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours. *Langages*, Paris, n.24, p. 93-106, 1971.

INDURSKY, Freda. *A noção de sujeito em Análise do Discurso: do desdobramento à fragmentação*. Texto apresentado no GT de Análise do Discurso, durante o XV Encontro da ANPOLL. Niterói, 2000 – publicado no CD-Rom Síntese 2, Seção de Análise do Discurso, ANPOLL, Porto Alegre, 2002.

LOVE, José. O regionalismo gaúcho e as origens da revolução de 1930. São Paulo: Perspectiva, 1975.

MEYER, Augusto. *Cancioneiro gaúcho: seleção de poesia popular com notas e um suplemento musical*. Porto Alegre, Editora Globo, 1952.

OLIVEIRA, Silvio de; VERONA, Valdir José. *Gêneros musicais campeiros no RioGrande do Sul: ensaio dirigido ao violão*. Porto Alegre: Nativismo, 2006.

ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1996.

\_\_\_\_\_. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 5.ed. Campinas: Pontes, 1990.

\_\_\_\_\_. Segmentar ou recortar? In: GUIMARÃES, Eduardo (org.) *Linguística: Questões e Controvérsias. Série Estudos*, número 10, Uberaba, Fiube, 1984.

PAIXÃO CÔRTEZ, João Carlos. *Tradicionalismo Gauchesco – Nascer, Causas & Momentos*. Caxias do Sul: Editora Lorigraf, 2001.

PETRI, Verli. *Imaginário sobre o Gaúcho no discurso literário: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmistificação em Porteira Fechada, de Cyro Martins*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

PÊCHEUX, Michel (1983). *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

\_\_\_\_\_. (1969). *Análise Automática do Discurso*. In Gadet, F. & Hak, T. *Por uma Análise Automática do Discurso*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1993, p. 85-115

\_\_\_\_\_. (1975). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

\_\_\_\_\_. FUCHS, Catherine. *A Propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975)*. In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.) *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. de Péricles Cunha. Campinas: UNICAMP, 1997, p. 163-235.

\_\_\_\_\_. *Análise do Discurso: três épocas (1983)*. In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.) *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. de Péricles Cunha. Campinas: UNICAMP, 1997, p.311-401.

\_\_\_\_\_. *Papel da memória*. In: ACHARD, Pierre [et al.]. *Papel da memória*. Trad. de José H. Nunes. Campinas : Pontes, 1999.

SALIS GOULART, Jorge. *A Formação do Rio Grande do Sul*. 3. ed. Porto Alegre: STSLB/Martins Livreiro, Caxias do Sul: UCS, 1978.

SANT'ANA, Elma. *O Folclore da Mulher Gaúcha*. Porto Alegre: Tchê, 1984.

VOGT, Carlos; DUCROT, Oswald. *De 'magis' a 'mas': uma hipótese semântica*. In: *Linguagem, Pragmática e Ideologia*. Ed. São Paulo: Hucitec, 1980.

ZIBERMAN, Regina et al. *O Paternon literário: poesia e prosa*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1980.

***NÃO SE PERCA POR AFOITO: ANEXOS***

## ANEXO A - AUTORIZAÇÃO PARA A PESQUISA



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

### TERMO DE CONSENTIMENTO

Considerando os princípios éticos que orientam as pesquisas que envolvem seres humanos, este documento visa esclarecer o envolvimento dos cantores César Oliveira e Rogério Melo, juntamente com seu trabalho artístico-musical, no processo investigatório. Com isso, prima-se pela autonomia dos referidos cantores na decisão sobre a autorização e colaboração na pesquisa sobre seus trabalhos artísticos.

O objetivo geral da pesquisa é contribuir para o conhecimento da complexidade conceitual da *formação identitária do gaúcho*, oferecendo subsídios para a reflexão sobre a sua veiculação e conseqüentes implicações sociais.

Dentre as etapas a serem desenvolvidas na investigação, destaca-se a análise das músicas que os artistas supracitados interpretam. Ressalta-se que as canções utilizadas serão transcritas e, juntamente com os outros materiais (como o registro histórico de fatos expressos nas obras), serão analisadas sob o ponto de vista teórico.

Os pesquisados envolvidos na investigação têm a garantia de esclarecimento sobre a pesquisa em qualquer estágio do seu desenvolvimento.

*Pelotas, Maio de 2013*  
\_\_\_\_\_  
Local e data

*César Oliveira*  
\_\_\_\_\_  
César Oliveira

*Rogério Melo*  
\_\_\_\_\_  
Rogério Melo

*Guilherme Bittencourt*  
\_\_\_\_\_  
Guilherme Pereira Bittencourt  
(Mestrando/pesquisador - UCPel)

Fone: (53) 91062434 - 32338846  
e-mail: [guilherme.mestradoucpel@bol.com.br](mailto:guilherme.mestradoucpel@bol.com.br)

## ANEXO B - SÍNTESE BIOGRÁFICA DOS INTÉRPRETES

César Oliveira é nascido na fronteira com a Argentina, na cidade de Itaqui, aos 8 dias de dezembro do ano de 1969. Apesar de ter nascido nessa cidade, foi em São Gabriel, para onde se mudou aos dois anos e meio de idade, que teve contato com a música nativista e as figuras que são retratadas em suas canções. Sua infância e adolescência foram, intrinsecamente, ligadas a grupos nativistas, ao campo e aos rodeios.

Rogério de Azambuja Melo é nativo de São Gabriel. Desde criança demonstrava talento à música, respeito à arte folclórica e amor à sua cidade natal. Foi ainda em sua cidade natal que, aos 10 anos, começou a tocar violão e ingressou na invernada do CTG Caiboaté. Desde sua tenra idade, Rogério tem um grande apego às raízes sulinas.

Apesar de serem amigos de infância, foi somente em novembro de 2002, que César Oliveira e Rogério Melo, os quais, desde cedo, já tinham trabalhos individuais em música nativista, finalmente firmam a dupla. O primeiro CD da dupla é intitulado *Das Coisas Simples da Gente* e nele estoura a música, *Pra Bailar de Cola Atada*, que trouxe aos palcos a alegria e riqueza do cancionero campeiro do Rio Grande do Sul.

Desde então, já lançaram 6 CDs e 2 DVDs, cujas canções são consideradas expressão do nativismo sulino. Tais cantores foram premiados em diversos festivais pela sua qualidade em “estampar” sua terra. Dentre os principais festivais em que obtiveram premiações estão: a Califórnia da Canção Nativa do RS – Uruguaiana-RS, Estância da Canção Nativa – São Gabriel-RS, Martín Fierro – Santana do Livramento-RS, Reponte da Canção Nativa – São Lourenço do Sul-RS, Sapecada da Canção Nativa – Lages-SC, Grito do Nativismo – Jaguari-RS, Reculuta da Canção Crioula – Guaíba-RS, Tafona da Canção Nativa – Osório-RS, Vigília do Canto Gaúcho – Cachoeira do Sul-RS, Ponche Verde da Canção Gaúcha – Dom Pedrito-RS.

Assim, nota-se que Rogério Melo e César Oliveira são agraciados por exaltarem os valores formadores dos homens/mulheres do sul, os quais são apresentados, em algumas de suas canções, como advindos de lutas e adversidades. No entanto, apesar da rudeza frente às intempéries da vida, tal povo é visto como nobre, leal e amigo.

**ANEXO C - LISTAGEM DOS TÍTULOS DAS CANÇÕES ANALISADAS**

- 01 – PALETEADA
- 02 – APAYSANADO
- 03 – DE VIDA E TEMPO
- 04 – CRESCENTE MACHARRONA
- 05 – DAS VOLTEDAS DE UMA ESTÂNCIA
- 06 – OS “LOCO” LÁ DA FRONTEIRA
- 07 – MILONGA MARAGATA
- 08 – CAMPO E FÉ/LÁ NA FRONTEIRA
- 09 – PREGO NA BOTA
- 10 – RETRATO DE PAMPA E INVERNADA
- 11 – SOB AS MANGAS DO AGUACEIRO
- 12 – NO RUMO DE UM CORAÇÃO
- 13 – ROÇANDO AS “VIRIA”
- 14 – ZAMBA “DE MI ESPERANZA”
- 15 – BASTOS, POTROS E GUITARRAS
- 16 – ROMANCE DO MASCARADO
- 17 – MACHAÇO CONFRONTO
- 18 – DA ALMA DE DOM EMILIO
- 19 – CABANHA TORO PASSO
- 20 – PRA BAILAR DE COLA ATADA
- 21 – VIDA DE PEÃO

## ANEXO D - CANÇÕES ANALISADAS

### 1 - PALETEADA

Composição: Rogério Villagran

Vem se escorando no freio  
 Se enforcando na peiteira  
 E quase que se debruça  
 No grito de upa e se foi,  
 Meu gateado "frente aberta"  
 "brazino" das quatro patas  
 De vereda se desata  
 E se acolhera com o boi

Num mouro marca de "h"  
 O "Junico" me faz costado  
 E o osco canela fina  
 Se para cheio de assombro,  
 Meu gateado vem por cima  
 E o mouro não frouxa o tento  
 E o osco espragueja o vento  
 Quando lhe cuspo no lombo

(Refrão)

Grito a grito, peito a peito;  
 "repontemo" até o rodeio  
 Este matreiro teimoso  
 Que refugou na picada  
 De a cavalo não refugo  
 Embora o tempo desabe  
 E o mais matreiro já sabe  
 Que me gusta paleteada

Paleteada é lida bruta  
 Nascida nas "escramuças"  
 Quando se apartavam tropas  
 Em "machaços" atropelos  
 A encontro e bico de bota  
 Tirava o boi do refugo  
 Que reboleava o sabugo  
 Na direção do sinuelo.

(Refrão)

### 2 - APAYSANADO

Composição: Anomar Danubio Vieira e Marcello Caminha

Floreio o bico da gansa  
Nesta gateada lobuna  
A melhor da minhas alunas  
Na doma tradicional  
Por favor não levem a mal  
Este meu jeito fronteiro  
Filho de pai brasileiro  
Hijo de madre oriental

Não carrego pretensão  
Mas não sou de me achicá  
De certo trouxe de allá  
O gosto pela guitarra  
Quando a saudade se agarra  
Num bordoneio entonado  
É o meu povo enforquilhado  
Num bagual mandando garra

Sou assim apaysanado  
Domador e guitarreiro  
Diariamente peão campeiro  
Nas voltas campeio festa  
Tapeio o chapéu na testa  
Pra ver melhor as imagens  
Talento fibra e coragem  
Não se compra nem se empresta

Quem é do garrão da pátria  
Alma sangue e procedência  
O amor pela querência  
Traz retratado na estampa  
Retovos de casco e guampa  
No repertório da lida  
Pra que o sentido da vida  
Finque raízes nesta pampa

No cabo de uma solinge  
Sou mais ligeiro que um gato  
No aporreado um carrapato  
Largando só no garrote  
E macho pra me dar bote  
Não se perca por afoito  
Junte mais uns sete, oito  
E me atropelem de lote

Numa milonga crioula  
Numa chamarra gaúcha  
Pego-lhe um grito de a la pucha  
E me acomodo no embalo  
Mateio ao canto do galo  
Gosto do assunto bem claro  
Se de a pé já não disparo

Quanto mais bem a cavalo

### 3 - DE VIDA E TEMPO

Composição: Rogério Villagran e Edilberto Bérghamo

Quando tapeio o meu sombreiro sobre a nuca  
O coração me cutuca, bate forte igual cincerro  
Sinto que o sangue pulsa mais forte nas veias  
Parece que me arroteia o assombro de Martin Fierro

Me criei solto, correndo pelo banhado  
Gritando forte com o gado, nos dias de lida bruta  
No Batoví, extraviei sonhos e mágoas  
Que se olvidaram com as águas, das cheias do reculuta

(Cortei caminhos em culatras e fiadores  
Erguendo penas e amores, num grito largo de venha  
Rondei recuerdos em noites de calmarias  
Aclimatando invernias na minha pampa surenha)

Trago nos tentos poncho emalado e saudade  
De um tempo que foi verdade e a cada aurora rebrota  
A vida passa e a mala suerte se adoça  
Depois que a espora faz moosa no contra forte da bota

Nasci num rancho, quinchado de Santa Fé  
Sou de junco e aguapé, caraguatá e japecanga  
Sou do Rio Grande, meu pago retrata a estampa  
De touro que afia a guampa nos "cacuruto" da sanga  
*Diz o ditado que um fronteiro não se entrega  
e a raça buena não nega quando vem de pai pra filho  
trago na alma o corpo de um peão de estância  
e uma tropilha de ânsia s que tempo adentro encilho*

### 4 - CRESCENTE MACHARRONA

Composição: Rogério Villagran e Ênio Medeiros

A enchente chega tapando todo o banhado  
E o "Santa-Fé" pega o nado  
Quando vem clareando o dia

A vaca berra no pelado do rodeio  
Reclamando o tempo feio  
Comendo a palha da cria

O vento sopra num galope desbocado  
Se batendo no alambrado  
A água costeia o cerro

Faz redemoinhos quando pecha no meu mouro  
 Murmura berros de touro  
 Lavando o lombo do aterro  
 E eu de novo vou "botá" o braço na enchente  
 Porque a crescente essa vez foi macharrona  
 O rio tranqueia se escorando nas barranca  
 Babando uma espuma branca  
 Igual potra redomona  
 Com fé nas "linha", volto de novo ao pesqueiro  
 E o pintado pescocero  
 Se reborqueia no anzol

E o aguaceiro vai rolando, vai rolando  
 E o aguapé sarandeando  
 Se perde nos caracol

A esperança rebrota junto ao gramal  
 Pois renasce o banhadal  
 Depois que a enchente se vai

O rio matreiro matrereia num bailado  
 E o posteiro do outro lado  
 Vara o rio num sapucaí.

## 5 - DAS VOLTEADAS DE UMA ESTÂNCIA

Composição: Rogério Villagran e César Oliveira

Ainda nem rompeu a aurora  
 Nos confins do firmamento  
 E já se vê o movimento  
 Da indiada arrastando espora  
 Então parece que as horas  
 Passam mais despercebidas  
 E as ansiedades da vida  
 Pedem boca de algum jeito  
 Quando um piazito abre o peito  
 Na volta da recolhida  
 É onde se agarra um quebra  
 Que tenha sangue nos olhos  
 Pois um covarde se achica  
 Quando um malo se embodoca

Aos gritos de vir à frente  
 A cavalhada entra em forma  
 E o índio que sabe as normas  
 Não refuga o que lhe toca  
 Um par de roseta grande  
 Um sombreiro requintado

Um tirador de vaqueta  
E uma gana por semblante

Morrer, mas morrer peleando  
Jamais frouxar o garrão  
Com a pampa no coração  
E as inquietudes por diante  
Nas recorridas de campo  
Até mesmo num aparte  
Balanceando nos fiadores  
Ou amadrinhando um potro

Porque o flete é um companheiro  
Parceiro dia após dia, sempre  
Sempre que o galo anuncia  
Que veio no rastro do outro

Assim desponta no passo  
A novilhada dos fundo  
Pedindo boca pro mundo  
O ponteiro ganha espaço  
Se agranda num "cavallaço"  
No rodeio bate guampa  
Na culatra outra estampa  
Estrala um relho de braça  
E a cuscada se adelgaça  
Quando atropela nas pampa

As volteadas de uma estância  
Castigam a alma de um guapo  
Pois lombo cavalo  
Não é bem o que se acha

Mas um taura que se anima  
Terceia por estas léguas  
Virando a boca da égua  
Num grito de vai ou racha

## 6 - OS "LOCO" LÁ DA FRONTEIRA

Composição: Anomar Danúbio Vieira / Rogério Melo

Não "afrouxemo" nem nos "lançante"  
Pois "semo" loco de dá com um pau  
"Cruzemo" a nado se o rio não dá vau  
Neste mundo "véio" flor de cabuloso  
E o "mala bruja" quando esconde o toso  
Nós "esporiemo" bem no sangrador  
Em rancho de china, se "campiemo" amor  
"Entremo" sem sono e "garantimo" o poso

"Semo" medonho no cabo da dança  
 "Gostemo" mesmo é de bochincho grosso  
 Que é pra sair tramando o pescoço  
 Ao trote largo nalguma rancheira  
 E bem "campante", levantando poeira  
 Coisa gaúcha, vício de campanha  
 "Limpemo" a goela num trago de canha  
 Pois "semo" loco lá da fronteira

Refrão:

"Semo" bem loco...Loco de Bueno  
 Mas "temo" veneno na folha da faca  
 Quando o sangue ferve, "viremo" a cabeça  
 Por Deus, paysano...! Ninguém ataca

Nós "semo" loco lá da fronteira  
 De raça tranquila, mas de pouca cincha!  
 E de vereda quando o lombo incha  
 Saíam de perto, que a xuceza é tanta  
 Cremo em "percanta" que seja "percanta"  
 "Apartemo" os "maula" pra outra internada  
 E a nossa bebida mais sofisticada  
 É canha gelada, num "samba com fanta"

Nós "semo" loco, mas não "semo" bobo  
 "Semo" parceiro de quem é parceiro  
 Nas horas brabas e no entrevero  
 Nunca "deixamo" um amigo solito  
 Pode ser feio... pode ser bonito  
 Mas é nosso jeito de levar a vida  
 Por ser de campo e por gostar da lida  
 É que volta e meia nós "preguemo" o grito.

## 7 - MILONGA MARAGATA

Composição: Francisco Luzardo / Tiago Cesarino

*Sou herança de Maragato  
 A velha raça caudilha!  
 Tenho sangue farroupilha  
 Galopando em minhas veias  
 Nos arrancos de trinta e cinco  
 Andei trilhando coxilhas  
 Enredado nas flexilhas  
 Tramando aço em peleias*

Chiripá de saco branco  
 Lenço atado e meia espalda  
 E uma vincha que se esbalda  
 Na melena esgadelhada  
 Na cintura, a carniceira,  
 Companheira de degola!

E um "quarenta" de argola  
Pra garantir a querada.

Carcaça de puro cerne  
Forjada em têmpera guapa  
Com a rude estampa farrapa  
Plantei tenência de mau  
E a descendência da raça  
Semeei no eco do berro  
Brincando de tercear ferro  
Com Chimango e Pica-pau.

Relampeia ferro branco  
Também troveja a garrucha  
Nesta milonga gaúcha  
Que, por taura não se enleia,  
Peleia dando risada!  
Porque o macho se conhece  
É atrás do "S" da adaga

Debaixo do tempo feio  
Só a coragem sustenta!  
Pode faltar ferramenta  
Mas sobra a fibra guerreira  
Pois quem herda a procedência  
Do nobre sangue farrapo  
Só morre queimando trapo  
Peleando pelas ladeiras

Com o instinto libertário  
E o tino de um fronteiro  
Eu era um clarim guerreiro  
Pondo em forma o Rio Grande  
Pois a grito e pelegaço  
Fiz a pátria que pertence  
Cabrestear para um lenço  
Maragateado de sangue

#### 8.A - CAMPO E FÉ

Composição: Anomar Danúbio Vieira

É coisa braba quando um "murco" se embodoca,  
mete as patas na "cangaia" e esconde a cara abrindo toca.  
Parece que o chão se muda vai pra "riba" do chapéu  
E agente tem a impressão de andar pisando no céu.

Me vou na boca de um "maula"  
Campeio e não acho a doma.  
Um tigre fugiu da jaula  
E se foi batendo carona.

Resta então, um reio brabo  
 O dente afiado da espora  
 Uma mancha de campo limpo  
 E a fé em nossa senhora.  
 É coisa braba quando um touro se renega  
 Vira a cabeça pra grotá  
 E sai esmagando macega

Troveja o céu do Rio Grande  
 Treme o chão "num" atropelo  
 E a pátria pampa ferve no sangue  
 Quando arrepia o cabelo

É ai que um doze braças  
 se desata sem receio  
 E que se conhece a raça  
 De um vivente dos "arreios"

Cruza o rasto e empurra o tento  
 No templo do campo a fora  
 Peço a benção pra esta armada  
 Pra Deus e Nossa Senhora  
 Nossa senhora  
 Nossa santa aparecida  
 Proteja o pago gaúcho  
 Nestes "corcovos" da vida

Eu te carrego  
 Na copa deste sombreiro  
 Pois nada é mais poderoso  
 Que a fé de um índio campeiro.

## 8.B - LÁ NA FRONTEIRA

Composição: Anomar Danúbio Vieira e Marcello Caminha

Lá donde o campo enfrena o dia abrindo o peito  
 No velho jeito de tirar zebu da grotá  
 Se ata espora pra um torão de fundamento  
 Passando um tento, embaixo do taco da bota.  
 Lá donde o touro mais veiacó tem costeio  
 E um par de arreo é ferramenta de valor  
 A vaca xucra esconde a cria na macega  
 E cavhada não nega, que por lá hay domador

Lá donde as penas se transformam em melodias  
 Na campeira sinfonia de coscorra e nazarenas  
 Almas antigas rondam galpões nas estâncias  
 Pois são grandes as distâncias e as saudades tão pequenas

Lá donde ainda ecoa forte um venha, venha  
 Chamando a tropa, no reponte das auroras  
 A bagualada segue atrás da égua madrinha  
 Na velha estrada da linha, serpenteando tempo afora

Lá na fronteira, os tarrãs por contingência  
 Contrabandeiam querência, ora pra um lado ora pra outro  
 Se ganha a vida a casco e braço nos varzedos  
 Se aprende cedo a ensiná a lida pra um potro  
 Lá na fronteira, na amplidão das invernada  
 Se termina a campereada, quando o sol apaga as brasas  
 Então se volta, a trotezito, assoviando  
 Pra matear junto da china no jardim defronte as casa.

## 9 - PREGO NA BOTA

Composição: Anomar Danúbio Vieira

Faz dias que esta saudade  
 Me cutuca e me incomoda  
 Pior que prego na bota  
 Quando empeça a castigar  
 Que troço mais sem sentido  
 É um amor mal resolvido  
 Só um retrato envelhecido  
 Ficou pra me consolar  
 Já mandei muito recado  
 E até aviso pela rádio  
 E um bilhete emocionado  
 Na Kombi que faz a linha  
 E a cretina não responde  
 Nem pra me mandar bem longe  
 Parece até que se esconde  
 Covarde, mau e mesquinha

Ai, ai, ai, ai... Saudade!  
 Ai...Prego na bota  
 Onde é que já se viu  
 Um taura cento por cento  
 "Se entregá" pra um sentimento  
 Chorando por quem não volta  
 É que um romance aporreado  
 Aniquila e prejudica  
 E "ademais" ninguém explica  
 A angústia de um pobre peão  
 Que sofre de alma estropiada  
 Por uma china malvada  
 Que foi sem dizer nada  
 Levando meu coração  
 Pelo menos dá um sinal  
 Nem que seja de fumaça

Que aquilo não tem mais graça  
 E tu não "tá" arrependida  
 Me poupa desse desgaste  
 Devolve todos os meus trastes  
 E o coração que roubaste  
 Que eu corro risco de vida.

## 10 - RETRATO DE PAMPA E INVERNADA

Composição: Anomar Danúbio Viera, Rogério Melo e Luciano Maia

Destapo a imagem do pago  
 Sempre que estendo uma tropa  
 Num corredor aramado  
 Destes que cortam rincões  
 A casco, marco as razões...  
 Que povoam o campo aberto  
 Quando aparto o que é certo  
 Das mentirosas visões.  
 Na riqueza do meu mundo  
 De espora, poncho e arreio  
 Sei o que um pingo de freio  
 Pode ou não pode fazer  
 Do amor de um bem querer  
 Faço municio pra vida  
 Num mate depois da lida  
 Nas cismas do entardecer  
 Da invernada do lagoão  
 Até o potreiro "das casa"  
 Pouco mais de meia quadra  
 De várzea, trevo e coxilha  
 Grama buena, de forquilha  
 Nativa das sesmarias  
 E um ventito que arrepia  
 O pêlo da minha tordilha  
 Dos laços que vertem braços  
 E abraçam as aspas e mãos  
 A firmeza no garrão  
 E a certeza no serviço  
 E talvez seja por isso  
 Que a pampa ande estampada  
 Num retrato de invernada  
 Na rudez do meu ofício  
 Num fundão de fim de mundo  
 Bordado a cova de touro  
 O trabalho enruga o couro  
 Na volta braba do dia  
 O berro da gadaria  
 Reponta um resto de inverno  
 No terrunho amor materno  
 Da vaca lambendo a cria.

## 11 - SOB AS MANGAS DO AGUACEIRO

Composição: André Oliveira e Rogério Melo

A manga calma se transforma em aguaceiro,  
 O chuveiro desentoca um "campomar"  
 Que se tolda em cima dum baio-oveiro,  
 Com meu sombreiro que "tombeia" ao desaguar.  
 Fechou seis dias que eu lido no alagado  
 E o banhado já virou um "tremedal".  
 Onde é várzea, se tornou tudo encharcado,  
 campo dobrado, vertente de lamaçal.

Até a baeta do meu poncho está molhada,  
 Garra ensopada de varar passo e sanga.  
 O galpão virou um varal de arreios.  
 Oreando aperos enxaguados pela manga.  
 O gado berra nostalgando tempo feio,  
 E a parelha do arreio calejou-se das basteiras.  
 Lombo molhado pra pisar foi bem ligeiro.  
 Ainda a força do potreiro ta de baixo da aguaceira.

Uma estiada negaceia por matreira,  
 Com cisma de caborteira vem escondendo a cara,  
 Do meu galpão sorvo as horas tramando tentos,  
 Desquinando pensamentos, remendendo alguma garra.

Então me olvido empreitando esta faina, pois a força divina jamais falha e nunca erra.  
 Talvez a chuva seja o adubo já gasto, que veio "firmá" o pasto e "larga" uma graxa na terra.

## 12 - NO RUMO DE UM CORAÇÃO

Composição: César Oliveira e Eduardo Soares

Patrão,  
 Me empreste um pingo dos buenos  
 Que tenha trote sereno pra visitar meu amor  
 Que vou numa marcha estrada a fora  
 Pra chegar antes da hora que desabrocha uma flor

Talvez, talvez  
 No rancho que fiz pra ela  
 Encontre junto à janela  
 A minha prenda de fé  
 Sorrindo, sorrindo  
 Num olhar de primavera  
 Ao terminar sua espera  
 Escutando um chamamé

Talvez, escutando um chamamé

Mas volto  
 Pra estância no outro dia  
 A entoar melodias ao longo do corredor  
 Bombeando o brilho dos olhos dela  
 Ao acenar da janela do nosso rancho de amor

O pingo, o pingo  
 Um mouro gordo e delgado  
 Pêlo fino e bem tosado  
 Pra os caprichos da paixão  
 Pressente, presente  
 E se queda junto as "casa"  
 Pra repisar a mesma estrada  
 No rumo de um coração

O pingo, no rumo de um coração.

### 13 - ROÇANDO AS "VIRIA"

Composição: Rogério Villagran e César Oliveira

Vi que a escaramuça era um bate-coxa  
 Da indiada frouxa num tranco de vaca  
 Entrei de espora e chapéu requintado  
 E um mango colgado no cabo da faca  
 Caí na dança com a Tita Beiçuda  
 "Índia graúda" duns "trezento quilo"  
 E a Doralícia que pedia apoio  
 Se tapou de nojo quando viu aquilo.  
 Quase me "prancho" na volta da sala  
 Pisei no pala e me enredei na faixa  
 Senti que a Tita naquele embaraço  
 Me arrancou um pedaço do cós da bombacha.  
 Mas na rancheira  
 Quando eu desembesto  
 Eu deixo o resto que se leve "à breca"  
 Naquele embalo "troquemo" de ponta  
 E quando me dei de conta  
 "Tava" só de cueca.  
 À oito soco gemia e roncava  
 Se chamarreava na rancheira potra  
 Saltava fogo e um clarão se abria  
 Quando eu tinha uma espora na outra  
 Mas de repente "tropiquei" de fato  
 Assim relato o fato "assucedido"  
 Foi sem querer, mas ninguém acredita  
 Me firmei na Tita e rasguei-lhe o vestido  
 Num golpe seco dei-lhe um rasgão farto  
 Bem sobre os quarto numa volta feia

E ali por causa daquele acidente  
 Já tinha gente querendo peleia  
 Mas na rancheira  
 Tudo se acomoda  
 Pelado é moda e o resto é bobage  
 "Varemo" a noite roçando as "viria"  
 E até parecia "causo do Bocage"

#### 14 - ZAMBA DE MI ESPERANZA

Composição: Luis Morales

Zamba de mi esperanza  
 Amanecida como un querer,  
 Sueño, sueño del alma  
 Que a veces muere sin florecer.  
 Zamba, a ti te canto  
 Porque tu canto derrama amor,  
 Caricia de tu pañuelo  
 Que va envolviendo mi corazon  
 Estribillo  
 Estrella, tu que miraste,  
 Tu que escuchaste mi parecer,  
 Estrella, deja que cante,  
 Deja que quiera como yo se,  
 Estrella, deja que cante,  
 Deja que quiera como yo se,  
 El tiempo que va pasando  
 Como la vida no vuelve mas  
 El tiempo me va matando  
 Y tu cariño sera, sera.  
 Hundido en horizontes  
 Soy polvadera que al viento va  
 Zamba, ya no me dejes,  
 Yo sin tu canto no vivo mas.  
 Estribillo

Zamba de mi esperanza  
 Amanecida como un querer,  
 Sueño, sueño del alma  
 Que a veces muere sin florecer.

Zamba, a ti te canto  
 Porque tu canto derrama amor,  
 Caricia de tu pañuelo  
 Que va envolviendo mi corazon

Estribillo

Estrella, tu que miraste,  
 Tu que escuchaste mi padecer,  
 Estrella, deja que cante,

Deja que quiera como yo se,  
 Estrella, deja que cante,  
 Deja que quiera como yo se,

El tiempo que va pasando  
 Como la vida no vuelve mas  
 El tiempo me va matando  
 Y tu cariño sera, sera.

Hundido en horizontes  
 Soy polvadera que al viento va  
 Zamba, ya no me dejes,  
 Yo sin tu canto no vivo mas.

## 15 - BASTOS, POTROS E GUITARRAS

Composição: Rogério Villagran e César Oliveira

Bastos, potros e guitarras  
 Guitarras, potros e bastos  
 Cantigas cheirando a pasto  
 Milongas, polcas, chamarras

Um maua berrando forte  
 Um "recal" ringindo os tentos  
 "Contra-punteando" com os ventos  
 Que se levantam do norte

Se eu pudesse cantar versos  
 Como sou esporeador  
 Conquistava a china Rita  
 Cantando versos de amor

D'um potro faço a guitarra  
 Da guitarra faço um potro  
 E antes que a noite me alcance  
 Largo um e encilho o outro

Quem me dera ter na alma  
 O corpo de um "Martim Fierro"  
 E as batidas de um cincerro  
 Me atormentando a calma

Quem me dera ter nos dedos  
 O que sobra nas esporas  
 Pra guitarrear nas auroras  
 E revelar mil segredos

Porém me sobra o que tenho  
 Pois tenho pouco floreiio  
 Meu canto é a mescla das ânsias  
 Dos que vivem dos arreios

Sovéus maneias e "riendas"  
 Fazem parte dessa farra  
 Porque a vida entreverou  
 Bastos, potros e guitarras.

## 16 - ROMANCE DO MASCARADO

Composição: Rogério Villagran

*Era tordilho o mala buja que lhes falo,  
 Bulido não sei de quem e por uns quantos refugado  
 Maneco Rosa se chama o negro dos bastos  
 Que vem escorando o golpe desse tal de Mascarado*

*Peleia braba, corpo a corpo, mano a mano  
 Quem pode mais chora menos e a sorte pede bolada  
 Quando o destino de um sotreta e um domador  
 Fica enredado nos pastos da boca de uma picada.*

Foi bem no passo que dá pra o campo dos fundos  
 Que o tordilho mascarado quis da um tombo no Maneco  
 Quase que bolca quando se arrastou com força  
 Pois se assustou do cullejo que fez barulho nos flecos

Igual a um gato laçado pelo pescoço  
 Se arrastou buscando a volta  
 Se escorando nas ponteadas  
 Não fosse o negro leva a mão na aba do basto  
 Tinha plantado a figueira bem na boca da picada  
 Foi bem no passo que dá pra o campo dos fundos...

Me disse o Lasca que o tordilho era “veiaco”  
 E que esses tempos tinha dado um garreio num moço branco  
 Inté o Talquino que no susto aguenta uns pulo  
 Num golpe do mascarado quase que fica no campo

A lida é bruta e a volta se para feia  
 Quando o mundo se desmancha num corcóvio chamarreado  
 O tempo passa, mas o Maneco não frouxa  
 Porque o bocal que ele arrocha se queda sempre apertado

A mesma tava bota culo e também sorte  
 Dizia o velho Caetano que era um índio macharrão  
 Foi quando o negro atirou o corpo pra trás  
 Pra mostrar que um par de espora não é enfeite nos garrão

Vinha o tordilho escabelando macega  
 Dando coice nos cachorro manoteando as maçaneta  
 Se vinha o pardo mais firme de quem um palanque  
 Dava um grito e um rebenção e ajojava com as roseta

## 17 - MACHAÇO CONFRONTO

Composição: Rogério Villagran/ César Oliveira

A chuva calma acolhera uma semana  
 Inté a charqueada ainda falta um eito de chão  
 Sinto saudade dos carinhos da paysana  
 China adorada pra quem dei meu coração  
 O gado arisco marcha firme ao despacito  
 Maneco Rosa abre o peito e chama a tropa  
 Negro buenacho conhece as manhas de um grito  
 Que sarandeia quando a goela se alvorota  
 E o meu gateado mui delgado pede boca  
 E o meu sombreiro sobre o poncho se faz quinchã  
 Quando a garoa que era mansa fica louca  
 E a cavalhada ponteando a tropa relincha.  
 Tem um parceiro que não sai do meu costado  
 E quando atijo vai na ponta e vem de volta  
 Um cusco baio por Amigo batizado  
 Um companheiro que do estribo não se solta  
 Dom Amarante entonado sobre as garras  
 Desdobra o mundo neste machaço confronto  
 Escora o tombo das mágoas campeando farras  
 E um cinco salsos leva o resto nos encontros  
 Tropeando anseios se templo frente al destino  
 Pois é por quebra que um fronteiro se retrata  
 Ouvindo o berro da tropa de pêlo fino  
 Enforquilhado pechando boi na culatra  
 E eu por taura tenho inté a alma estropiada  
 Mas não há nada que faça eu trocar de rumo  
 A mala suerte me castigou nas volteadas  
 Mas algum dia Deus me ajuda e eu me aprumo  
 Levanto a china na anca do meu gateado  
 De pau-a-pique e santa fé ergo um ranchinho  
 Largo meu pingo lá pro fundão do banhado  
 E passo o resto da vida a tropear carinhos

## 18 - DA ALMA DE DOM EMÍLIO

Composição: Rogerio Villagran e César Oliveira

*Foi bem assim desde cedo  
 E a filosofia é essa  
 Que bem mais taura é quem empeça  
 O dia com pé esquerdo  
 E entre manhas e segredos  
 O meu instinto vagueia  
 Minha alma troca "oreia"*

*Meu coração escramuça  
Até parece que pulsa  
Sangue crioulo em minhas veias*

Vem das bibocas da história  
A causa que me aprofundo  
Quando o mundo se fez mundo  
Na ânsia demarcatória  
Que perpetuou na memória  
Deste meu povo caudilho  
Coisas que de pai pra filho  
Botam na forma o consolo  
De que o rasto de um crioulo  
É da alma de Dom Emílio

Assim no templo das patas  
Bagualas pátrias nasceram  
E macharronas cresceram  
Sendo aos crioulos "muy" gratas  
Este é um nó que não desata  
Por que em cada um se arrancha  
A força que pede cancha  
Unindo no mesmo açoite  
Sul e norte, dia e noite  
Lua e sol, "Gato e Mancha"

E agora frente ao futuro  
Sinto a mesma ansiedade  
E não escondo a vaidade  
Quando encilho um pelo duro  
Num aparte não me apuro  
Porque ele sabe o volteio  
Pois se o boi me faz floreio  
Um "buen criollo" dá o troco  
Se arranca e por muito pouco  
Não me tira dos arreios

Crioulo pingo campeiro  
Que enche os olhos da gente  
Na paleteada é um valente  
Sendo sereno e certo  
Do ginete é um companheiro  
Um do outro testemunho  
Agarrados punho a punho  
São Payador e Guitarra  
Um ajoja o outro esbarra  
E sobre patas um só redemoinho

Foram zainos e rosilhos  
Viram picaços e mouros  
Em busca do mesmo ouro  
Reluzindo o mesmo brilho  
Marcando bem mais o trilho

Onde beleza é a função  
 Nos mostram que a evolução  
 É a força que nos garante  
 Que o crioulo siga a diante  
 Sem perder a tradição

## 19 - CABANHA TORO PASSO

Composição: Mauro Moraes

Lindero ao passo velho do Toro Passo  
 Desde os tempos da linha férrea  
 Passando o bolicho do Gaiola,  
 A vida lá fora  
 Vista do "Arroio do Fundo", me cala fundo,  
 Quando apeio ali, na Cabanha Toro Passo  
 Quando uma milonga fronteira, floreia grongueira, charlando distância de campo e de flor,  
 por onde for...  
 Um tempo novo abre os trabalhos, metendo cavalo, com o pinho nos braços fazendo um  
 fiador, pra alguma dor!  
 Quando uma milonga marcada, cutuca por nada mandando a palavra, "botá" no serviço,  
 a inspiração...  
 A vista do lombo do arreio, chuleia os "terneiro", a eguada, os "carneiro", e a cuscada  
 ovelheira, no corredor!  
 Quando uma milonga buenaça, ponteia lindaça, fazendo fumaça pra um chibo estendido,  
 n'alguma cruz...  
 A gente faz tudo que gosta, mas só quem se topa, termina na volta; deitado nas cordas,  
 ouvindo um violão!  
 Então tá!!!  
 Que tal deixá um mate, tocando pro gasto.  
 Com a alma lavada, cheirando a pasto,  
 Batendo na marca dum milongão...

Então tá!!!  
 Que tal quebra o cacho da cola dos planos,  
 Largar a galope e a todo pano,  
 Matar a saudade de rir e chorar...  
 Milonga!!!Milonga!!!

## 20 - PRA BAILAR DE COLA ATADA

Composição: Anomar Danúbio Viera e Juliano Gomes

De vereda me acomodo  
 Se dum baile sinto o cheiro  
 Sacudo o pó da mangueira  
 Lá no açude do potreiro  
 Encharco de "Amor Gaúcho"  
 A estampa de um peão campeiro

Porque sei que na minha terra  
Dá pra confiar nos gaitero

Pra bailar de cola atada  
Campeio a volta do mouro  
E um par de esporas prateadas  
Saiu beliscando o couro

Levo na alma a esperança  
De hoje enfrena um namoro  
E um trezoião das confiança  
Pra causo algum desaforo  
E um trezoião das confiança  
Pra causo algum desaforo

Vou tirar a china mais linda  
Pra bailar de cola atada  
E se não souber dançar  
Ensino e não cobro nada  
Depois que meto o cavalo  
Seja lá o que Deus quiser  
Pois sou do tempo em que os homem  
Ainda gostavam de mulher (2x)

A cordeona dá um gemido  
A polvoadeira levanta  
E eu já de pala encardido  
Arrasto o pé na bailanta  
Vou cochichando no ouvido  
Meus segredos pra percanta  
E bem campante convidado  
Pra tomar um samba com fanta  
Se debrucemo na copa  
E ali troquemo uns carinho  
Com juras de amor eterno  
Ninguém quer morrer sozinho  
Não me tenteia morena  
Porque tu és flor cheia de espinho  
E eu tô louco de vontade  
De te arrastar pro meu ninho

Vou tirar a china mais linda  
Pra bailar de cola atada  
E se não souber dançar  
Ensino e não cobro nada  
Depois que meto o cavalo  
Seja lá o que deus quiser  
Pois sou do tempo em que os homens  
Ainda gostavam de mulher (2x)

## 21 - VIDA DE PEÃO

Composição: Rogerio Villagran / Ênio Medeiros

Com minha mala no ombro chapéu de aba tapeada  
Um pañuelo colorado e o pala da cor da geada  
Quando o sol mostra o focinho entre os ramos da canhada  
Eu já tô com as trouxa pronta esperando na parada

A embarcação barulhenta se arrasta batendo lata  
Levo lembranças amigas recuerdo, saludo e plata  
Esta noite eu perco a doma e arrasto as alpargatas  
Lá no rancho do Abrilino nos braços de uma mulata

De vez em quando, quando posso  
Dou uma voltita no povo  
Tiro uns três ou quatro dias  
De retoço com as guria  
E volto pra estância de novo

Eu já paguei conta atrasada  
Sempre fui bom pagador  
E na rua do chapéu  
Posei enredado de amor  
Comprei um par de bota nova  
E um pala bueno de fato  
E domingo eu vou gastar uns trago  
Com as moça do maragato

Segunda-feira bem cedo me acordo lôco de pena  
De não ter guardados um quilo dos carinhos da morena  
Volto à estância novamente, pois esta vida é um confronto  
Rebentando aspa de bois trompando égua dos encontro.

## ANEXO E - LISTAGEM DE SDR

Sdr1: *Não carrego pretensão, mas não sou de me achicá . (Apaysanado)*

Sdr2: *No cabo de uma solinge, sou mais ligeiro que um gato... E macho pra me dar bote não se perca por afoito, junte mais uns sete, oito e me atropelem de lote. (Apaysanado)*

Sdr3: *Quando o sangue ferve, viremo a cabeça, por Deus paysano! Ninguém ataca. (Os "Loco" lá da Fronteira)*

Sdr4: *Cruzemo a nado se o rio não dá vau, neste mundo véio flor de cabuloso. E o mala bruja quando esconde o toso, nós esporiemo bem no sangrador. (Os "Loco" lá da Fronteira)*

Sdr5: *Talento, fibra e coragem, não se compra nem se empresta. Quem é do garrão da pátria, alma, sangue e procedência, o amor pela querência traz retratado na estampa. (Apaysanado)*

Sdr6: *Me criei solto, correndo pelo banhado, gritando forte com o gado, nos dias de lida bruta. (De vida e tempo)*

Sdr7: *Quando o mundo se fez mundo na ânsia demarcatória, que perpetuou na memória deste meu povo caudilho, coisas que de pai pra filho botam na forma o consolo... (Da alma de Dom Emílio)*

Sdr8: *Trago nos tentos poncho emalado e saudade de um tempo que foi verdade e a cada aurora rebrota. (De vida e tempo)*

Sdr9: *De certo trouxe de allá o gosto pela guitarra. (Apaysanado)*

Sdr10: *Floreio o bico da gansa nesta gateada lobuna, a melhor da minhas alunas na doma tradicional. Por favor, não levem a mal este meu jeito fronteiro, filho de pai brasileiro, hijo de madre oriental. (Apaysanado)*

Sdr11: *Lá na fronteira, os tarrãs por contingência contrabandeiaram querência, ora pra um lado ora pra outro. (Lá na fronteira)*

Sdr12: *De vereda me acomodo, se dum baile sinto o cheiro... Porque sei que na minha terra dá pra confiar nos gaiteiro. (Pra bailar de cola atada)*

Sdr13: *“Semo” medonho no cabo da dança, “gostemo” mesmo é de bochincho grosso que é pra sair tramando o pescoço ao trote largo nalguma rancheira. E bem “campante”, levantando poeira, coisa gaúcha, vício de campanha. (Os “loco” lá da fronteira)*

Sdr14: *Bastos, potros e guitarras, guitarras, potros e bastos. Cantigas cheirando a pasto: milongas, polcas, chamarras. Quem me dera ter nos dedos o que sobra nas esporas, pra guitarrear nas auroras e revelar mil segredos. (Bastos, potros e guitarras)*

Sdr15: *Sou assim apaysanado, domador e guitarrero. Diariamente peão campeiro, nas voltas campeio festa.* (Apaysanado)

Sdr16: *D'um potro faço a guitarra, da guitarra faço um potro. E antes que a noite me alcance, largo um e encilho o outro.* (Bastos, potros e guitarras)

Sdr17: *Meu canto é a mescla das ânsias dos que vivem dos arreios.* (Bastos, potros e guitarras)

Sdr18: *As volteadas de uma estância castigam a alma de um guapo, pois lombo cavalo não é bem o que se acha, mas um taura que se anima terceira por estas léguas virando a boca da égua num grito de vai ou racha.* (Das volteadas de uma estância)

Sdr19: *Me vou na boca de um maula, campeio e não acho a doma. Um tigre fugiu da jaula e se foi batendo carona. Resta então, um reio brabo, o dente afiado da espora, uma mancha de campo limpo e a fé em nossa senhora.* (Campo e fé)

Sdr20: *De vez em quando, quando posso, dou uma voltita no povo, tiro uns três ou quatro dias de retoço com as guria e volto pra estância de novo.* (Vida de peão)

Sdr21: *A casco, marco as razões que povoam o campo aberto, quando aparto o que é certo das mentirosas visões.* (Retrato de pampa e invernada)

Sdr22: *A cavalhada entra em forma e o índio que sabe as normas não refuga o que lhe toca.* (Das volteadas de uma estância)

Sdr23: *Peleia braba, corpo a corpo, mano a mano. Quem pode mais chora menos e a sorte pede bolada quando o destino de um sotreta e um domador fica enredado nos pastos da boca de uma picada.* (Romance do Mascarado)

Sdr24: *Morrer, mas morrer peleando, jamais afrouxar o garrão, com a pampa no coração e as inquietudes por diante. Nas recorridas de campo, até mesmo num aparte, balanceando nos fiadores ou amadrinhando um potro.* (Das volteadas de uma estância)

Sdr25: *É onde se agarra um quebra. Que tenha sangue nos olhos, pois um covarde se achica quando um malo se embodoca.* (Das volteadas de uma estância)

Sdr26: *A firmeza no garrão e a certeza no serviço. E talvez seja por isso que a pampa ande estampada num retrato de invernada na rudez do meu ofício.* (Retrato de pampa e invernada)

Sdr27: *Volto à estância novamente, pois esta vida é um confronto, rebentando aspa de bois trombando égua dos encontro.* (Vida de peão)

Sdr28: *Paleteada é lida bruta, nascida nas escramuças, quando se apartavam tropas em "machaços" atropelos. A encontro e bico de bota tirava o boi do refugio.* (Paleteada)

Sdr29: *Diz o ditado que um fronteiro não se entrega e a raça buena não nega quando vem de pai pra filho. Trago na alma o corpo de um peão de estância e uma tropilha de ânsias que tempo adentro encilho.* (De vida e tempo)

Sdr30: *Foi bem assim desde cedo. E a filosofia é essa: que bem mais taura é quem empeça o dia com pé esquerdo.* (Da alma de Dom Emílio)

Sdr31: *Vem das bibocas da história a causa que me aprofundo, quando o mundo se fez mundo na ânsia demarcatória.* (Da alma de Dom Emílio)

Sdr32: *Assim no tempo das patas, bagualas pátrias nasceram e macharronas cresceram, sendo aos crioulos muy gratas. Este é um nó que não desata, porque em cada um se arrancha.* (Da alma de Dom Emílio)

Sdr33: *E agora frente ao futuro, sinto a mesma ansiedade e não escondo a vaidade, quando encilho um pêlo duro.* (Da alma de Dom Emílio)

Sdr34: *Nos mostram que a evolução é a força que nos garante que o crioulo siga a diante sem perder a tradição.* (Da alma de Dom Emílio)

Sdr35: *Patrão, me empreste um pingo dos buenos, que tenha trote sereno pra visitar meu amor...* (No rumo de um coração)

Sdr36: *Mas volto pra estância no outro dia. A entoar melodias ao longo do corredor. Bombeando o brilho dos olhos dela ao acenar da janela do nosso rancho de amor.* (No rumo de um coração)

Sdr37: *A manga calma se transforma em aguaceiro... Onde é várzea, se tornou tudo encharcado, campo dobrado, vertente de lamaçal.* (Sob as mangas do aguaceiro)

Sdr38: *A chuva calma acolhera uma semana, inté a charqueada ainda falta um eito de chão.* (Machaço confronto)

Sdr39: *E eu de novo vou "botá" o braço na enchente, porque a crescente essa vez foi macharrona.* (Crescente macharrona)

Sdr40: *Fechou seis dias que eu lido no alagado e o banhado já virou um "tremedal. Até a baeta do meu poncho está molhada, garra ensopada de varar passo e sanga. O galpão virou um varal de arreios, oreando aperos enxaguados pela manga.* (Sob as mangas do aguaceiro)

Sdr41: *A esperança rebrota junto ao gramal, pois renasce o banhadal depois que a enchente se vai.* (Crescente macharrona)

Sdr42: *Então me olvido empreitando esta faina, pois a força divina jamais falha e nunca erra. Talvez a chuva seja o adubo já gasto, que veio "firmá" o pasto e "larga" uma graxa na terra.* (Sob as mangas do aguaceiro)

Sdr43: *Sou herança de Maragato, a velha raça caudilha. Tenho sangue farroupilha galopando em minhas veias.* (Milonga maragata)

Sdr44: *Com a rude estampa farrapa, plantei tenência de mau. E a descendência da raça, semei no eco do berro, brincando de terrear ferro com Chimango e Pica-pau.* (Milonga maragata)

Sdr45: *Pois a grito e pelegaço fiz a pátria que pertença cabrestear para um lenço maragateado de sangue.* (Milonga maragata)

Sdr46: *Debaixo do tempo feio, só a coragem sustenta! Pode faltar ferramenta, mas sobra a fibra guerreira, pois quem herda a procedência do nobre sangue farrapo só morre queimando trapo, peleando pelas ladeiras.* (Milonga maragata)

Sdr47: *Foi quando o negro atirou o corpo pra trás, pra mostrar que um par de espora não é enfeite nos garrão. Vinha o tordilho escabelando macega, dando coice nos cachorro, manoteando as maçaneta. Se vinha o pardo mais firme de quem um palanque, dava um grito e um rebenqueação e ajojava com as roseta.* (Romance do Mascarado)

SDR48: *Em rancho de china, se campiamo amor, entremo sem sono e garantimo o poso.* (Os “loco” lá da fronteira)

SDR49: *Creio em “percanta” que seja “percanta”.* (Os “loco” lá da fronteira)

SDR50: *Não me tenteia morena, porque tu és flor cheia de espinho e eu tô louco de vontade de te arrastar pro meu ninho.* (Pra bailar de cola atada)

SDR51: *Talvez, no rancho que fiz pra ela, encontre junto à janela a minha prenda de fé. Sorrindo, num olhar de primavera ao terminar sua espera escutando um chamamé.* (No rumo de um coração)

SDR52: *Sinto saudade dos carinhos da paysana, china adorada pra quem dei meu coração.* (Machaço confronto)

SDR53: *Levanto a china na anca do meu gateado, de pau-a-pique e santa fé ergo um ranchinho. Largo meu pingo lá pro fundão do banhado e passo o resto da vida a tropear carinhos.* (Machaço confronto)

**ANEXO F - CANCIONEIRO<sup>46</sup>**

Eu não nasci para o mundo,  
Para este mundo cruel.  
Só quero cortar os Pampas,  
No dorso do meu corcel  
Este meu pingo galhardo,  
Este meu pingo fiel.  
Eu sou como a tempestade,  
Sou como o rijo tufão,  
Que esmaga os vermes na terra,  
E sobre para a amplidão.  
Eu sou senhor dos desertos,  
Monarca da solidão!

---

Sou gaúcho forte, campeando vivo  
Livre das iras da ambição funesta;  
Tenho por teto do meu rancho a palha,  
Por leito o pala, ao dormir a sesta.  
Monto a cavalo, na garupa a mala,  
Facão na cinta, lá vou eu mui concho;  
E nas carreiras, quem me faz mau jogo?  
Quem, atrevido, me pisou no poncho?

---

No campo da honra andamos,  
Fevereiro, março, abril,  
Defendendo a nossa causa,  
Como filhos do Brasil.  
As pedras vertiam sangue,  
As árvores davam gemidos,

---

<sup>46</sup> Retirado de CHAVES, Flávio Loureiro. *Matéria e Invenção* - Ensaios de Literatura. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1994.

Por verem os patriotas  
Da sua pátria corridos.  
Não deis guarita aos tiranos,  
Ó altas serras do norte!  
Ó brandos campos do sul,  
A tirania traz morte.  
Quem saudoso ainda suspira  
Pelo amado cativo,  
Vá servir ao seu senhor:  
Deixe o solo brasileiro.  
Quando a voz da pátria chama,  
Devemos obedecer;  
Na frente cantando o hino:  
Ou liberdade ou morrer!  
Mais vale uma farroupilha  
Que tenha uma saia só  
Do que duas mil camelas  
Cobertas de ouro em pó.  
Viva a coluna dos livres!  
Viva o povo rio-grandense!  
Que aos olhos de todo o mundo  
Vencerá o fluminense!

---

Eu amei uma tirana  
E ela não me quis bem;  
Agora vou desprezá-la,  
Vou ser tirano também.

Tirana, feliz tirana,  
Tirana de um dolorido,  
Uma tirana de gosto  
Deixa um gaúcho perdido.

---

Quando saio a cavalo  
Montando no meu baio  
Cortando as coxilhas  
Eu não acho atrapalhado  
Com a gaita na garupa  
Pois eu a sempre tenho  
Vou dizendo que saio  
Só não sei é quando venho  
Atravesso as canhadas  
Só na macha troteada  
E numa boa sombra  
Eu faço a sesteada  
Eu abro a minha gaita  
E dou uma toada  
De coxilha em coxilha  
Só se ouve a toada  
E quando é de tardinha  
Que o sol já vai entrando  
Na casa de um fazendeiro  
Eu vou me aproximando  
Com licença moçada  
De longe eu vou gritando  
É o cancionero das coxilhas  
Que aqui ai vai chegando  
E quando 'os galos cantam'  
No romper da madrugada  
Lidando na mangueira  
Junto com a peonada  
Tomando um bom amargo  
No baio eu joga a encilha  
E alegre se despede  
O cancionero das coxilhas

---